

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI
Filozofická fakulta
Katedra romanistiky

**Uso da gíria inglesa na comunicação dia-a-dia
pelos estudantes universitários portugueses**

**The use of English slang in daily communication
by Portuguese university students**

(Magisterská diplomová práce)

Autor: Bc. Nikoleta Rigová
Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Olomouc, 2023

Čestné prehlásenie

Prehlasujem, že som túto magisterskú diplomovú prácu vypracovala samostatne pod odborným vedením Mgr. Petry Svobodovej, Ph.D. a uviedla v nej všetku literatúru a ostatné zdroje, ktoré som použila.

Olomouc, 11.05.2023

.....

podpis

Pod'akovanie

Moja vďaka patrí Mgr. Petre Svobodovej, Ph.D. za vedenie mojej práce. Vďaka patrí taktiež aj mojej rodine, ktorá pri mne stojí a podporuje ma. Miške, Lukáškovi, Monike a Evičke, bez vás by to nešlo. Ďakujem!

ÍNDICE

<u>Introdução</u>	5
1. <u>Parte linguística – termos e conceitos linguísticos</u>	7
1.1. Code-switching, code-mixing, code-borrowing	7
1.1.1. Code-switching	7
1.1.2. Code-mixing	9
1.1.3. Code-borrowing	10
1.2. Variação lexicológica	12
1.2.1. Conceitos de gíria e calão	13
2. <u>Parte sociolinguística</u>	16
2.1. A comunidade de fala	16
2.2. Variação sociolinguística	19
2.2.1. Influência do gênero na língua	19
2.2.2. Influência da sexualidade na língua	22
2.2.3. Influência da idade na língua	25
2.2.4. Influência do inglês em contato com a língua portuguesa	28
2.2.5. Influência da cultura popular na língua	30
2.2.6. Aspectos sociais da geração Z e a sua influência à língua	32
3. <u>Análise dos vocábulos da pesquisa</u>	34
3.1. Significado das palavras da pesquisa	34
3.1.1. TEA	34
3.1.2. RED FLAG	34
3.1.3. SLAY	34
3.1.4. PERIODT	35
3.1.5. BAE	35
3.1.6. CANCELED	35
3.1.7. SUS	36
3.1.8. FLEX	36
3.2. Análise dos vocábulos da pesquisa – variação lexicológica	36
3.3. Os pressupostos dos resultados da pesquisa	37
4. <u>Análise dos dados coletados</u>	40
4.1. TEA	41
4.2. RED FLAG	46
4.3. SLAY	51
4.4. PERIODT	56
4.5. BAE	61
4.6. CANCELED	66
4.7. SUS	71
4.8. FLEX	76
4.9. Os outros anglicismos indicados pelos informantes da pesquisa	81
5. <u>Conclusão</u>	82
5.1. Resultados da pesquisa dos anglicismos em relação com os pressupostos	82
5.2. Resultados e fatores influenciadores do uso dos anglicismos escolhidos em geral. ..	84

Introdução

Língua é um instrumento de comunicação cuja propriedade, uma das mais essenciais, é que sempre sofre algumas mudanças, ou gramaticais, ou lexicais. Essas mudanças são causadas pelo desenvolvimento de linguagem e também, o que faz parte do objetivo deste trabalho, por causa do contacto com outras línguas, ou seja, por causa da influência que tem uma língua sobre outra. Neste trabalho, trata-se da influência lexical da língua inglesa sobre língua portuguesa.

Neste tempo, pode-se dizer com segurança, que o inglês é o idioma mais influente no mundo. No século XX, é possível observar um “boom” da língua inglesa causado por se ter tornada língua franca, em outras palavras, língua de comunicação das pessoas ao redor do mundo que têm línguas maternas diferentes. Primeiramente, a influência pode ser observada no sistema de comércio, com as palavras como *marketing*, *meeting* ou *manager*, pouco a pouco, dominam conversações de negócios e os seus equivalentes portugueses *comercialização*, *encontro* e *gestor* perdem a sua popularidade. Ao mesmo tempo, esse fenómeno encontra-se na área de informática com as palavras *download*, *e-mail* ou *website* que estão cada vez mais presentes em comparação com as palavras portuguesas *baixar*, *correio electrónico* e *página web*. Claro que as duas áreas referidas não são as únicas onde se encontram anglicismos, ou seja estrangeirismos provenientes da língua inglesa, porém são as áreas que parecem para falantes do português, marcantes.

Nos últimos anos, com o nascimento da nova geração, geração Z (que é também chamada nativos digitais e caracterizada pela sua familiaridade com a Internet e smartphones) tem surgido um fenómeno que muda o abrangimento lexical dessas pessoas. Estando sempre em conexão, sempre em estado online no mundo cyber, o uso dos smartphones demole barreiras entre pessoas, países e em consequência entre as línguas. Redes sociais criam e influenciam cultura popular, que depois penetra nas nossas vidas, na nossa comunicação dia-a-dia. A língua usada nesse contexto é, em alguns casos, somente inglês, por causa disso, o que é possível observar é uso dos vocábulos ingleses em conversa cotidiana. Tal como alguma coisa se torna “trending” e em alguns momentos fica esquecida, a língua segue esse padrão com enriquecimento do léxico, ou por criação de novas palavras, como por exemplo *sus*, *bae*, ou, o que é possível observar mais frequentemente, por atribuição dum novo significado às palavras, como por exemplo *tea*, *red flag*, *slay*. Esse enriquecimento do léxico ocorre mais rápido em correspondência de cultura popular que é também altamente dinâmica.

Sendo tão conectados através da língua inglesa, a questão é como reagem os falantes do português a esta dinâmica. O que acontece com os neologismos que entram no nosso léxico passivo em língua estrangeira quando são introduzidos ao nosso léxico ativo? Permanecem na língua estrangeira ou adquirem algum equivalente? Existem alguns fatores que interferem nesse processo? Este trabalho tem como grupo focal geração Z, ou seja, pessoas nascidas entre meados de anos 90 e por volta de 2010, estudantes do ensino secundário e estudantes universitários, porém são os estudantes universitários que são os informantes desta pesquisa. Os fatores ponderados que podem ter influência no uso dos estrangeirismos são género, idade, sexualidade, nível de inglês e também a universidade que os informantes frequentam. Neste trabalho serão considerados estudantes de três grandes universidades de Portugal – Universidade de Lisboa, Universidade do Porto e Universidade do Algarve. Ao mesmo tempo, um dos fatores são as situações nas quais se usam os estrangeirismos, quer dizer, na conversa com pessoas de que idade usam-se os anglicismos e com qual frequência usam-se na fala em comparação com espaço online. Supõe-se que nas várias comunidades vai haver diferenças no uso dos estrangeirismos ingleses. O objetivo deste trabalho é por um lado encontrar e nomear estas diferenças, mas por outro lado identificar circunstâncias em que a variação linguística destas comunidades entremesclar-se.

O trabalho considera oito vocábulos: *tea*, *red flag*, *slay*, *periodt*, *bae*, *canceled*, *sus* e *flex*. As palavras para este trabalho foram escolhidas depois duma pesquisa dos anglicismos usados nas redes sociais por criadores de conteúdos portugueses, nos *reality shows* portugueses e na conversa dos estudantes universitários portugueses. O objetivo é sistematizar o uso desses estrangeirismos e determinar os fatores influenciadores baseados na pesquisa feita através dos respondentes das três universidades portuguesas acima mencionadas. Simultaneamente, a tese pretende pesquisar o uso dos equivalentes portugueses desses termos escolhidos, seja os falantes criam tradução literal das palavras com o novo sentido, seja usam só os anglicismos na sua fala dia-a-dia.

1. Parte linguística – termos e conceitos linguísticos

Nesta parte do trabalho, apresentam-se os termos linguísticos significativos para abordagem da pesquisa de uso dos anglicismos. No primeiro lugar, introduzem-se os termos code-switching, code-mixing e code-borrowing para mostrar as diferenças entre vários tipos de misturas e influências entre as línguas. E no segundo lugar, trata-se de variação lexicológica, isto é, apresentação de variedade de vocábulos existentes no nosso léxico, com foco na gíria.

1.1.Code-switching, code-mixing, code-borrowing

Existem mais teorias para definir code-switching, code-mixing e code-borrowing, ou seja, como um falante mistura mais línguas na sua fala, para definir os motivos e as situações em quais se encontra na fala das pessoas. Existem teorias em que o termo code-mixing não se usa e os linguistas abrangem as misturas de duas línguas na fala de qualquer tipo num termo só – code-switching. Ademais, ainda que code-switching e code-borrowing existam nas teorias de maioria dos linguistas, não todos estão em concordância de que se trata de fronteira entre os dois fenômenos. Neste capítulo, preferem-se todos os três termos – code-switching, code-mixing a code-borrowing e abordar-se-á a diferença entre eles.

1.1.1. Code-switching

Code-switching é considerado como um resultado de bilinguismo, ou multilinguismo, quer dizer, quando a pessoa fala mais de uma língua fluentemente tem a opção de escolher qual língua vai usar em cada situação. É importante acentuar, que segundo os vários estudos de code-switching, os linguistas confirmam que para designar fala de alguma pessoa como code-switching é necessário para a pessoa ter alto conhecimento da segunda língua.

As condições de code-switching, se calhar mais típicas, são nas famílias e comunidades multilingues, onde por exemplo uma família imigrante eslovaca em Portugal na sua casa fala eslovaco mas quando estão em trabalho ou escola falam português. Isto acontece também em países onde os membros duma comunidade falam mais línguas, por exemplo, do mundo lusófono, em Angola as pessoas nas situações informais falam a sua língua africana nativa e depois nas situações formais falam português. Este fenômeno chama-se code-switching situacional quando “... the switches between languages always coincide with changes from one external situation (for example, talking to members of the family) to another (for example, talking to the neighbours).”¹ Cada língua é importante e significativa para cada

¹ R. A. Hudson, *Sociolinguistic*, Second Edition (New York: Cambridge University Press, 1996), 52.

comunidade dos falantes e durante a sua vida as pessoas ganham consciência sobre quando escolher cada língua como parte do seu conhecimento linguístico. Neste caso, o ambiente social influencia o falante na sua escolha.

Por outro lado, como um oposto de code-switching situacional, encontra-se o termo code-switching metafórico que em contraste determina a situação em vez de ser determinado por ela. O falante ou ignora a situação social, ou a situação é tão inexata que através a sua escolha da língua o falante determina-a.² Como exemplo, pode-se propor a já mencionada Angola. O code-switching metafórico seria considerado na situação quando dois colegas de trabalho dominam a mesma língua africana e português, na conversa formal sobre assuntos do mundo trabalhador falam português mas quando na mesma conversa mudam o tópico ao assunto familiar mudam para língua africana. Assim, os falantes ignoram o ambiente social em que ficam e escolhem determinar a sua situação através da sua língua.

Janet Holmes e Nick Wilson no seu livro *An Introduction to Sociolinguistics* adicionam mais dois tipos de code-switching que especificam mais as situações quando o falante pode misturar as línguas. O primeiro é chamado code-switching emblemático que se usa como um sinal de solidariedade com o interlocutor, com o seu grupo étnico ou comunidade. Além disso, neste caso o bilinguismo da pessoa não é tão importante porque para mostrar a solidariedade o falante pode usar só algumas frases ou palavras e assim não dominar com fluidez a língua.³ A situação onde pode-se encontrar o code-switching emblemático é, por exemplo, nas famílias de imigrantes para Portugal de Cabo Verde quando as crianças nascidas em Portugal não têm tão grande contato com crioulo cabo-verdiano, não dominam o crioulo em tal tamanho, porém quando ficam na comunidade dos cabo-verdianos usam algumas frases em crioulo para mostrar que pertencem a mesma comunidade ou etnicidade.

O segundo tipo é code-switching referencial que denomina a mudança entre línguas das pessoas que sentem maior facilidade de exprimir as suas ideias dum tópico numa língua.⁴ Pode concernir, por exemplo, estudantes portugueses que estudam em inglês e quando conversam sobre escola, sobre as disciplinas mudam para inglês porque os assuntos foram abordados em inglês só. O code-switching referencial é também chamado nas situações

“... a transição entre línguas sempre coincide com mudanças numa situação externa (por exemplo, falando com membros da família) para outra (por exemplo, falando com os vizinhos).”

²Cf. *Ibid.*, 53.

³ Cf. Janet Holmes and Nick Wilson, *An Introduction to Sociolinguistics*, Sixth edition (New York: Routledge, 2022), 44.

⁴ Cf. *Ibid.*, 46.

quando uma pessoa cita a outra usando a língua diferente do que é a língua da conversa.⁵ Por exemplo, na família dos eslovacos que moram em Portugal, a criança pode citar à mãe o que a professora exatamente disse em português sem traduzir a fala da professora, apesar de a criança e a mãe estarem a ter a conversa em eslovaco.

1.1.2. Code-mixing

A diferença entre code-switching e code-mixing é que o code-switching influencia ou é influenciado por alguma situação enquanto code-mixing é arbitrário, feito ao acaso. Code-mixing define a situação ambígua quando o falante não considera nenhuma das suas línguas como apropriada para a sua conversa e escolhe misturar as línguas. “To get the right effect the speakers balance the two languages against each other as a kind of linguistics cocktail ...”⁶

A definição pode parecer muito semelhante com a definição de code-switching metafórico, visto que a escolha é do falante e não se entrega à situação social, se calhar por esta razão Janet Holmes e Nick Wilson não usam o termo code-mixing e preferem incorporar este “coctail linguístico” no termo code-switching metafórico. Todavia, existe mais uma diferença que apoia a divisão de code-switching e code-mixing, que não é mencionada por Holmes e Wilson. Vários linguistas estão de acordo que code-mixing acontece numa frase, e determina a mistura de diferentes unidades linguísticas como palavras, morfemas, expressões. Por outro lado code-switching acontece num discurso e a mistura das línguas é feita através de fronteiras duma frase.⁷ Por esta razão, neste trabalho prefere-se distinguir os dois tipos de mistura de línguas na fala apesar de terem muitos traços semelhantes.

Há dois lados de code-mixing com os quais os linguistas se ocupam. Visto que a mistura de unidades linguísticas acontece dentro duma frase, existem algumas regras gramaticais que limitam code-mixing? O outro lado é o lado de conhecimento léxico das pessoas que inclinam ao *code-mixing*. Será que os falantes usam unidades linguísticas de duas línguas diferentes numa frase porque o conhecimento das línguas não está tão forte, ou será, o contrário, ou seja que o seu conhecimento linguístico é tão forte que é natural para estes falantes alternar entre as duas línguas? Essas duas questões linguísticas adicionalmente apoiam a distinção entre code-switching e code-mixing.

⁵ Cf. Ibid., 46-47.

⁶ Hudson, op. cit., 53.

“Para ganhar o certo efeito o falante balança as duas línguas uma contra outra como um tipo de coctail linguístico ...”

⁷Cf. Eunhee Kim, “Reasons and Motivations for Code-Mixing and Code-Switching”, *Issues in EFL*, vol. 4, no.1 (primavera 2006), 45.

1.1.3. Code-borrowing

O termo code-borrowing pertence ao termo empréstimo usado na linguística portuguesa. A grande diferença entre code-switching/code-mixing e code-borrowing é que o vocábulo que é emprestado duma língua torna-se parte da outra. A motivação para utilização das palavras emprestadas duma outra língua pode ser ou o falante quer associar-se com o estereótipo social que a língua oferece, ou simplesmente não existe nenhum equivalente da palavra na língua que o falante usa. No caso de code-borrowing, o conhecimento da língua de origem da palavra não tem que ser grande, até pode ser inexistente.⁸ Tendo esta caracterização em mente, pode-se dizer que as palavras que fazem parte de questionário deste trabalho são exemplos de code-borrowing visto que as palavras são usadas por um grupo dos falantes que querem aproximar-se da cultura de jovens criada por língua inglesa ou não conseguem encontrar um equivalente das palavras na língua portuguesa.

Vários linguistas destacam a importância entre palavras emprestadas de outras línguas que ainda são distinguidas pelas pessoas ordinárias como palavras da língua estrangeira. Como por exemplo em português *marketing* ou *manager*, que são marcadas como anglicismos. Por outro lado, há palavras que pessoas já não associam com nenhuma língua, mesmo que tenham sido emprestadas, como por exemplo em português *bife* ou *ketchup*. Palavras assim são nomeadas empréstimos históricos. Por outro lado, existe termo usado na linguística chamado neologismos por empréstimo que pode servir como um oposto dos empréstimos históricos, visto que neologismos são definidos como “... uma unidade lexical de criação recente, uma aceção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a um outro código linguístico.”⁹ Segundo Antônio José Sandmann, existem três tipos de neologismos por empréstimo, isto é, lexicais, morfossintáticos e semânticos. Este trabalho concerne os lexicais, dado que “ocorre quando há incorporação de palavra estrangeira em sua forma original, seja no aspecto fonológico-ortográfico (*pizza*), ou no ortográfico (*clip* e *grid*).”¹⁰

Neste instante é importante destacar dois termos que muitas vezes são na teoria linguística portuguesa trocáveis, isso é empréstimo e estrangeirismo. Empréstimos, já como foi

⁸ Cf. Hudson, op. cit., 55.

⁹ Ieda Maria Alves, “A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português”, *Alfa*, v. 28 supl. (São Paulo: 1984), 119.

¹⁰ Flavio Biasutti Valadares, “Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística”, *Revista Vozes dos Vales*, n.6 (Minas Gerais: Publicações Acadêmicas, Outubro, 2014), 4.

mencionado acima, são o resultado de processo de code-borrowing. “O termo empréstimo designa uma palavra estrangeira adotada pela língua, empréstimo externo, mas também pode ser usado para designar um termo de linguagem especial ou técnica que passou para o uso geral, empréstimo interno.”¹¹ Neste caso, fala-se de empréstimos externos, visto que foram adotados à língua portuguesa sob a influência de inglês. Este fenômeno é muito importante não só para língua mas também para sociedade, dado que é consequência de contato entre diferentes culturas, e no mundo como se conhece hoje, é inevitável. Hoje é mais fácil adotar e ser influenciado por outra língua, especialmente a língua inglesa, já que é língua franca usada em muitas partes da vida das pessoas, no trabalho, nas lojas, nas redes sociais, e o contato com inglês é cotidiano, sem necessidade de buscar as suas fontes. Por outro lado, este fenômeno pode ser esmagador, por isso dá-se, também, importância à tendência de valorizar os vocábulos portugueses. Por esta razão, distinguem-se dois tipos de empréstimos – empréstimos necessários e empréstimos de luxo. Já como o nome dá pista, os empréstimos necessários são palavras que não têm equivalente em português e portanto é necessário usar a palavra de outra língua, por exemplo *karaoke*. Os empréstimos de luxo são palavras que têm equivalente português, mas há preferência de usar o empréstimo, por exemplo *marketing* e *comercialização*.

Estrangeirismo, por sua vez, é um termo frequentemente discutido neste campo da linguística, dado que não existe uma clara visão entre todos os linguistas como defini-lo. Há linguistas para os quais os termos empréstimo e estrangeirismo têm o mesmo valor e, são trocáveis. Por exemplo, Carlos Alberto Faraco define estrangeirismo assim:

“é um emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo.”¹²

Por outro lado, há teorias linguísticas que fazem distinção entre estes dois termos. Mattoso Câmara Jr. diz: “... os empréstimos vocabulares (v.) não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante.”¹³ Segundo esta definição, os estrangeirismos podem ser considerados como uma subcategoria dos

¹¹ Nelly Medeiros de Carvalho, “A criação neológica”, *Revista Trama*, vol. 2, n.4 (2º semestre de 2006), 200.

¹² Carlos Alberto Faraco (org.), *Estrangeirismos – guerras em torno da língua* (São Paulo: Parábola, 2001), 15, apud Flavio Biasutti Valadares, “Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística”, *Revista Vozes dos Vales*, n.6 (Minas Gerais: Publicações Acadêmicas, Outubro, 2014), 6.

¹³ Mattoso Câmara Jr., *Dicionário de linguística e gramática* (Petrópolis: Vozes, 1977), 111, apud Edyta Jablonka, “Estrangeirismos e moda – exemplos das revistas e das páginas web portuguesas e polacas”, *Romanica Cracoviensia* (Novembro 2011), 188.

empréstimos, ou seja, estrangeirismos são as palavras emprestadas que ficam com a forma da sua língua original e ainda não se naturalizaram na língua portuguesa, não passaram por processo de aportuguesamento. Melhor dizendo, estrangeirismo pode-se, em alguns casos, considerar como um estdo inicial do empréstimo, quando fica nos primeiros momentos de contato e não sofre nenhuma mudanças por lado de falantes, ortográficas ou fonológicas.

Ademais, alguns destes estrangeirismos podem passar por processo chamado decalque. Este processo consiste em tradução literal da palavra estrangeira para o português, que é depois usada no mesmo contexto. Um exemplo de decalque é a palavra *arranha-céu* que vem do inglês *skyscraper*, ou também *cartão de crédito* de *credit card*. Há várias exemplos deste fenômeno na língua portuguesa, em que a palavra é resultado de influência da língua estrangeira mas parece como palavra verdadeiramente portuguesa.

1.2. Variação lexicológica

Língua usa léxico como o seu instrumento para exprimir as ideias e os pensamentos. Léxico é um conjunto das palavras que servem como elementos básicos para comunicação que é, conseqüentemente, utilizado para criação dum vocabulário único para cada pessoa visto que o vocabulário é uma selecção das palavras que a pessoa usa na sua vida cotidiana. Nas palavras de linguista português Mário Vilela:

“o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística; o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.”¹⁴

Assim, na linguística, nomeadamente na área de lexicologia, existem termos como léxico-não-marcado e léxico-marcado. No grupo de léxico sem nenhuma marcação encontram-se palavras neutras e básicas sobretudo designam-se assim palavras gramaticais, como por exemplo preposições, pronomes ou conjunções. Maioria do léxico constitui-se pelo léxico marcado e assim forma-se uma das maneiras de variação linguística.

Essa marcação do léxico tem mais aspetos. Um deles é marcação emocional (também chamada expressiva) que como o nome indica tem a ver com expressão das emoções quer positivas quer negativas. Por exemplo, pode-se pôr em contraste as palavras *bonito* e *feio*. Estereotipicamente, a palavra *bonito* é conectada com sentido positivo enquanto a palavra *feio*

¹⁴ Mario Vilela, “O léxico do Português: perspectiva geral”, in *Filologia e Linguística Portuguesa n.1* (São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997), 31-32.

evoca sentido negativo. A segunda marcação, marcação diafásica (também chamada estilística) depende do estilo da comunicação, ou seja se o falante está a produzir por exemplo uma comunicação jurídica (ex. *mandado*), ou administrativa (ex. *destinatário*), ou coloquial (ex. *fixe*). A seguinte marcação é diastrática (também chamada social) que determina os grupos sociais e a sua utilização dos certos vocábulos. Neste ponto de vista, podem ser considerados grupos sociais baseados na idade, no nível de educação ou também na representação de alguma profissão. Por exemplo, o estrangeirismo *sus* é marcante para jovens até crianças e a palavra *byte* é usada por alguém que trabalha na área de informática. A marcação diatópica (também chamada geográfica) assinala palavras que são típicas para certos dialetos e regionalismos. Isto, por exemplo, exemplifica-se na utilização de palavras diferentes que designam um copo de cerveja. Em Lisboa usa-se o termo *imperial* enquanto no Porto o termo *fino*. O último tipo de marcação é marcação diacrónica (também chamada cronológica) que divide as palavras em neologismos e arcaísmos, ou seja, palavras novas e palavras arcaicas. Por exemplo, a palavra *procela* é considerada como arcaísmo e a palavra *clique* considera-se neologismo.

1.2.1. Conceitos de gíria e calão

A gíria e o calão são muitas vezes designados na linguística como linguagem especial, e em alguns casos chamam-se linguagem jovem. Ambos conceitos são lexicamente marcados, especialmente fala-se de marcações diafásica e diastrática, visto que falantes usam vocábulos da gíria e do calão em ambiente, muitas vezes, informal para se identificar com grupos sociais através o seu comportamento linguístico.

Ainda que existam incertezas em definição das diferenças entre a gíria e o calão, posto que os dois conceitos são muito próximos, encontram-se aspetos na linguística que fazem clara distinção entre eles. Por um lado, a descrição da gíria: “Caraterizada como um vocabulário especial, a gíria surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de grupos ou profissões).”¹⁵ Segundo esta caracterização de Preti, a gíria serve como um instrumento de comunicação dentro duma comunidade de fala, um instrumento que pode desempenhar a função de identificação duma comunidade. A gíria estuda-se sob duas perspetivas. A primeira concentra-se na gíria de grupo, quer dizer, linguagem de grupos sociais que se querem afastar da maioria de sociedade. Podem ser grupos de pessoas que

¹⁵ Dino Preti, *A gíria e outros temas* (São Paulo: T.A. Queiroz, 1984), 3.

compartilham o mesmo gosto da música, jogam o mesmo esporte, simplesmente compartilham alguns outros passatempos ou também pode ser um grupo de pessoas que andam à mesma universidade. Todavia, os grupos podem também ser caracterizados por atos ilegais como uso e venda de drogas, roubo e outros crimes, por ambiente de prisão.¹⁶ Este fato, no passado criou uma má reputação de uso da gíria, porque foi conetada com pessoas criminosas, ou com pessoas pobres, de classes sociais baixas, o que implicou menor prestígio da gíria na linguagem. A segunda perspectiva concentra-se na gíria comum, ou seja, na gíria que se estende entre pessoas através do contato entre os grupos sociais, torna-se parte do vocabulário popular e não serve mais como um instrumento de identificação dum grupo social específico.¹⁷ Este processo de tornar vocábulos mais comuns na língua popular ajuda com perda de preconceitos sobre a gíria. Como já foi dito, a gíria no passado, e sem dúvidas em alguns casos hoje, traz prejuízo sobre pessoas que a usam. Segundo Dino Preti, os média jornalísticos e escritores modernos ajudam, nesta época, com diminuição destes preconceitos.¹⁸ Tem que ser adicionado que nos últimos anos, redes sociais também têm papel importante neste aspeto.

Estas duas perspectivas trazem, juntamente, dois pontos de vista sobre a gíria. Um ponto de vista, que é mais preferido por jovens, é que gíria é cheia de inovação, criatividade, que é revolucionária. “It represents whatever is most real in the present moment; it’s a badge of our loyalties and aspirations.”¹⁹ Conhecer e criar a gíria é para jovens um ato de identidade, ao mesmo tempo, é como uma criação duma língua secreta entre uma comunidade. É a gíria que pode criar um desentendimento entre não só grupos sociais diferentes mas também entre gerações diferentes. Por outro lado, o prejuízo que é mencionado acima não desapareceu, há situações e grupos sociais que condenam utilização da gíria porque é algo contra regras. Os preconceitos vêm, por exemplo, do lado das gerações mais idosas, por causa de desentendimento e por causa de valorização de costumes.

A definição do calão tem muitos traços semelhantes, de acordo com Lima: “Calão é a língua especial das classes que vivem à margem da sociedade, de caráter acentuadamente esotérico, artificialmente ‘fabricada’ – diz Dauzat – para se poderem compreender entre si os indivíduos

¹⁶Cf. Dino Preti, “A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social“, in *Fala e escrita em questão* (São Paulo: Humanitas, 200), 245.

¹⁷Cf. Ibid.

¹⁸Cf. Ibid., 248.

¹⁹Julie Coleman, *The life of slang* (New York: Oxford University Press, 2012), 1.

“Representa qualquer coisa que é o mais real no momento presente; é emblema dos nossos lealdades e aspirações.”

de certo grupo, sem serem entendidos pelos não-iniciados.”²⁰ Desta descrição percebe-se que tal como gíria de grupo, o calão serve como instrumento de comunicação dentro duma comunidade. O que, então, faz os dois diferentes pode-se encontrar na caracterização do calão por Sílvio Elia:

“O português calão se emprega para caracterizar a linguagem grosseira, recheada de termos obscenos, linguagem de arrieiros, como se dizia antigamente. Não se trata, porém, de linguagem secreta; ao contrário, o calão é geralmente conhecido pelos membros de qualquer camada da sociedade, mas evitado em meios e momentos em que a boa educação o repele. É, pois, um *tabu* social.”²¹

O elemento muito importante do calão é o seu lado grosseiro, mal-educado. É verdade, que foram mencionados preconceitos à respeito da gíria também, mas esses originam por causa de incompreensão, por causa de inovação, similarmente como todas as novidades enfrentam. Porém, o calão recebe os preconceitos por causa da sua conotação rude e bruta, tornando-se um tabu na sociedade. Ademais, Elia afirma, em contraste com Lima, que certos vocábulos de calão não são típicos para certas comunidades, mas são conhecidas por todos, do mesmo modo que gíria comum.

Para concluir, comparam-se as definições dos dois termos no dicionário da língua portuguesa chamado Priberam²². Nele, a gíria caracteriza-se como:

1. Linguagem característica de um grupo profissional ou sociocultural. = JARGÃO
2. Linguagem usada por determinado grupo, geralmente incompreensível para quem não pertence ao grupo e que serve também como meio de realçar a sua especificidade.
3. Linguagem considerada grosseira ou rude. CALÃO

Calão define-se como:

1. Linguagem considerada grosseira ou rude.
2. Linguagem de um grupo restrito. = GÍRIA

Em vista disso, pode-se constatar que a fronteira entre o que é gíria e o que é calão é muito fina. A única coisa, que os distingue, e não em todos os pontos de vista, é o elemento grosseiro do calão.

²⁰ Carlos Henrique da Rocha Lima, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43ª edição (Rio de Janeiro: José Olympio, 2003), 6.

²¹ Sílvio Elia, *Sociolinguística: uma introdução* (Rio de Janeiro: Padrão, 1987), 72.

²² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>

2. Parte sociolinguística

Nesta parte apresenta-se o conceito importante na análise sociolinguística - comunidade de fala. Ademais, aborda-se o conceito de variação sociolinguística, ou seja, os fatores sociolinguísticos que influenciam a nossa linguagem. Os fatores, nomeadamente, são o fator de género, o fator de sexualidade, o fator de idade, o fator de contato de inglês e português e o fator de papel influente de cultura popular. Além disso, introduz-se a geração Z como grupo focal da pesquisa e as suas características sociais.

2.1. A comunidade de fala

A comunidade de fala, também chamada a comunidade linguística, é um termo encontrado na área de sociolinguística que é considerado um termo necessário e, ao mesmo tempo, um termo controverso. A razão da controversia é que existem muitos pontos de vista para definir o que exatamente é a comunidade de fala, qual são os fatores que identificam essa comunidade, se são só fatores linguísticos ou também sociais e como podem-se definir as fronteiras duma comunidade, especialmente tomando em conta que há muitas perspectivas que admitem que a língua tem nível individual.

Ponderam-se mais definições de comunidade de fala por vários linguistas. Por exemplo, Leonard Bloomfield define-a: “A group of people who use the same system of speech-symbols is a *speech-community*. Obviously the value of language depends upon people’s using it in the same way ... A speech-community is a group of people who interact by means of speech.”²³ Nesta descrição, encontram-se somente fatores linguísticos que descrevem o termo de maneira superficial. Nas palavras de Bloomfield todos os falantes do português percebem-se como uma comunidade de fala sem nenhuma clara especificação de possibilidade de variação dentro daquela comunidade.

Outro linguista americano, John J. Gumperz adiciona elemento social na sua caracterização de comunidade de fala. “A social group which may be either monolingual or multilingual, held together by frequency of social interaction patterns and set off from the surrounding areas by weaknesses in the lines of communication.”²⁴ Quer dizer, esta definição caracteriza

²³ Leonard Bloomfield, *Language* (New York: Henry Holt & Co., 1993), 29-42, apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics* (Chichester: John Wiley & Sons, 2013), 106.

“Um grupo das pessoas que usam o mesmo sistema de sinais de fala é comunidade de fala. Obviamente, o valor da língua depende das pessoas e seu uso da língua na mesma maneira ... A comunidade de fala é um grupo das pessoas que interagem por meio de fala.”

²⁴ John J. Gumperz, “Types of linguistics communities”, *Anthropological Linguistics* 4 (1962): 31, apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics* (Chichester: John Wiley & Sons, 2013), 106.

comunidade de fala por meio de interações sociais. Uma comunidade de fala é unida por fácil comunicação, enquanto as fronteiras da comunidade são definidas por aquela fraqueza na comunicação, isto é, já não se pode falar de comunidade de fala quando se encontra alguma forma de incompreensão entre as pessoas. Alguns anos depois, Gumperz altera a sua definição e adiciona o aspeto linguístico quando determina essa interação como “... frequent interaction by means of a shared body of verbal signs...”²⁵ Seja como for, o elemento social adicionado oferece a possibilidade de variação dentro duma comunidade, ou seja, pode-se entender que uma comunidade de fala tem subcomunidades, ou seja, numa comunidade de fala de falantes do português pode existir uma fraqueza em linhas de comunicação mencionada por Gumperz. Por exemplo, os avós podem dizer que tem três aposentos na sua casa e os seus netos, mais vezes não do que sim, vão perceber que os avós falam dos quartos. Deste jeito, pode-se supor que numa comunidade de fala de falantes do português existem subcomunidades baseadas na idade das pessoas.

O elemento social é mais confirmado na teoria de Dell Hymes que descreve uma comunidade de fala como: “A social rather than linguistic entity. One starts with a social group and considers the entire organization of linguistic means within it.”²⁶ Ou seja, segundo Hymes, a comunidade de fala é no primeiro lugar determinada por aspetos sociais, os traços linguísticos não se consideram como fator determinante, mas como, pode-se dizer, produto dum grupo social. Portanto, pode-se ver uma visão diferente deste termo onde o aspeto social determina o aspeto linguístico. Este ponto de vista pode também apoiar a percepção de comunidade e subcomunidades, visto que um indivíduo pertence a mais do que só uma identidade social. Uma mulher de 25 anos provindo de Angola que trabalha como médica em Lisboa identifica-se com vários grupos sociais como mulheres, jovens, angolanos, médicos ou lisboetas e para cada este grupo existe uma variação linguística que o define. Porém, obviamente há elementos que coincidem e por exemplo, sendo médica significa que também pertence num grupo social com pessoas de maior nível de educação. Falando duma comunidade de fala não significa que é uma comunidade isolada, porque existem relações entre elas.

“Grupo social que pode ser ou monolingué ou multilingué, mantido unido por frequência de padrão de interação social e partido de área circundante por fraqueza em linhas de comunicação.”

²⁵ John J. Gumperz, “The speech community” in David L. Sills (ed.), *International Encyclopedia of the Social Sciences* (New York: Macmillan and Free Press, 1968), 381, apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics* (Chichester: John Wiley & Sons, 2013), 106.

“... interação frequente por meio de corpo compartilhado de sinais verbais ...”

²⁶ Dell Hymes, *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach* (Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1974), 47, apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics* (Chichester: John Wiley & Sons, 2013), 106.

“Entidade social em vez de linguística. Um começa com um grupo social e considera a organização inteira de meios linguísticos dentro dela.”

Em contrapartida, Robert Le Page omite, inteiramente, o uso do termo comunidade de fala. Designa grupos na sociedade que têm características de fala distintas, porém o que difere é a crença que o indivíduo escolhe o grupo em que quer existir, não é definido por aspectos sociais. Le Page diz que cada pessoa cria o seu comportamento verbal e pode identificar-se com um ou mais grupos, com a condição de que seja capaz identificar, observar e analisar os grupos e que seja capaz adaptar o seu comportamento.²⁷ A abordagem de Rober Le Page é a primeira que oferece uma clara identificação dum indivíduo com mais de uma identidade sociolinguística ainda que não se dirija ao termo de comunidade de fala. A grande diferença faz a opinião que não é o ambiente social que influencia os falantes mas são mesmo os falantes que escolhem a sua identidade social e então linguística.

Para concluir os diferentes pontos de vista, nota-se a definição de Dwight Bolinger que numa certa maneira liga os importantes aspectos das definições indicadas acima.

“There is no limit to the ways in which human beings league themselves together for self-identification, security, gain, amusement, worship, or any of the other purposes that are held in common; consequently there is no limit to the number and variety of speech communities that are to be found in society.”²⁸

A caracterização de Bolinger visivelmente retrata a caracterização da comunidade de fala que é preferida nesse trabalho, isso é, que na sociedade existem numerosas comunidades de fala, que não são isoladas, mas sim compartilham indivíduos e sistemas de língua. Neste aspeto, a teoria de Robert Le Page seria também satisfatória mesmo que não opere com o termo comunidade de fala, porém, o que, nesse caso, é considerado como controvérsia e não ganha muito concordo é que a ênfase coloca-se em indivíduo que escolhe o seu grupo na sociedade. Essa noção contraria a teoria do sociolinguista mais influencial de William Labov que disse: “Language is not a property of the individual, but of the community as its object if it is to do justice to the elegance and regularity of linguistic structure.”²⁹

²⁷ Cf. Robert Le Page and A. Tabouret-Keller, *Acts of Identity: Creole-Based Approaches to Language and Ethnicity* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985), apud R. A. Hudson, *Sociolinguistic*, Second Edition (New York: Cambridge University Press, 1996), 26. Tradução nossa.

²⁸ Dwight Bolinger, *Aspects of Language*, Second Edition (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975), 333 apud R. A. Hudson, *Sociolinguistic*, Second Edition (New York: Cambridge University Press, 1996), 26. “Não há limite para as maneiras em que se ser humano liga junto para auto-identificação, segurança, ganho, divertimento, adoração ou qualquer outros propósitos que partilham; consequentemente não há limite para número e variedade de comunidades de fala que são encontradas na sociedade.”

²⁹ William Labov, “Exact Description of the Speech Community: Short A in Philadelphia” in R. Fasold and D. Schiffrin, eds., *Language Change and Variation* (Amsterdam: Benjamins, 1989), 52, apud apud R. A. Hudson, *Sociolinguistic*, Second Edition (New York: Cambridge University Press, 1996), 30.

2.2. Variação sociolinguística

Sociolinguística estuda a relação entre a língua e a sociedade. Essa relação é considerada importante para a aprendizagem da língua por muitos linguistas que creem que esse processo de aprendizagem é social e depende da interação entre pessoas. Crêem que ambiente e identidade social das pessoas que circundam a criança na sua conquista do conhecimento da sua primeira língua têm papel significativo nesse processo.³⁰

É verdade que existem linguistas que omitem esse aspecto social duma língua, nomeadamente, essa abordagem é representada pela gramática universal de Chomsky na sua corrente linguística chamada gerativismo que tem em contraste a visão da gramática tradicional e na corrente denominada estruturalismo de Ferdinand de Saussure que defende: “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.”³¹ Assim, como existe variedade na sociedade pode-se supor que existe variedade na língua.

Essa variação linguística foi explorada por William Labov que

“... tem como ponto de partida a presença do componente social na análise linguística. Assim, as vertentes da Sociolinguística se ocupam especialmente da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala.”³²

Labov divide os fatores que influenciam a variação entre internos e externos. Lexicologia, semântica, fonologia, ou sintaxe fazem parte dos fatores internos e, o que interessa este trabalho, os fatores externos são entre outros género, idade, nível de educação e sexualidade.

2.2.1. Influência do género na língua

Para começar este capítulo é importante definir a diferença entre sexo e género, visto que, esses termos na teoria de sociolinguística não são intercambiáveis. O campo de sexo e língua é bastante discutido na sociolinguística mas nos últimos anos dos estudos os investigadores têm preferido o termo género para analisar os seus dados. A diferença e a razão desta denominação são de maneira simples explicadas por Miriam Meyerhoff no seu livro *Introducing sociolinguistics*: “...sex is a biological category and gender is social and cultural

“Língua não é uma propriedade dum indivíduo, mas duma comunidade. Qualquer descrição duma língua tem que ter comunidade de fala como o seu objeto se é para fazer justiça à elegância e à regularidade da estrutura linguística.”

³⁰Cf. Rajend Mesthrie, Joan Swam, Ana Deumert and William L. Leap, *Introducing Sociolinguistics*, Second edition (Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009), 4.

³¹ Kassiely Odeth Vertelino Marques, Caroline Pereira Oliveira, Lovania Roehrig Teixeira, “Considerações sobre variação sociolinguística na língua terena”, *Ráido*, v. 15, n. 39 (set/dez 2021): 82.

³² *Ibid.*, p. 84.

category.”³³ Por outras palavras, sexo é algo inerente, é definido pelos fatores científicos e em contrapartida género é alguma coisa que uma pessoa constrói através do seu comportamento num ambiente social, como cria relações com normas sociais. E tal, tendo em mente os objetivos da disciplina de sociolinguística o termo género é preferível.

Um dos mais importantes momentos na área de género e língua é determinado na publicação do estudo de Robin Lakoff chamado *Language and Woman's Place* em 1975, que é um dos primeiros trabalhos que leva em consideração traços femininos na linguagem. Nesse estudo Lakoff cria termo de women's language (língua de mulher) que caracteriza por uso de “adjetivos vazios” como *nice* (agradável) ou *charming* (encantador). As afirmações de Lakoff foram muitas vezes discutidas, desmentidas ou rejeitadas, mas até hoje considera-se o momento com valor muito significativo neste campo da sociolinguística.

Ao longo do tempo, criaram-se perspetivas, abordagens diferentes deste campo, isto é, abordagem de déficit, abordagem de dominância, abordagem de diferença e abordagem dinâmica. O estudo de Lakoff representa a abordagem de déficit. O nome déficit foi dado por causa da noção de Lakoff que descreve a língua de mulher como fraca e deficiente em comparação com a normativa masculina. Essa descrição obteve crítica, já que retrata língua feminina como inferior, sem importância e não séria. A abordagem de dominância tem muitos traços semelhantes, já do nome, pode-se ver que a abordagem opera com dominância da língua dum grupo social por outro. Disse que a dominância dos homens não se encontra na sociedade como tal mas ao mesmo tempo encontra-se na sua enunciação linguística.³⁴

O ponto de partida apareceu nos anos 80 quando as mulheres lutaram para que não fossem vistas como inferiores, como uma subcategorização dos homens mas como uma comunidade separada. Isto é feito pela abordagem de diferença que divide língua masculina e feminina e dá espaço para explorar e apreciar a língua feminina sem presença do domínio masculino. É importante adicionar que tal como as outras abordagens, a de diferença também enfrentou crítica, neste caso questiona-se o encontro de língua feminina e de língua masculina, que segundo vários linguistas não pode ser analisado sem tomar em conta o poder e a superioridade masculina.³⁵

³³ Miriam Meyerhoff, *Introducing sociolinguistics*, Second Edition (New York: Routledge, 2011), 470.

“... sexo é uma categoria biológica e género é uma categoria social e cultural.”

³⁴ Cf. Jennifer Coates, *Women, Men and Language*, Third Edition (New York: Routledge, 2013), 6.

³⁵ Cf. *Ibid.*

A abordagem mais recente – a abordagem dinâmica é conhecida por os seus investigadores terem uma perspetiva de construção social. “As West and Zimmerman (1987) eloquently put it, speakers should be seen as “doing gender” rather than statically “being” a particular gender.”³⁶ Esta perspetiva corresponde com a teoria de sexo e género explicada no início deste capítulo. Com esta abordagem pode-se entender que mesmo que a língua tenha traços femininos e traços masculinos, não têm que ser só pessoas que se identificam como mulheres que usam só a língua feminina e não têm que ser somente pessoas que se identificam como homens que usam só a língua masculina.

Neste instante, é importante dizer que a noção de género transforma-se ainda hoje e pertence às ideias linguísticas que são sempre exploradas e não se pode falar numa clara sistematização deste assunto. Não é só o lado linguístico ou sociolinguístico que enfrenta esse desafio de género, mas a suposição que o género é binário, ou seja, dividido entre mulher e homem, feminino e masculino é discutido nos estudos de género em geral. “Gender is not a matter of two separate and homogeneous social categories, one associated with being female, the other associated with being male: male and female speakers differ in many ways, but there are also many areas of overlap.”³⁷ Por outro lado, tem que se dizer que sempre existirão traços femininos e masculinos na sociedade, e tal na linguagem, e esses conceitos relacionar-se-ão um com o outro e, simultaneamente, com outros traços na sociedade, como idade ou sexualidade. Isto é a razão pela qual o fator de género é tão problemático e discutido na área de sociolinguística.

Não é possível, e não é o objetivo deste trabalho, determinar apenas uma abordagem ou apenas um estudo para seguir, porque cada trouxe algum valor significativo e são em vários pontos interligados. O que se pode identificar como uma generalização linguística apoiada por vários estudos é que: “... women use higher frequencies of innovative forms than men do.”³⁸ e

³⁶ Ibid.

“Como West e Zimmerman (1987) eloquentemente dizem, falantes devem ser vistos como “fazendo género” em vez de “sendo” um género particular.”

³⁷ Ibid., 217.

“Género não é um assunto de duas categorias sociais separadas e homogêneas, uma associada como sendo feminina, a outra como sendo masculina: falantes masculinos e femininos diferem em muitas formas, mas há muitas áreas que coincidem.”

³⁸ William Labov, *Principles of Linguistic Change, Vol. 2: Social Factors* (Oxford: Blackwell, 2001), 292 apud Robin Queen, “Gender, Sex, Sexuality, and Sexual Identities”, in J.K. Chambers and Natalie Schilling, *Handbook of Language Variation and Change, Second Edition* (Chichester: John Wiley & Sons, 2013), 374. “... mulheres usam em maior frequência formas inovativas do que homens.”

que: “... women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men.”³⁹

2.2.2. Influência da sexualidade na língua

Tal como pesquisa da língua e género abordada no capítulo prévio, estudos da língua e sexualidade pertencem aos campos mais novos da sociolinguística. A falta pode ser alocada ao prejuízo que existia contra sexualidade que não cumpria padrões considerados “normais”. Ademais, no início da pesquisa da chamada gay língua, homossexualidade foi tratada como tipo de perversão e ato criminal, assim a análise da língua foi sombreada por prejuízo social.

É entre os anos 20 e 40 quando se encontram os primeiros estudos que tratam dos homossexuais, na maior parte homens homossexuais, como pacientes com algum desvio psicológico e observam mais o seu comportamento do que a língua que usam. De qualquer maneira, estes anos são considerados como primeiros anos da pesquisa da linguagem homossexual que se focou no vocabulário dos homens que se declaram como gay. “Research attempted to document this exotic “lingo”, viewing it as a kind of secret code that homosexuals used to communicate their deviant sexuality to others who might be receptive to it.”⁴⁰ O que pertenceu nesse jargão foram palavras e também tópicos das conversas que foram considerados como femininos, por exemplo palavra *fofinho* ou conversa sobre moda.

Entre anos 50 e 60, observa-se uma tentativa de criar identidade homossexual, e então, em vez de olhar aos homossexuais como desviantes, os ativistas de direitos dos homossexuais esforçam-se por empurrar a sociedade para olhar à sexualidade como à identidade social, e a língua fez parte importante deste esforço. Contudo, não foi uma maneira favorável para todos. “Language was important in those debates, because the lingo that had been identified as “the language of homosexuality” was regarded by many activists and writers as politically retrograde and undesirable.”⁴¹ Portanto, a língua que tinha oportunidade para enriquecer o conhecimento linguístico tornou-se desprezado por pessoas com pensamento progressivo, que foram muitas vezes académicos. Esse pensamento mudou nos anos 70 e 80 quando a

³⁹ Ibid.

“... mulheres mostram índice baixa de variantes estigmatizadas e índice maior de variantes prestigiosas do que homens.”

⁴⁰ Deborah Cameron and Don Kulick, *Language and Sexuality* (New York: Cambridge University Press, 2003), 76-77.

“A pesquisa tentou documentar este “jargão” exótico, considerando-o como tipo de código segredo que os homossexuais usaram para comunicar a sua sexualidade desviada aos outros que podiam ser receptivo a ela.”

⁴¹ Ibid., 77.

“Língua era importante nesses debates, porque o jargão que foi identificado como “a língua da homossexualidade” era visto por muitos ativistas e escritores como politicamente regressivo e indesejável.”

sociolinguística foi influenciada por Lakoff e a sua língua de mulher e os estudos sobre fala dos afro-americanos. Os pesquisadores agruparam língua homossexual também chamada gayfala com este movimento em sociolinguística. A identidade homossexual foi tratada como identidade duma minoria. “... it reflected the fact that homosexuals, like other minorities, had particular social identities and constituted a definable, relatively homogeneous social group.”⁴²

Finalmente, o último movimento neste campo de sociolinguística começou nos anos 90 e, pode-se dizer, dura até hoje. Nesta época criou-se um movimento chamado queer que refere a todas as pessoas fora de mundo heterossexual. Isto se refletiu na linguística também com formação da chamada queer linguística. O que mudou neste ponto de vista é que os linguistas não são interessados em como os gays e lésbicas mostram a sua homossexualidade mas que efeito tem a sua identidade homossexual na língua. Por outras palavras, quais são os fenômenos que é possível identificar como típicos para pessoas queer, tal como por exemplo podemos identificar que betacismo é típico para português falado no norte do país. Todas estas perspetivas diferentes trazem um novo olhar à língua homossexual e como dizem Cameron e Kulick: “What all these different approaches to the study of gay and lesbian language have in common is the conviction that there is a relationship between language and sexuality such that languages indexes, or can index, sexuality.”⁴³

Nota-se que ao longo do capítulo em que se aborda a língua homossexual não há referência à língua heterossexual. Existe uma explicação muito simples e pode ser encontrada em vários livros e estudos sobre língua e sexualidade, isto é, língua heterossexual é considerada como a norma, ou seja, em linguística chama-se isso o default. Por esta razão, língua das pessoas heterossexuais não é objetivo dos trabalhos que se interessam na problemática de língua e sexualidade. Algo semelhante pode ser visto no capítulo prévio sobre língua e género, visto que, o momento significativo considera-se o trabalho de Lakoff e a sua pesquisa da língua de mulher, portanto pode presumir-se que a norma, ou o default, foi considerada língua masculina.

Todavia, ao mesmo tempo, pode-se observar que maioria dos estudos da língua homossexual concentra-se nos homens homossexuais. Existem mais ideias sobre língua dos gays do que

⁴² Ibid.

“... refletiu o fato que homossexuais, como outras minorias, tinham identidades sociais particulares e constituíram um grupo social definível e relativamente homogêneo.”

⁴³ Ibid., 78.

“O que todas estas abordagens diferentes dos estudos da língua gay e lésbica têm em comum é a convicção que há relação entre língua e sexualidade tal que língua indica, ou pode indicar, sexualidade.”

sobre língua das lésbicas e ainda menos sobre língua dos bissexuais. A generalização que existe na sociedade, e é importante dizer que é em vários aspetos problemática, é que gays falam como mulheres e lésbicas falam como homens. Esta generalização, ainda que não seja problemática, não é suficiente para determinar o que é a língua homossexual.

Na verdade, vários linguistas concordam que homens gay e lésbicas não falam de mesma maneira e criam duas comunidades dentro da queer fala, isso é, comunidade gay e comunidade lésbica. Apesar disso, enquanto que existem fenômenos e termos que descrevem gay fala, este aspeto falta nos estudos de fala das lésbicas. Ao longo do tempo, surgiram várias razões porque se observa este fenômeno e todos têm uma mesma variável, isto é, a diferença entre como gays e lésbicas se identificam. A perspectiva mais radical é de Lengman: “... lesbianism, in Lengman’s view, was merely a phase, a pose, a strategy to become a thespian, or an expression of petulant, confused dissatisfaction with men. Because lesbianism was not an identity, there was no lesbian language.”⁴⁴ Esta perspectiva foi repetida por Arnold Zwicky de maneira menos radical, em que explica a relação de sexualidade e género entre gays e entre lésbicas.

“Lesbians, by contrast, are more likely to identify *with* than against their gender group, and do not have the same desire to sound noticeably different from straight women. Gay men in Zwicky’s account privilege sexual identity over gender identity, whereas lesbians do the reverse.”⁴⁵

Apesar de falta da pesquisa da língua lésbica em comparação à língua gay, podem-se destacar duas perspectivas que caracterizam língua das duas comunidades. No que toca à língua das mulheres homossexuais, destaca a análise de Robin Queen que atribui quatro características à língua das lésbicas, isto é, a língua desta comunidade combina língua de mulheres estereotípica, língua estereotipicamente associada com homens de classe trabalhadora urbana, língua estereotípica para gay homens e língua lésbica estereotípica, como por exemplo palavras pejorativas.⁴⁶ No que se refere à língua dos homens homossexuais, foi criado um termo chamado *camp talk* que quer descrever traços da gay língua. “Camp talk, for example,

⁴⁴ Ibid., 86.

“... lesbianismo, em ponto de vista de Lengman, foi apenas uma fase, uma pose, uma estratégia para ser dramático, ou uma expressão de insatisfação petulante e confusa com homens. Desde que o lesbianismo não foi identidade, não houve língua lésbica.”

⁴⁵ Ibid., 96.

“Lésbicas, em contraste, mais provavelmente, identificam-se *com* não contra o seu grupo de género, e não têm o mesmo desejo para soar evidentemente diferente como mulheres heterossexuais. Gay homens, segundo Zwicky, dão privilégio à identidade sexual em vez de identidade de género, enquanto lésbicas fazem o oposto.”

⁴⁶ Cf. Ibid., 99.

is widely regarded as indexing male homosexuality through features such as exaggeration, parody, paradox, inversion of expected relationships, and linguistic playfulness.”⁴⁷

É importante dizer, que todas as perspectivas sobre o que a língua de comunidade gay e lésbica é são observações que servem para os linguistas se aproximarem da definição e caracterização desta língua. Não é possível dizer que todas as pessoas que usam camp talk são homossexuais, nem que todas as lésbicas usam palavras pejorativas.

2.2.3. Influência da idade na língua

Outro fator fundamental da variação linguística é idade. Os linguistas são interessados em mudanças da língua durante a vida de uma pessoa. Analizam se existem diferenças na vida da pessoa quando tem 15 anos e quando tem 25 anos e tentam a criar um certo tipo de generalização da língua nas certas épocas da vida. É importante notar que o próprio termo idade e o seu significado não é determinado apenas pelo número de anos desde nascimento, mas também por padrões sociais e culturais de cada país.

“But age is not controlled by chronological time, it has social and psychological dimensions. It is structured and conceived differently by different cultures and different individuals.”⁴⁸

Quer dizer, há idades que levam significado importante na sociedade, o mais importante pode ser considerada a idade quando a pessoa chega à idade adulta e essa idade difere em países ao redor do mundo. É verdade que em Portugal como em muitos outros países da Europa e do mundo, 18 anos é o ponto da legalidade adulta. Porém, encontram-se tradições de “chega à idade adulta”, a comemoração de passagem de puberdade para a vida adulta, que acontecem mais cedo do que 18 anos. Por exemplo, a tradição hispânica chamada [Quinceañera](#) é celebrada pelas mulheres de 15 anos. Ou, uma tribo indígena brasileira chamada Sateré Mawé é conhecida por ritual da tucandeira, por qual têm que passar homens de 13 anos.

De qualquer maneira, ainda que estejam conscientes dos outros fatores que determinam idade, maioria dos linguistas concentra-se na divisão da idade de ponto de vista cronológico, justificando que são influenciados por construção social que divide vida em quatro fases – infância, adolescência, idade adulta e idade avançada. Reconhecidamente, não existem certos anos que determinariam uma fase de outra na teoria sociolinguística o que dá espaço para

⁴⁷ Holmes, Wilson, op. cit., 450.

“Camp talk, por exemplo é amplamente considerado como indicador de homossexualidade masculina por características como exageros, parodia, paradoxo, inversão das relações esperadas e ludicidade linguística.”

⁴⁸ Bell, op. cit., 196.

“Mas idade não é controlada por tempo cronológico, tem dimensões sociais e psicológicas. É estruturada e concebida diferentemente por culturas diferentes e individuais diferentes.”

interpretação de cada fase tomando em conta outros fatores sociais e culturais. “Age systems often involve sanctions to enforce age-appropriate behavior; to enforce the normative timing of life events (such as the pressure on women to marry before a certain age), and life-stage or age-appropriate comportment.”⁴⁹ Tal como já foi mencionado nos capítulos prévios, durante a vida a pessoa cria a sua identidade através da mistura de número de fatores e idade é um deles. Os sociolinguistas tentam a identificar as mudanças na língua que podem ser contribuídas ao fator de idade.

A infância é fase de aprendizagem, mas a processo de aprender a língua é bastante rápido. Os linguistas ficam de acordo que aos 3 anos, as crianças conseguem mostrar alguma variação sociolinguística. Até 7 anos, as crianças imitam a fala da sua comunidade, na maioria das vezes dos seus pais e quando andam na escola primária já desenvolvem a sua compreensão dos estereótipos de género na língua. “... gender is probably the earliest and most intense category membership imposed on very small children.”⁵⁰ Esta variação linguística intensifica com anos quando a criança está cercada por uma comunidade na sua casa e a outra na escola primária. As duas instituições influenciam as crianças, influenciam a criação da identidade da criança e também influenciam a língua da criança.

Seguinte fase chama-se adolescência. Considera-se uma das fases mais ricas e inovativas a respeito da língua. Nesta época da vida as pessoas tornam-se mais independentes e começam a construir a sua identidade social independentemente dos seus pais ou pessoas mais idosas. “It is therefore a time of transition from their parents’ social sphere to one that they construct themselves.”⁵¹ Fala-se de fase inovativa, porque encontram-se novos vocábulos criados e usados por adolescentes, muitas vezes pertencem à categoria lexicológica de gíria, que distingue os jovens de adultos. São estes vocábulos que facilitam adivinhar a idade duma pessoa porque a gíria dos adolescentes muda tão rapidamente que é difícil seguir todas as mudanças a menos que esteja em contato muito próximo e diário com os jovens. Existem vocábulos que penetram na língua dos adultos mas são poucos. Porém, uma geração dos

⁴⁹Penelope Eckert, “Age as a Sociolinguistic Variable” in Florian Coulmas, *The Handbook of Sociolinguistics* (Blackwell Publishing, 2008), 155.

“Os sistemas de idade, muitas vezes envolvem sanções para impor comportamento apropriado à idade; para impor agendamento normativo dos eventos de vida (como a pressão às mulheres para se casar antes duma certa idade) e comportamento apropriado ao estágio de vida ou à idade.”

⁵⁰ Ibid., 160.

“... género é provavelmente categoria inicial e mais intensa imposta às crianças muito pequenas.”

⁵¹ Ibid., 163.

“É portanto tempo de transição de esfera social dos seus pais para uma que constroem eles mesmos.”

adolescentes quando se tornam adultos, levam a sua gíria para idade adulta e os novos jovens criam vocábulos novos típicos para sua geração.

Idade adulta é na sociolinguística considerada como o default, tal como língua dos heterossexuais é considerada default em aspeto de sexualidade. Os pesquisadores sociolinguísticos designam esta fase como fase de conservacionismo linguístico. “This conservatism has been attributed to the pressure for use of standard language in the workplace.”⁵² Mesmo o fator de trabalho mostrou-se como fator-chave para conservacionismo linguístico e utilização da língua padrão por adultos. Por esta razão, encontram-se variantes na língua dos adultos dependente da sua situação socioeconómica, ou seja, existe diferença entre adultos que têm trabalho a tempo inteiro e adultos que são estudantes universitários.

Em Portugal, tal como na maioria dos países, idade adulta é na sociedade considerada quando a pessoa atinge 18 anos. Desde 18 anos, a pessoa passa por transformação na identidade social de adolescente. Começa a sua independência completa que traz certas responsabilidades na sociedade. Desse modo, existe diferença entre jovens que continuam em educação na universidade e jovens que são empregados, porque apenas eles podem sentir a pressão para conservacionismo na sua língua. Diz-se que com continuação dos estudos a pessoa prolonga a sua juventude e isso pode-se aplicar na língua também. Dado que os estudantes universitários não sentem a pressão do trabalho, continuam com a sua inovação e ludicidade na língua. Se calhar não em tamanho tal como adolescentes mas é existente. O conservacionismo linguístico encontra-se na língua dessas pessoas mais tarde na vida.

A última fase é da idade avançada, esta fase não é muito preferida por sociolinguistas, muitas vezes os falantes desta idade servem para comparação entre gerações. “Variationist sociolinguistics has tended to utilize older speakers as time capsules of the speech of earlier decades, implying they are out of tune with the mainstream of current culture.”⁵³ O que todas as pesquisas sociolinguísticas afirmam é que o uso da língua padrão torna-se maior com idade até meia-idade quando a língua padrão perde a frequência no uso. Allan Bell criou uma figura de U-forma que interpreta como fenómeno do curso da vida. “When people are out and about

⁵² Ibid., 164.

“Este conservacionismo foi atribuído à pressão para utilização de língua padrão no trabalho.”

⁵³ Bell, op. cit., 197.

“A sociolinguística variacionista tende utilizar falantes idosos como cápsula do tempo de fala de décadas anteriores, implicando que são em desarmonia com o geral da cultura atual.”

in the workforce and society during their middle adult years, they require more standard language than earlier or later in their life when general social advancement matter less.”⁵⁴



⁵⁵ adaptado de *The Guidebook to Sociolinguistics* de Allan Bell

A propósito de variação linguística entre gerações, é mais do que claro que essa variação existe. Cada geração tem fala diferente da outra. A razão dada por Penelope Eckert, é que eventos sociais e políticos podem influenciar a língua das pessoas e então existe variação linguística entre gerações. Cada geração é específica por alguns acontecimentos memoráveis que afetam todas as pessoas e a língua adapta-se.⁵⁶ À vista disso, as pessoas de uma geração não usam o mesmo tipo de língua na conversa com pessoas de diferentes gerações. É importante dizer que não é uma regra sem exceções, porque existem vocábulos ou outros traços que penetraram na língua das outras gerações mas isso acontece apenas nos casos únicos.

2.2.4. Influência do inglês em contato com língua portuguesa

O último fator influenciador que a pesquisa deste trabalho considera é o contato com inglês em dois aspectos, ou seja, como o conhecimento do inglês influencia o uso dos anglicismos no dia-a-dia e se a localização de universidade e o seu internacionalismo tem controle sobre a frequência dos anglicismos na fala dos estudantes.

Falando do conhecimento do inglês, supõe-se quanto melhor nível da língua inglesa a pessoa tem, tanto mais frequentemente usará os anglicismos. Os níveis de língua são considerados os de Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (abreviado CEFR), isto é níveis de A1 até C2, onde A1 determina as pessoas que são no início dos estudos e C2 designa pessoas

⁵⁴ Ibid., 199.

“Quando as pessoas estão na força de trabalho e sociedade durante os seus meio-adulto anos, requerem mais língua padrão do que antes ou depois na sua vida quando avanço social geral importa menos.”

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶Cf. Eckert, op. cit., 166.

que são completamente fluentes na língua comparável com os falantes nativos. O pressuposto que quanto confortável o falante é com a língua tanto mais vai penetrar a língua estrangeira na sua fala dia-a-dia com vocábulos estrangeiro, pode também ser apoiada pelo fato que as pessoas com níveis melhores, estão em contato com inglês mais frequentemente, visto que têm maior acesso aos falantes do inglês nas redes sociais. Por outro lado, não é possível dizer que na língua das pessoas que não falam inglês, não se encontram os anglicismos. Ainda que não estejam em contato tão frequente com a língua inglesa, é inevitável encontrar inglês nas redes sociais, ademais se têm amigos que usam anglicismos na dia-a-dia, vão penetrar na sua língua, não importa o conhecimento do inglês. É provável que haja pessoas que usam os anglicismos em certas situações sem conhecer o significado da palavra e somente imitam o uso dos outros.

No que concerne às universidades, neste trabalho os informantes representam três universidades – Universidade de Lisboa, Universidade do Porto e Universidade do Algarve. A cidade em que a universidade é localizada pode também fazer parte da diferença na língua entre os informantes, dado que em cada destas cidades – Lisboa, Porto, Faro, os estudantes têm oportunidades diferentes para estar em contato com inglês. Lisboa como a capital de Portugal é uma cidade multicultural com empresas internacionais e portanto é fácil ouvir e falar inglês cada dia. Quanto mais a pessoa ouve ou usa a língua inglesa, tanto mais está confortável e tanto mais a língua penetra na sua língua. O Porto é muito semelhante neste sentido a Lisboa, ainda que numa escala menor, também é conhecido como cidade cosmopolita. Por outro lado, a cidade de Faro, mesmo que seja cidade turística, popular entre os turistas britânicos, é mais sazonal e a cidade não é tão grande nem cheia de empresas internacionais, portanto o contato com inglês é menos frequente em comparação com Lisboa ou Porto.

O segundo fator neste aspeto pode ser considerado o internacionalismo das universidades, quer dizer, o número dos estudantes internacionais aceites cada ano, tomando em conta que a língua usada entre estudantes internacionais com estudantes portugueses é na maioria vezes inglês. Conforme as informações encontradas nas páginas oficiais das universidades, a Universidade do Porto tem a menor percentagem dos estudantes estrangeiros com 13%⁵⁷, a Universidade de Lisboa segue com 17,8%⁵⁸ e a Universidade do Algarve tem, segundo

⁵⁷ <https://www.up.pt/portal/pt/conhecer/sobre-a-uporto/factos-e-numeros/>

⁵⁸ <https://www.ulisboa.pt/sobre-nos>

últimos dados, a maior percentagem dos estudantes de nacionalidade estrangeira⁵⁹ em Portugal com 20%⁶⁰. Antes de fazer conclusão apenas baseada nestes fatos, é importante destacar que a Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto não são as únicas universidades nestas cidades e não são as únicas que têm representação dos estudantes internacionais em Lisboa e no Porto, enquanto a Universidade do Algarve é a única na cidade de Faro. Embora não estejam os estudantes portugueses e estrangeiros em contato no campus, é mais do que provável que estejam em contato fora de universidade, sendo que ainda assim fazem parte do mesmo grupo social. Por esta razão, pressupõe-se que estudantes da Universidade de Lisboa liderarão na frequência de uso dos anglicismos enquanto a Universidade do Porto e a Universidade do Algarve terão dados semelhantes, talvez com liderança pequena da Universidade do Porto.

2.2.5. Influência da cultura popular na língua

É inevitável falar sobre cultura quando se fala de variação sociolinguística. É tudo que rodeia as pessoas e todos os aspetos encontrados na cultura podem, em alguma maneira, influenciar a língua. Portanto, pode-se considerar como mais um fator externo da variação sociolinguística, visto que a sociedade cria a sua cultura, então forma mais um tipo de relação entre sociedade e língua influenciado pela cultura.

Na verdade, existem mais definições daquilo que a cultura é e os autores de artigos, livros ou pesquisas académicas gostam de citar Raymond Williams que disse que a cultura é uma das palavras mais complicadas na língua inglesa. Com a palavra cultura pode referir-se ao modo de vida dum pessoa ou um grupo das pessoas, ou também à atividade artística dum intelectual.⁶¹ Adicionar a palavra popular em frente da cultura, cria espaço para ainda mais confusão e teorias diferentes deste fenómeno, visto que a palavra popular também não tem uma caracterização clara.

Apresentam-se três definições básicas de cultura popular. A caracterização mais intuitiva seria que a cultura popular é aquela que é preferida por muitas pessoas.⁶² Diz-se intuitiva porque quando se fala de um livro popular, ou um cantor popular, isto significa que muitas pessoas lêem o livro e muitas pessoas gostam de ouvir a música do cantor. Seguindo esta lógica, a

⁵⁹ <https://www.ualg.pt/ualg-continua-ser-universidade-com-maior-percentagem-de-estudantes-de-nacionalidade-estrangeira>

⁶⁰ <https://postal.pt/cultura/ensino/prr-candidatura-da-ualg-quer-aumentar-o-numero-de-estudantes-em-todos-os-niveis-de-ensino/>

⁶¹ Cf. John Storey, *Cultural theory and popular culture, An Introduction*, Sixth Edition (London: Routledge, 2012), 21.

⁶² Cf. *Ibid.*, 28.

parte da cultura popular faz tudo que é gostado, preferido que tem vendas grandes. É tudo que faz parte diária das pessoas. É consumido através de publicidades e poder de redes sociais. Pode-se dizer que é tudo que, no momento, é considerado “trendy”. Nesta caracterização, o termo não tem conotação negativa, nem explicitamente positiva, o termo não se usa para exprimir superioridade, nem inferioridade.

Por outro lado, a segunda definição da cultura popular já traz uma conotação que suscita necessidade de criar uma diferença entre superioridade e inferioridade. Isto é que cultura popular são restos de cultura alta, ou seja, tudo que não cumpre os requisitos de cultura alta. “This definition of popular culture is often supported by claims that popular culture is mass-produced commercial culture, whereas high culture is the result of an individual act of creation.”⁶³ Colocar na oposição cultura popular e cultura alta é criar a diferença de melhor e pior, cria a noção que quando muitas pessoas, através de todas as classes sociais, gostam de alguma, por exemplo, música, não é de qualidade, quase como se as pessoas devessem estar envergonhadas por gostarem dela. Este ponto de vista pode ser considerado problemático e é sublinhado pelo fato que há apelos que no passado foram definidos como cultura popular, no sentido que foram preferidos por número de pessoas, e hoje fazem parte de cultura alta. Como por exemplo, mencionemos o livro *The Great Gatsby* de F. Scott Fitzgerald, ou as obras de William Shakespear, que no passado foram consideradas best-sellers para todos e hoje são achadas como exemplo de cultura alta.

A terceira definição de cultura popular tem conotação semelhante à segunda, visto que neste caso a cultura popular é tratada como equivalente de cultura de massas. Com esta comparação, refere-se à cultura popular como uma cultura comercial para consumidores que não discriminam, que consomem a cultura sem pensamento crítico e por palavras de John Storey com passividade de cérebro entorpecido.⁶⁴ Mais uma vez, cria-se uma noção de superioridade e inferioridade, porquanto caracterizar as pessoas que desfrutam cultura popular como pessoas de cérebro entorpecido lança preconceito negativo. Ainda que esta definição não ponha em contraste duas culturas como se menciona na segunda, pode ser percebido que segundo este pensamento existe cultura que existe só para individuais selecionados, cultura que não é para massas, não é para todos.

⁶³ Ibid., 30.

“Esta definição de cultura popular é muitas vezes apoiada por declarações que cultura popular é cultura comercial produzida em série, enquanto cultura alta é resultado dum ato de criação individual.”

⁶⁴ Cf. Ibid., 34.

Seja como for, todas as caracterizações mencionadas têm um elemento comum, isto é, que a cultura popular é disponível para todos, e que as pessoas estão cercadas por cultura popular em vários lugares, como comércio, artes, e redes sociais. O aspeto de redes sociais, presume-se o mais importante no caso de geração Z, porque a geração foi definida como sempre conetada através do mundo online. São exatamente redes sociais como Instagram, TikTok ou Twitter, que são mais preferidas entre geração Z, onde a cultura popular tem uma presença significativa. A razão porque o conceito da cultura popular é importante neste contexto é que a cultura influencia linguagem e a cultura popular é hoje muitas vezes marcada como cultura norte-americana. “The claim that popular culture is American culture has a long history within the theoretical mapping of popular culture. It operates under the term «Americanization».”⁶⁵ Para língua isto significa que a receção de informações sobre cultura popular é muitas vezes feita em inglês, portanto os vocábulos ingleses penetram mais na fala dos portugueses. Este fenómeno é também apresentado por linguista brasileira Nelly Medeiros Carvalho:

“Os termos ingleses (na maioria) enriquecem o léxico com a imposição da cultura norte-americana. O inglês funciona como língua franca praticamente em todo o mundo. Daí sua grande influência no acervo lexical de vários povos através da exportação de tecnologia e bens de consumo, da expansão das multinacionais, das músicas, dos modismos, e dos filmes. Seus empréstimos fazem parte não apenas da linguagem culta, mas também da popular.”⁶⁶

2.2.6. Aspetos sociais de geração Z e a sua influência na língua

Cada geração tem as suas características que definem o seu comportamento. Não se trata apenas do comportamento social, mas também o comportamento linguístico, quer dizer, os aspetos característicos sociais duma geração influenciam língua característica da dada geração. Sendo que, o grupo focal da pesquisa deste trabalho é geração Z, foca-se na descrição desta geração.

Não existe um certo ponto no tempo onde pode-se destacar o começo de geração Z. Há várias fontes e cada determina algum outro ano como começo desta geração, os mais repetidos são anos 1995, 1996 mas também 1993. Por esta razão, meados dos anos 90 marcam-se como início da geração Z e posto que o fim da geração também não é claramente definido fala-se dos anos cerca de 2010. Os últimos anos da geração anterior, chamada geração Y ou

⁶⁵ Ibid., 35.

“A afirmação que cultura popular é cultura americana tem uma história longa dentro de mapeamento teórico de cultura popular. Opera sob o termo «Americanização».”

⁶⁶ Carvalho, op.cit., 200.

milénicos, entremesclam-se com os primeiros anos da geração Z, portanto diz-se que pessoas nascidas na volta dos meados dos anos 90 representam a transição entre as duas gerações.

O que define mais a geração Z é o acesso à tecnologia. É a primeira geração que desde criança usa as comodidades de Internet e dispositivos inteligentes que fazem grande parte da vida deles. Este fato contribui aos números de alcunhas que a geração tem, como por exemplo, Gen Tech, Geração Online ou Geração “sempre clicando”, geração que aprendeu primeiro usar o rato de computador e depois uma colher.⁶⁷ Outra característica pela qual a geração Z é conhecida é a sua diversidade, quer racial, quer sexual. Os membros desta geração são abertos às diferenças que se encontram na sociedade. “More Generation Z youth are being raised in urban areas, leading to more people within that generation being exposed to a plethora of cultural perspectives, as compared to previous generations.”⁶⁸ Este encontro das culturas, das identidades diferentes influencia também a língua das pessoas, fazendo-a mais rica, especialmente no campo de léxico.

Tendo acesso tão fácil a Internet significa tendo acesso a todas as partes do mundo. Geração Z é geração que está sempre online, sempre ligada, sempre recebendo informações. “Generation Z youth have become accustomed to interacting and communicating in a world that is connected at all times.”⁶⁹ Esta conexão é internacional, o que tem influência sob a língua das pessoas desta geração. Passam parte significativa do seu dia nas redes sociais, como Instagram ou TikTok, onde os criadores do conteúdo não são só dos países onde se fala português, mas de todos os países, nomeadamente a maioria é dos Estados Unidos da América. Portanto, a língua de comunicação nas redes sociais é, na maioria das vezes, inglês, não importa em que país a pessoa abre as aplicações. Inglês tornou-se língua franca, não só em comércio ou em setor informático, mas nas redes sociais também. Isto significa que o contato da geração Z com inglês é do dia-a-dia, é mais frequente do que qualquer outra geração tinha e por consequência observa-se maior penetração dos vocábulos ingleses na fala das pessoas que não têm inglês como língua materna.

⁶⁷ Cf. Mario Dadić, Eva Jerčić, Vanja Dadić, “Behavior of Generation Z”, in *Proceedings of IAC in Vienna 2022* (Prague: Czech Institute of Academic Education z.s., Dezembro 2022), 10.

⁶⁸ Anthony Turner, “Generation Z: Technology and Social Interest”, in *The Journal of Individual Psychology*, vol. 71, n. 2 (University of Texas Press, verão 2015), 104.

“Maioria de jovens de Geração Z está a ser criada em áreas urbanas, lidando a mais pessoas dentro da geração sendo expostas à infinidade de perspetivas culturais, em comparação com gerações anteriores.”

⁶⁹ Ibid.

“... jovens de Geração Z tornaram-se acostumados a interagir e comunicar no mundo que está conetado todo o tempo.”

3. Análise dos vocábulos da pesquisa

Neste parte analisar-se-ão os oito vocábulos escolhidos para pesquisa deste trabalho. Primeiramente, abordam-se os significados destas palavras e da seguida fez-se a análise do ponto de vista de variação lexicológica e variação sociolinguísticas ao respeito dos fatores introduzidos nos prévios capítulos. Conclui-se com pressupostos do uso dos anglicismos escolhidos baseando-se na análise.

3.1. Significado das palavras da pesquisa

As palavras para este trabalho foram escolhidas depois duma pesquisa do uso dos anglicismos pelos portugueses nas redes sociais, nos reality shows portugueses e na conversa dos estudantes universitários. As palavras escolhidas são *tea*, *slay*, *red flag*, *periodt*, *bae*, *canceled*, *sus* e *flex*.

3.1.1. TEA

A tradução literal desta palavra inglesa é chá, mas na gíria significa fofoca, mexerico. Por exemplo, na frase: “Tenho *tea* sobre Pedro para vocês.” Hoje é bastante usado nas redes sociais mas não foram as redes onde a palavra tem as suas raízes originais. Esta gíria originou na cultura drag negra já nos anos 90 e foi novamente popularizada nos últimos anos graças à reality show chamada *Rupaul’s Drag Race* de que depois penetrou nas redes sociais. Tomando em conta a origem da palavra, são os membros da comunidade LGBTQIA+ que usam a palavra *tea* mais no sentido de fofoca.

3.1.2. RED FLAG

Red flag significa bandeira vermelha, usa-se no sentido de sinal de aviso, no sentido de problema grande ou comportamento problemático. Como *red flag* considera-se algum comportamento da pessoa, podem ser assuntos triviais, como por exemplo, para alguém *red flag* é quando a pessoa gosta de abacaxi na pizza, ou como é escrito no questionário, na frase exemplar: “Ter foto com peixe no Tinder é *red flag*.”

3.1.3. SLAY

A palavra *slay* vem de inglês antigo com sentido de matar alguém, depois na época de jazz nos anos 20, *slay* tinha sentido de fazer alguém rir. Desde anos 70, começou a aparecer palavra *slay* na cultura drag, especialmente na comunidade drag de pessoas negras e latinas com significado de fazer alguma coisa incrível, de ter aparência fabulosa, linda. A palavra

usa-se como verbo, como por exemplo: “Amiga, o vestido! *Slay!*” Muitas vezes, usa-se na frase inteira inglesa: “*You slayed!*” Este uso intensificou-se nos anos 2000 graças à reality show *Rupaul’s Drag Race* e também graças à popularidade de música de Beyoncé que usou esta palavra. Tal como a palavra *tea*, *slay* é mais popular entre a comunidade LGBTQIA+, dado que as raízes desta gíria encontram-se ali.

3.1.4. PERIODT

Periodt vem da palavra inglesa *period* que significa ponto final. Na gíria adiciona-se a letra T no final, por causa da pronúncia de afro-americanos quando ocorre ensurdecimento de oclusiva sonora D. Portanto a gíria *periodt* origina na comunidade negra, nomeadamente comunidade gay. Depois o uso intensificou-se na comunidade afro-americana por causa da música de The City Girls, cantoras de hip-hop. Nos últimos anos, *periodt* difundiu-se nas redes sociais para expressar concordo forte com alguma afirmação. Como por exemplo: “O novo filme de Marvel é maravilhoso! *Periodt!*” O uso da palavra é visto na maioria das vezes na fala dos membros de LGBTQIA+.

3.1.5. BAE

A palavra *bae* é um sinônimo de *babe* ou *baby* inglês, em tradução bebê, amor, como um termo de afeto – “Pedro é o meu *bae*, amo-o.” Ao mesmo tempo, funciona como abreviatura de frase “before anyone else” que significa antes de qualquer outra pessoa, e então pode-se usar não só em relações amorosas entre namorados, mas também entre amigos muito próximos.

3.1.6. CANCELED

Canceled, simplesmente traduzido como cancelado/a é termo conhecido por todas as pessoas. É comum cancelar coisas, como compra de bilhetes, ou planos para sair à noite, quando alguma coisa cancela-se, desaparece, já não existe. O que a geração Z trouxe ao sentido desta palavra é que hoje podem ser *canceladas* pessoas, especialmente pessoas públicas como celebridades, políticos, influenciadores. Quando a pessoa é *cancelada*, perde o apoio dos seus fãs. Isso é causado por esta figura pública ter algum escândalo, comportamento inaceitável, como por exemplo, ter algum comentário racista ou estarrude aos empregados num restaurante - “Billie Eilish foi *cancelada* porque foi racista no seu Instagram.” Este uso da palavra tem poder tão forte que foi criado um termo chamado “cancel culture” para descrever

o fenômeno que acontece na cultura popular, especialmente em relação de figuras públicas e geração Z.

3.1.7. SUS

O vocábulo *sus* é uma abreviatura da palavra inglesa *suspicious* o que significa suspeito e também usa-se neste contexto. Por exemplo: “Pedro saiu de casa muito cedo de manhã, é *sus*.” Há evidência que a palavra *sus* foi utilizada nos anos 20 no sentido exatamente idêntico, porém nos anos de pandemia de COVID-19, foi quando o termo ganhou popularidade entre os jovens, por causa dum videogame chamado *Among Us* onde o objetivo é encontrar o impostor e então todos os jogadores podem ser vistos como *sus*. Esta palavra depois penetrou do mundo dos videogames nas redes sociais e na fala comum de algumas pessoas.

3.1.8. FLEX

A palavra *flex* pode ser traduzida como flexionar e usa-se como verbo mas também substantivo, que designa o ato de exibir, de ostentar as suas coisas valiosas, mas também as suas habilidades. O uso é, na maioria das vezes negativo, significando de objeto/habilidade com que as pessoas se gabam – “Inês comprou carteira Louis Vuitton e acha que é um grande *flex*.” ou também usa-se como sarcasmo. A origem pode ser apontada ao ginásios onde as pessoas flexionam os seus músculos com a intenção de mostrar, exibir o seu físico, depois este significado transformou-se numa metáfora e ganhou o significado explicado da gíria. Desde anos 90, foram os cantores de rap afro-americanos que aumentaram a popularidade desta palavra, todavia o mais notável para a geração Z foi surgimento de frase “weird *flex*, but OK”, em tradução *flex* estranho mas OK, nas redes sociais que popularizou a palavra *flex* entre membros desta geração.

3.2. Análise dos vocábulos da pesquisa – variação lexicológica

Tomando em conta os vocábulos que fazem parte da pesquisa deste trabalho, todos esses termos têm certa marcação lexical. A respeito das marcações diafásica/estilística, diastrática/social, diatópica/geográfica e diacrónica/cronológica, todas estas palavras têm as mesmas características. Cada vocábulo é um neologismo coloquial, nomeadamente trata-se da gíria. Visto que os informantes da pesquisa são estudantes universitários que pertencem à geração Z, pode se determinar que de ponto de vista marcação social, os utilizadores destes vocábulos são jovens com nível de educação mais alta. Nenhuma destas palavras pode ser considerada como regionalismo porque nenhuma é típica para uma região só. Em questão da

marcação emocional alguns vocábulos são positivos, alguns negativos e alguns podem evocar sentidos tanto positivos como negativos dependente da situação e do contexto.

<u>marcação</u>	emocional (expressiva)	diafásica (estilística)	diastrática (social)	diatópica (geográfica)	diacrónica (cronológica)
<i>tea</i>	positiva/negativa	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>red flag</i>	negativa	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>slay</i>	positiva	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>periodt</i>	positiva	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>bae</i>	positiva	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>canceled</i>	negativa	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>sus</i>	negativa	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo
<i>flex</i>	positiva/negativa	coloquial	estudantes universitários	x	neologismo

3.3. Os pressupostos dos resultados da pesquisa

No começo deste trabalho foram definidos fatores externos que influenciam a língua. Claramente, há mais fatores externos como por exemplo classe social ou região geográfica, porém, na pesquisa deste trabalho os aspetos influenciadores que serão supostamente género, idade e sexualidade. No que se trata do nível da educação, dado que os informantes são estudantes universitários, pode-se dizer que fazem parte do mesmo grupo, todavia, o que importa neste caso específico é o nível do conhecimento da língua inglesa. Aliás, um dos fatores incluídos na pesquisa são três diferentes universidades situadas no Porto, em Lisboa e em Faro, assim representam o norte, o centro e o sul do país, mas não se supõe que os aspetos influenciadores serão as regiões geográficas como tais mas complexidade multicultural das cidades e contacto com inglês e comunidades internacionais.

Portanto, na pesquisa deste trabalho vão considerar-se, nomeadamente, dez comunidades de fala. Vão comparar-se comunidades de fala baseadas no género, isto é feminino, masculino e pessoas que não se identificam como mulher ou homem mas como não-binárias. A seguir, comparam-se comunidades de fala das sexualidades diferentes, pessoas heterossexuais e membros de LGBTQIA+. Após vão colocar-se em contraste comunidades de fala com diferentes níveis de conhecimento da língua inglesa, uma das pessoa que não falam inglês,

uma dos níveis A1 até A2, uma dos níveis B1 até B2 e uma dos níveis C1-C2. As últimas comunidades de fala contrapostas vão ser baseadas na localidade das universidades – comunidade da Universidade de Lisboa, comunidade da Universidade do Porto e comunidade da Universidade do Algarve. No que diz respeito à idade, há dois aspetos que são considerados neste trabalho. O primeiro é idade dos informantes que são divididos em três comunidade de fala, isso é, pessoas de 18 e 22 anos, pessoas de 22-25 anos e pessoa de 25 e mais anos. Esta divisão foi feita baseando-se na idade geral das pessoas dos estudos da licenciatura, do mestrado e pessoas no fim dos seus estudos começando a sua vida trabalhadora ou continuando vida académica nos estudos pós-graduado. O segundo é o uso dos anglicismos entre os grupos de idade, ou seja, o uso entre gerações diferentes.

Nas teorias sociolinguísticas apresentadas, pode-se basear em seguintes pressupostos:

- a) Pessoas de género feminino vão usar os termos da pesquisa com maior frequência, seguido por pessoas não-binária e a menor inovação linguística vai ser encontrada entre pessoas masculinas.
- b) Membros de LGBTQIA+ comunidade vão preferir mais o uso dos termos da pesquisa em comparação com pessoas heterossexuais.
- c) A maior frequência do uso dos termos da pesquisa vão se encontrar no grupo 18-22 anos de idade, da seguida no grupo 22 – 25 anos e a menor no grupo de mais de 25 anos.
- d) Os membros da geração Z não vão usar os termos fora da sua geração, ademais, informantes do grupo 18-22 anos não vão usar os vocábulos com pessoas de maior idade, porém, as pessoas dos grupos de 22-25 anos e de mais de 25 anos usá-los-ão com o grupo de 18-22 anos.
- e) Os termos serão utilizados com frequência nas redes sociais.
- f) Falantes do inglês do nível C1-C2 vão ser utilizadores dos termos mais frequente, seguido por níveis B1-B2 e A1-A2. Utilização das pessoas sem conhecimento do inglês vão ser mínima mas não inexistente.
- g) Estudantes da Universidade de Lisboa vão mostrar a maior inovação linguística no uso dos anglicismos escolhidos. A Universidade do Porto e Universidade do Algarve vão seguir com menor frequência, com liderança da Universidade do Porto.

4. Análise dos dados coletados

Foram coletados dados de 275 informantes, em que 36, 4%, ou seja 100 pessoas, representam a Universidade de Lisboa. O mesmo número de informantes (100) é da Universidade do Algarve e a Universidade do Porto é representada por 75 estudantes, o que corresponde a 27, 3%.

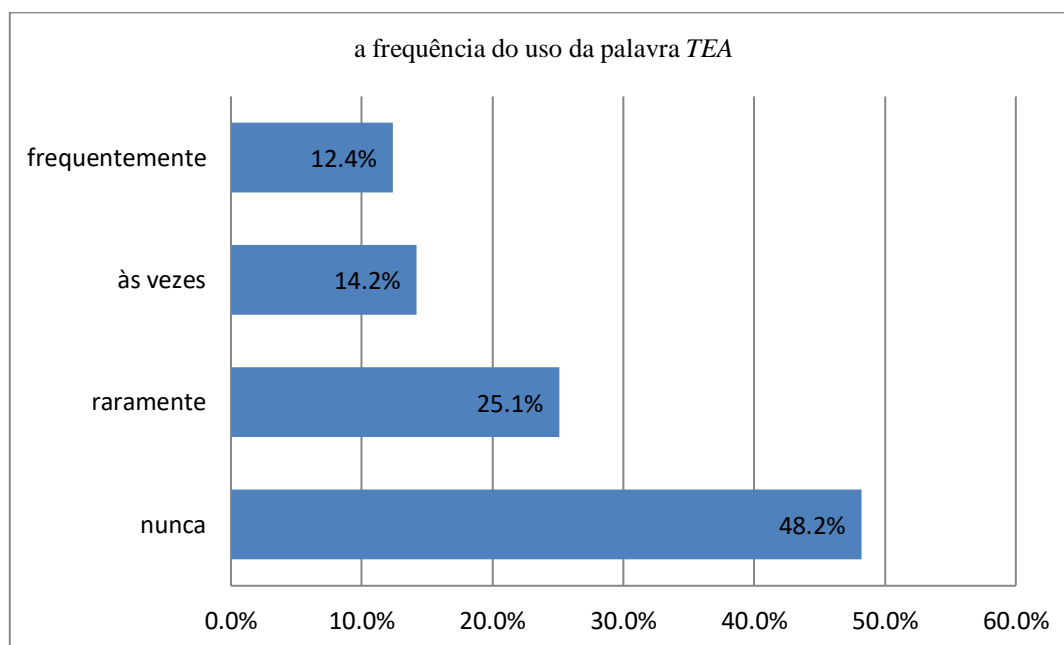
A maior parte dos estudantes (73, 5%) cabem no grupo de 18-22 anos de idade, 14, 5% dos informantes tem entre 22 e 25 anos de idade e 12% tem mais de 25 anos. Tratando de identidade do género, 74, 5% dos informantes identificam com género feminino, 21, 8% com género masculino e 3, 7% com género não-binário. No que diz respeito à sexualidade, 62% dos informantes são heterossexuais e 38% pertencem à comunidade LGBTQIA+. 25% dos homens são membros de LGBTQIA+ comunidade, das mulheres é 34, 1% e das pessoas não-binárias é 88, 9%. Maioria dos estudantes (47, 6%) tem nível do inglês C1-C2, 37, 1% tem nível B1-B2, 12, 4% tem nível A1-A2 e 2, 9% dos estudantes não falam inglês.

Questões que seguem têm um mesmo padrão. A primeira pergunta é sobre a frequência em que usam o certo anglicismo e oferece quatro graus de frequência – nunca, raramente, às vezes, frequentemente. De seguida, inquire-se o contexto em que a pessoa usa o anglicismo – com pessoas com menos de 22 anos de idade, com pessoas entre 22-25 anos de idade, com pessoas de 25 e mais de idade, com membros da sua família e nas redes sociais. Depois, descobrem-se os equivalentes portugueses da palavra inglesa, tentando averiguar em que tamanho se usam decalques da palavra em português. A última questão pesquisa a frequência do uso do equivalente português e também oferece quatro graus de frequência – nunca, raramente, às vezes e frequentemente.⁷⁰

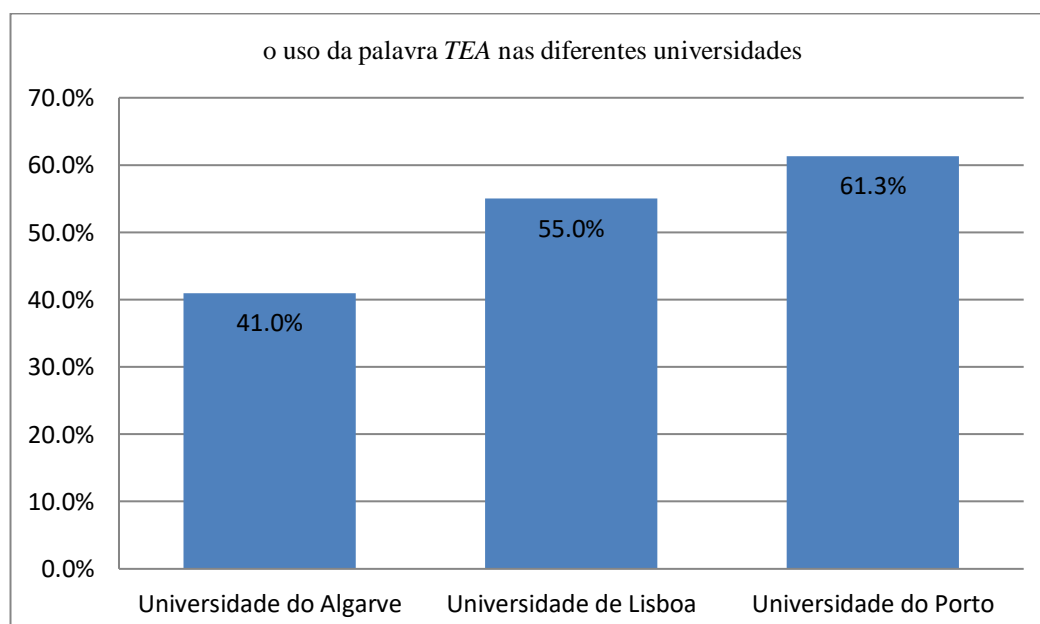
⁷⁰ O questionário inteiro encontra-se em anexo deste trabalho.

4.1. TEA

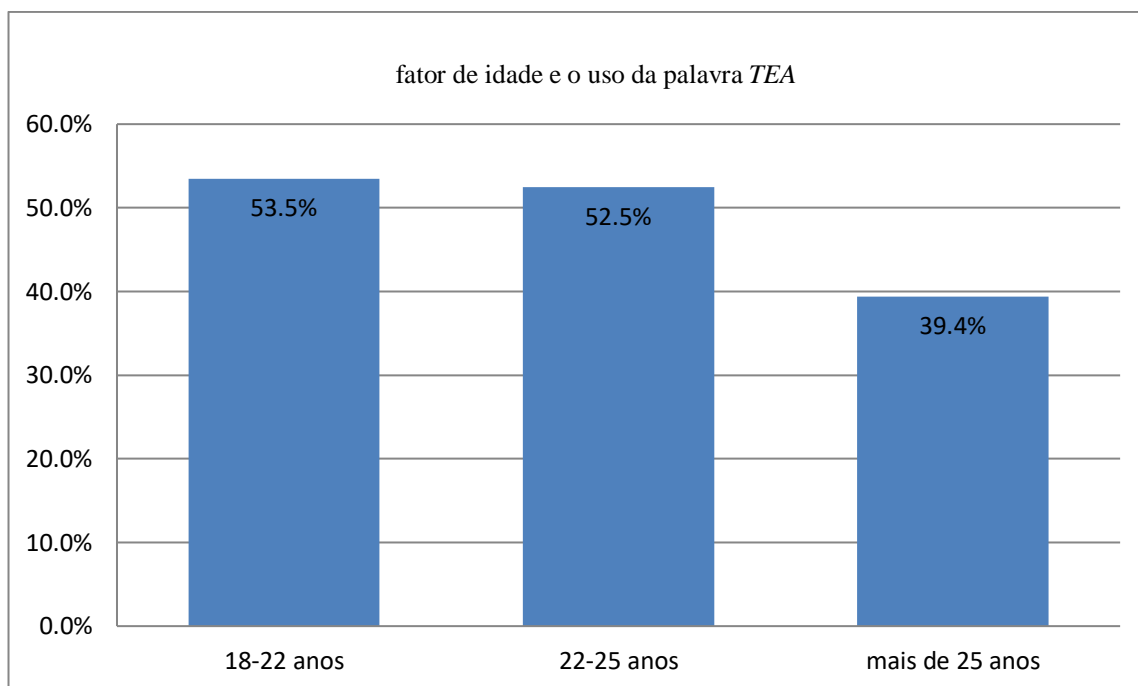
A palavra *tea* é usada por 51,6% dos informantes. Tratando da frequência, 48,4% dos informantes nunca usam o termo *tea*, raramente o usa 25,1%, às vezes 14,2% e frequentemente 12,4% dos estudantes que responderam ao questionário.



De 51,6% dos utilizadores, 38,7% são estudantes da Universidade de Lisboa, 32,4% são estudantes da Universidade do Porto e 28,9% são estudantes da Universidade do Algarve. No que diz respeito ao número de informantes de cada universidade, 55% dos estudantes da Universidade de Lisboa, 61,3% dos estudantes da Universidade do Porto e 41% dos estudantes da Universidade do Algarve usam este anglicismo.



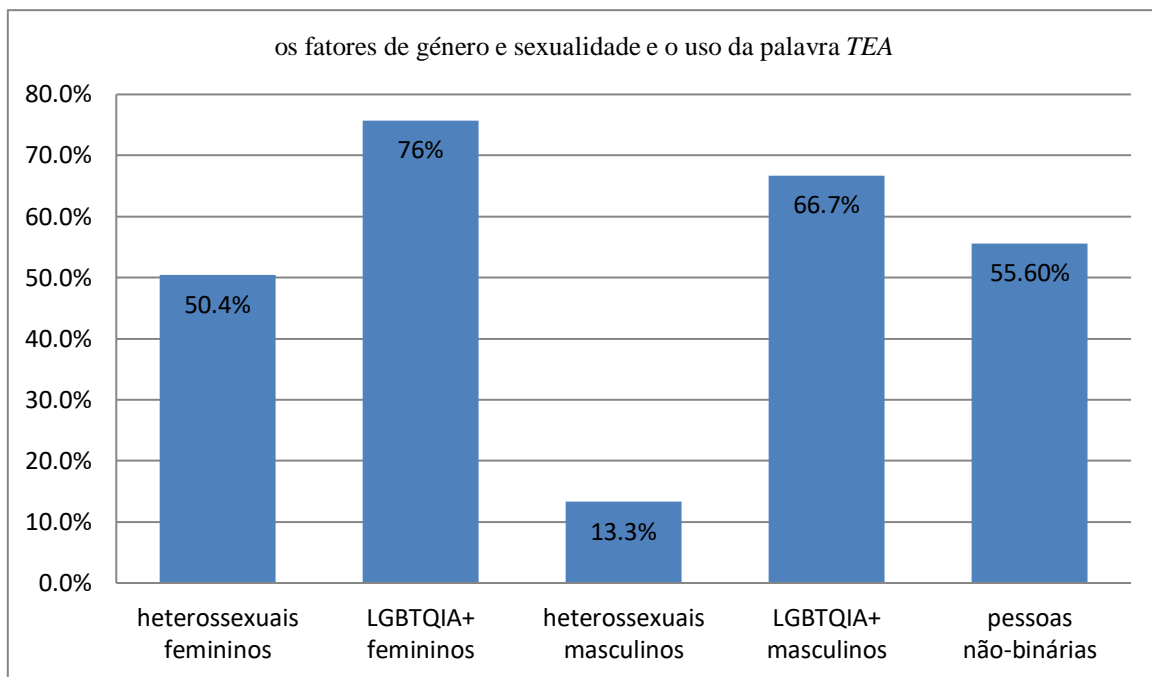
De todas as pessoas que usam a palavra *tea*, 76, 1% cabem no grupo de 18-22 anos, 14, 8% são do grupo 22-25 anos de idade e 9, 2% têm mais de 25 anos. Em contexto de quantidade de cada grupo dos informantes, 53, 5% dos informantes do grupo 18-22 anos utilizam *tea*. No grupo 22-25 anos encontra-se 52, 5% e no grupo de mais de 25 anos encontra-se 39, 4% de utilizadores desta gíria.



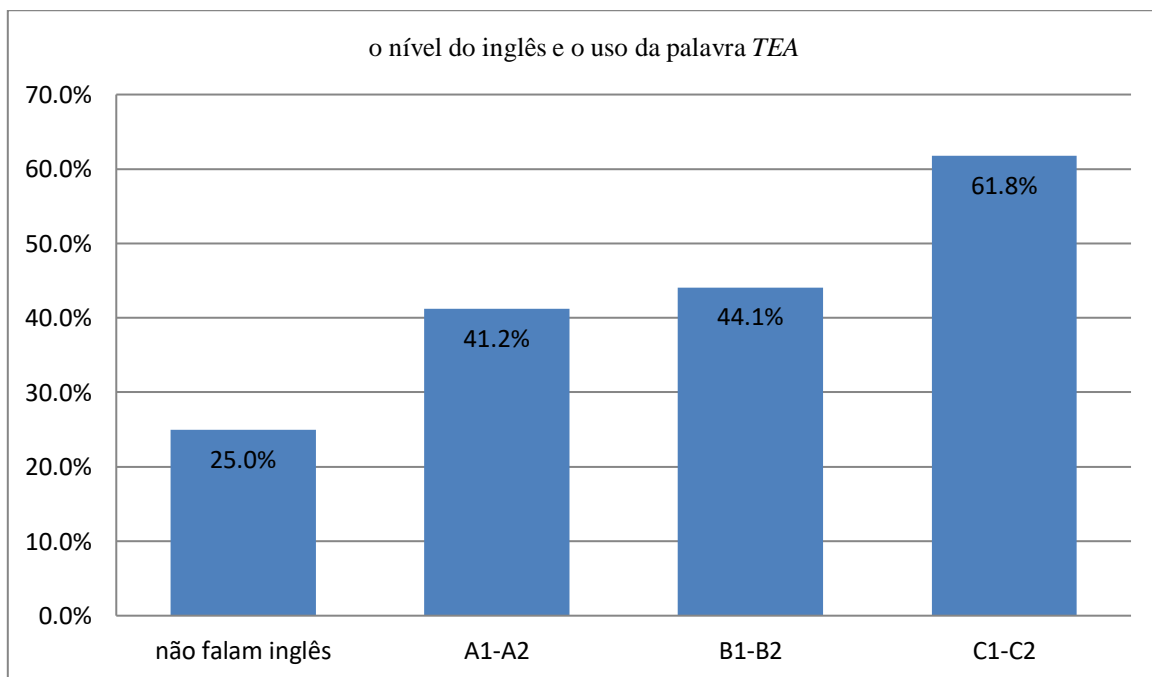
43% dos utilizadores da palavra são heterossexuais e 47, 9% são membros de comunidade LGBTQIA+, isto é, 40, 1% dos informantes heterossexuais e 73, 1% dos informantes da comunidade LGBTQIA+ usam a palavra *tea*. No que se trata de género, 85, 2% dos utilizadores são de género feminino, o que faz 59% de todas as informantes femininas. De todas as estudantes femininas heterossexuais, 50, 4% usa o anglicismo *tea* e encontra-se na fala de 75, 7% das mulheres de LGBTQIA+.

Os utilizadores do género masculino são representados por 11, 3%. De todos os informantes masculinos, 26, 7% usam esta palavra. Entre heterossexuais, 13, 3% favorece a palavra e entre membros de LGBTQIA+ masculinos é 66, 7%.

Pessoas não-binárias fazem 3, 5% dos utilizadores. Em geral, de todas as pessoas não-binárias que responderam ao questionário, 55, 6% usa a palavra. Todas estas pessoas são de comunidade LGBTQIA+.

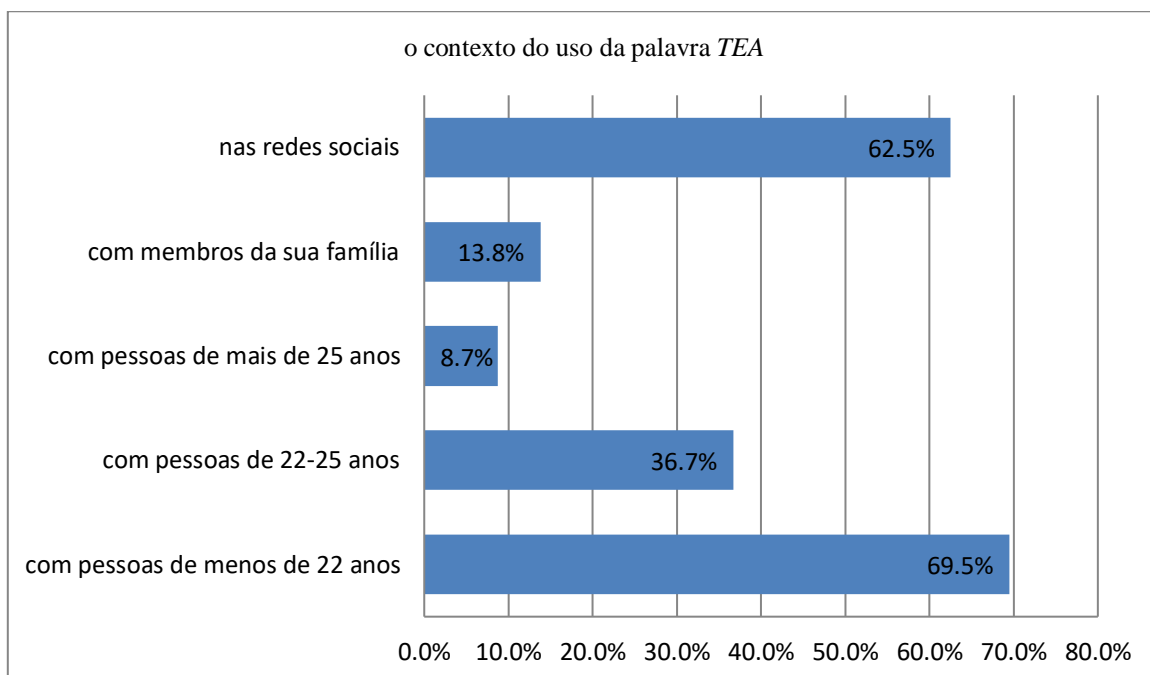


O nível do inglês dos utilizadores do vocábulo *tea* é na maior parte C1-C2 – 57%, os níveis B1-B2 fazem 31, 7%, os níveis A1-A2 fazem 9, 9% e os utilizadores que não falam inglês fazem 1, 4%. De todos os informantes dos níveis C1-C2, 61, 8% usam *tea* na sua fala, dos estudantes com níveis B1-B2, 44, 1% utiliza a palavra, dos níveis A1-A2 é 41, 2% e das pessoas que não falam inglês é 25%.

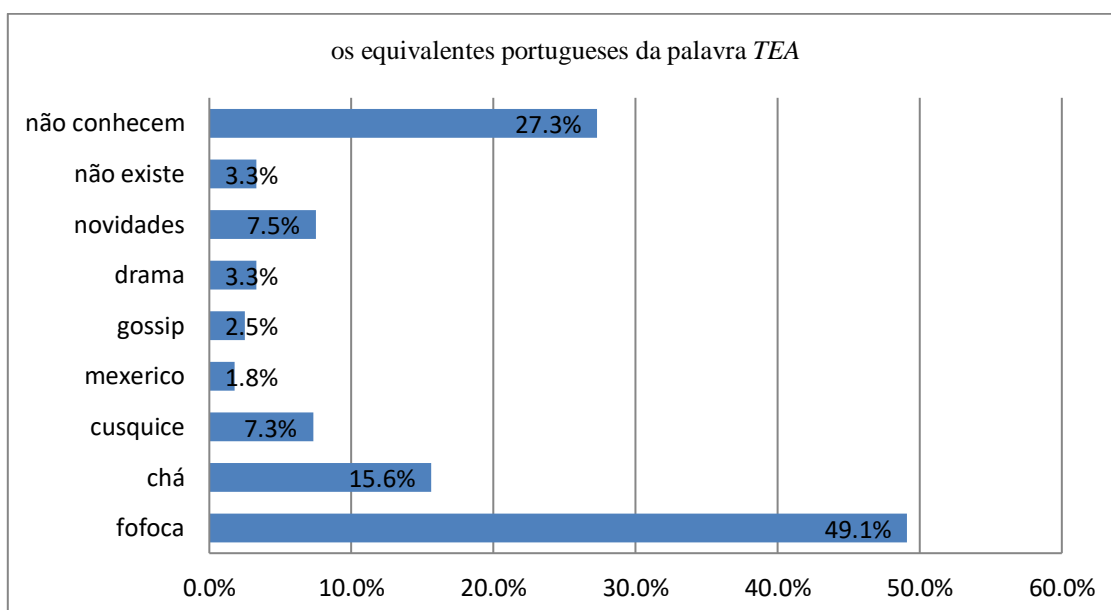


Em relação ao do contexto, 69, 5% responderam que usam a palavra com pessoas de menos de 22 anos de idade, 36, 7% com pessoas entre 22-25 anos e 8, 7% com pessoas de mais de 25

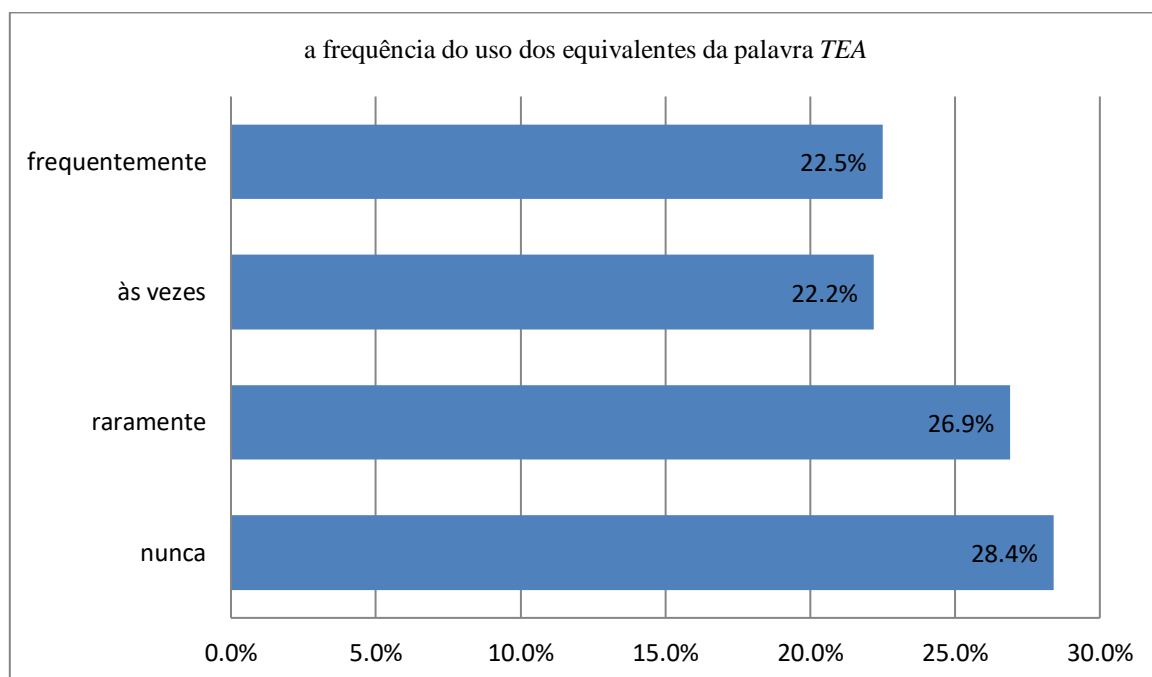
anos. Em comunicação com os membros da sua família usa o termo *tea* 13, 8% e nas redes sociais, em forma escrita usa a palavra 62, 5% dos informantes.



O equivalente português mais frequente (49, 1%) do anglicismo *tea* é a palavra *fofoca*, 27, 3% das pessoas responderam que não conhecem a palavra *tea* e apenas 3, 3% disse que o equivalente não existe. Decalque do termo *tea*, portanto na sua forma chá foi encontrado em 15, 6% das respostas. Entre outras palavras que foram postas como equivalente são *cusquice* (7, 3%), *novidades* (7, 5%), *drama* (3, 3%) e *mexerico* (1, 8%). Supreendentemente, 2, 5% dos estudantes punham palavra *gossip* como equivalente português, mesmo que seja palavra inglesa.



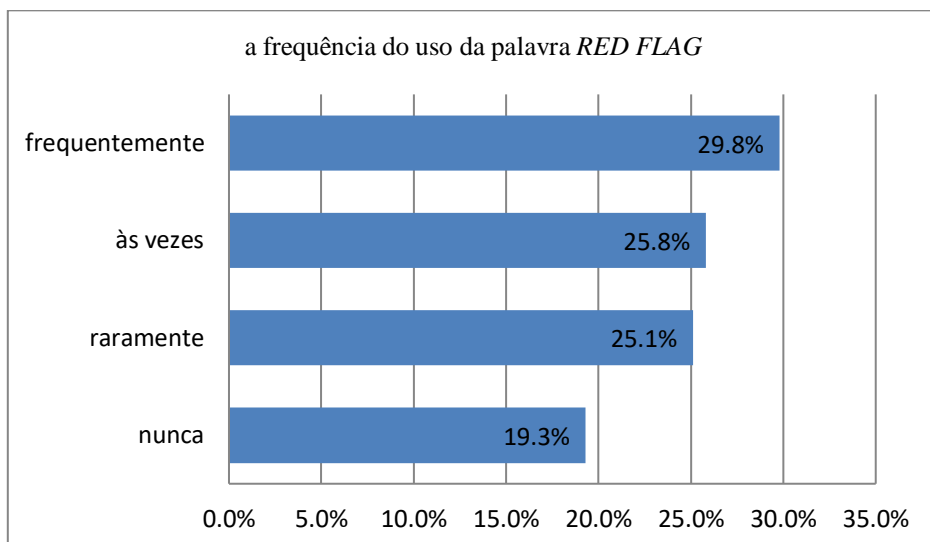
A frequência dos equivalentes portugueses na língua dos estudantes é maior do que o anglicismo *tea*. Frequentemente usa um dos equivalentes 22,5%, às vezes 22,2%, raramente 26,9% dos informantes. Nunca usa o equivalente 28,4% dos estudantes.



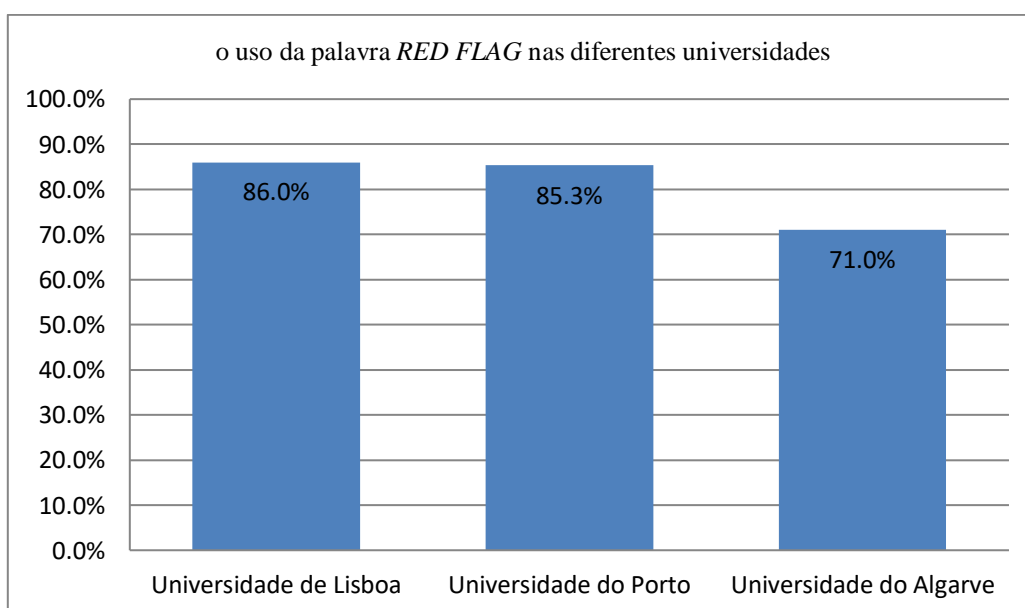
O anglicismo *tea* segue todos os pressupostos, como por exemplo, a maior inovação linguística mostra-se no léxico das pessoas que se identificam como femininas e no léxico dos informantes da comunidade LGBTQIA+, o que pode ser visto especialmente na diferença entre homens heterossexuais e homens LGBTQIA+. Ao mesmo tempo, a frequência do uso cresce com nível de inglês e entre estudantes mais jovens. Juntamente, nas redes sociais e na comunicação com o grupo de idade 18-22 anos encontra-se o termo *tea* mais do que em outros contextos. O único fator que não segue os pressupostos é o fator de universidade, posto que os estudantes da Universidade do Porto têm a maior percentagem dos utilizadores da palavra, a Universidade de Lisboa fica no segundo lugar e os informantes da Universidade do Algarve no terceiro. Todavia, é preciso levar em consideração o número de informantes que é menor na Universidade do Porto do que nas Universidades de Lisboa e do Algarve, o que pode ter influência nas percentagens finais.

4.2. RED FLAG

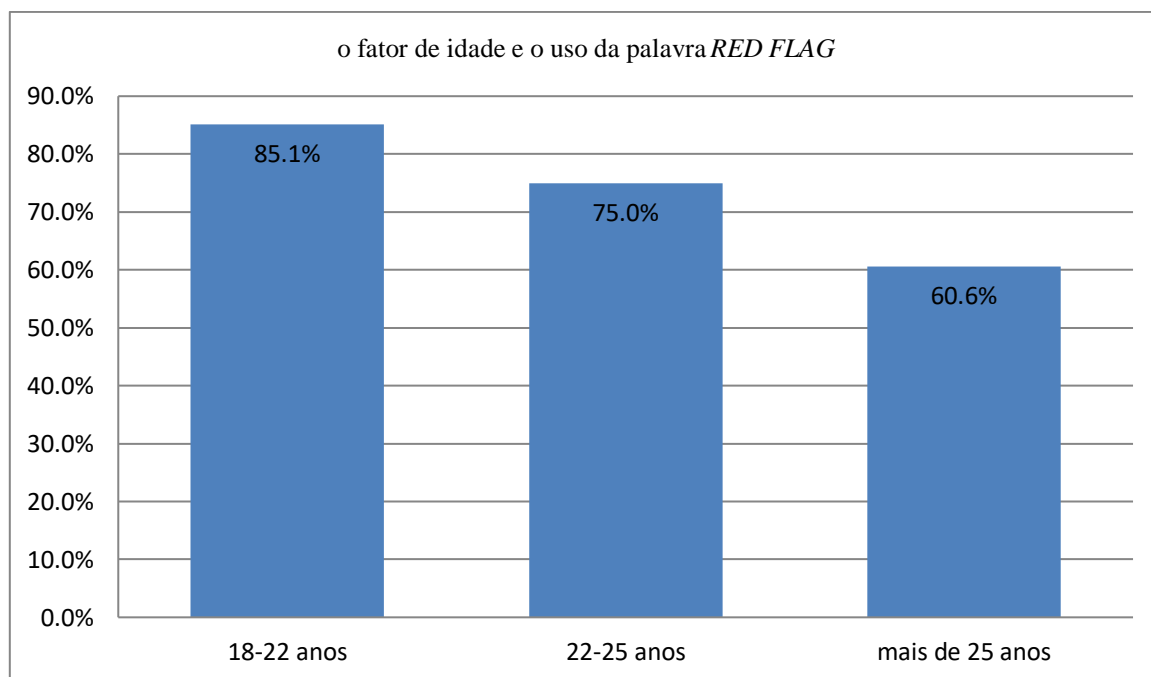
A palavra *red flag* encontra-se no léxico de 80, 7% dos informantes. A frequência do uso da palavra entre os estudantes é alta, visto que 29, 8% usam a palavra frequentemente, 25, 8% às vezes e 25, 1% raramente. Apenas 19, 3% dos estudantes nunca usam o anglicismo *red flag*.



A percentagem dos utilizadores é composta por 39, 2% dos estudantes da Universidade de Lisboa, 32% dos estudantes da Universidade do Algarve e 28, 8% dos estudantes da Universidade do Porto. Porém, do número total dos informantes de cada universidade, de todos os 75 informantes da Universidade do Porto, 64 deles usam este anglicismo, o que faz 85, 3%. Dos 100 informantes de Universidade de Lisboa e dos 100 informantes da Universidade do Algarve, em Lisboa 87%, e em Faro 71%, dos estudantes usam a palavra *red flag*.

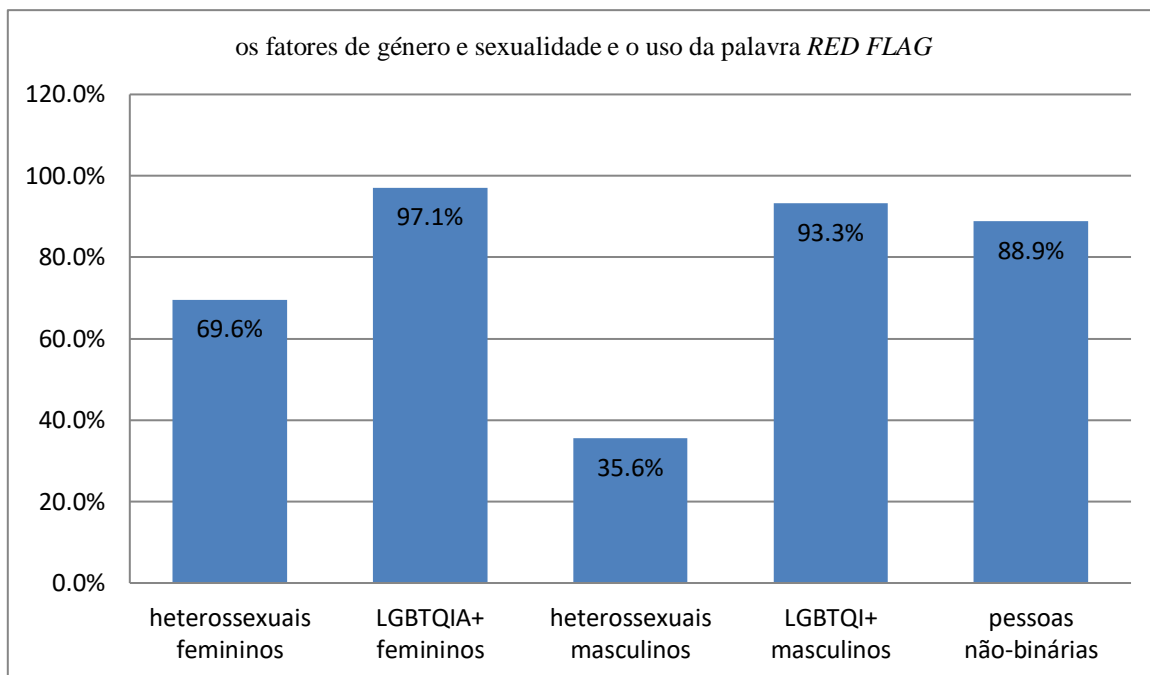


A idade dos informantes que utilizam a palavra *red flag* é na maioria (77, 5%) entre 18-22 anos. O resto é dividido entre grupos 22-25 anos (13, 5%) e mais de 25 anos (9%). Nos grupos individuais, baseado no número dos informantes, a palavra é usada por 85, 1% do grupo de 18-22 anos de idade, por 75% do grupo 22-25 anos e por 60, 6% do grupo de mais de 25 anos.

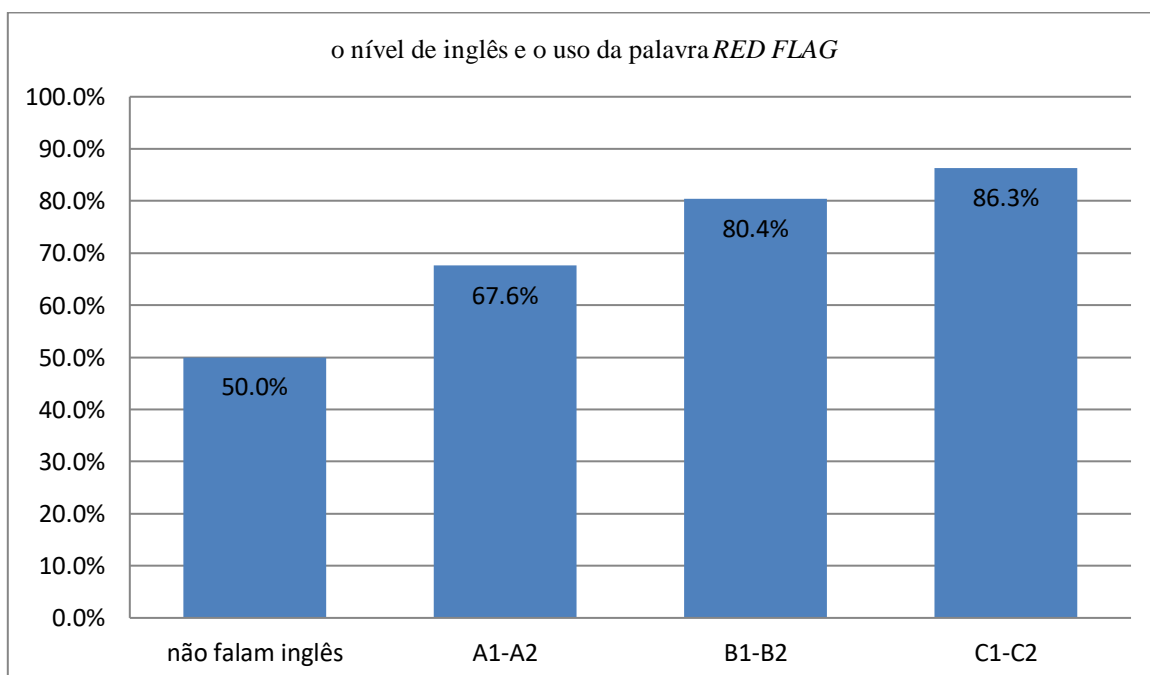


No que diz respeito à sexualidade, 50% dos utilizadores de *red flag* são heterossexuais e 40, 1% deles são de comunidade LGBTQIA+. No contexto de todos os informantes, 73% de todos os informantes heterossexuais e 95, 7% de todos os membros de LGBTQIA+ que responderam ao questionário usam a palavra.

80, 2% dos utilizadores são de género feminino, isto é, 86, 8% de todas as informantes femininas. Entre todas as mulheres heterossexuais, 69, 6% usam a palavra e no que concerne às mulheres de comunidade LGBTQIA+, 97, 1% delas favorecem o anglicismo. 16.2% dos utilizadores são de género masculino, o que faz 60% de todos os informantes masculinos. Apenas 35, 6% homens heterossexuais em comparação com 93, 3% dos homens de comunidade LGBTQIA+ usam a palavra. 3, 6% dos utilizadores são não-binários, ou seja, 88, 9% de todos os informantes não-binários. Todos estes informantes pertencem à comunidade LGBTQIA+.

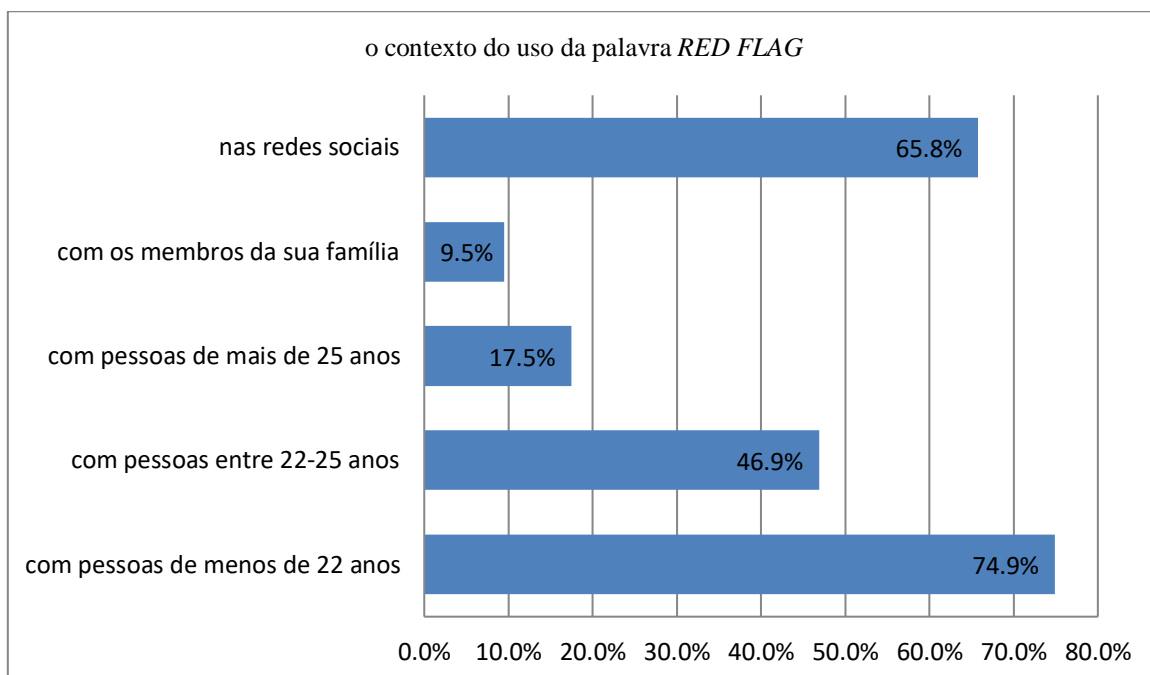


Na maior parte, os estudantes que usam a palavra *red flag* têm o nível de inglês C1-C2 (50, 9%), isto é, 86, 3% de todos os informantes deste nível. 36, 9% dos utilizadores representam os estudantes do nível B1-B2, o que faz 80.4% de todos os informantes deste nível. Utilizadores do nível A1-A2 fazem 10, 4%, o que corresponde a 67, 6% de todos neste grupo. 1, 8% dos que usam a palavra *red flag* não falam inglês, esta pertencem é 50% de todos os informantes sem conhecimento da língua inglesa.

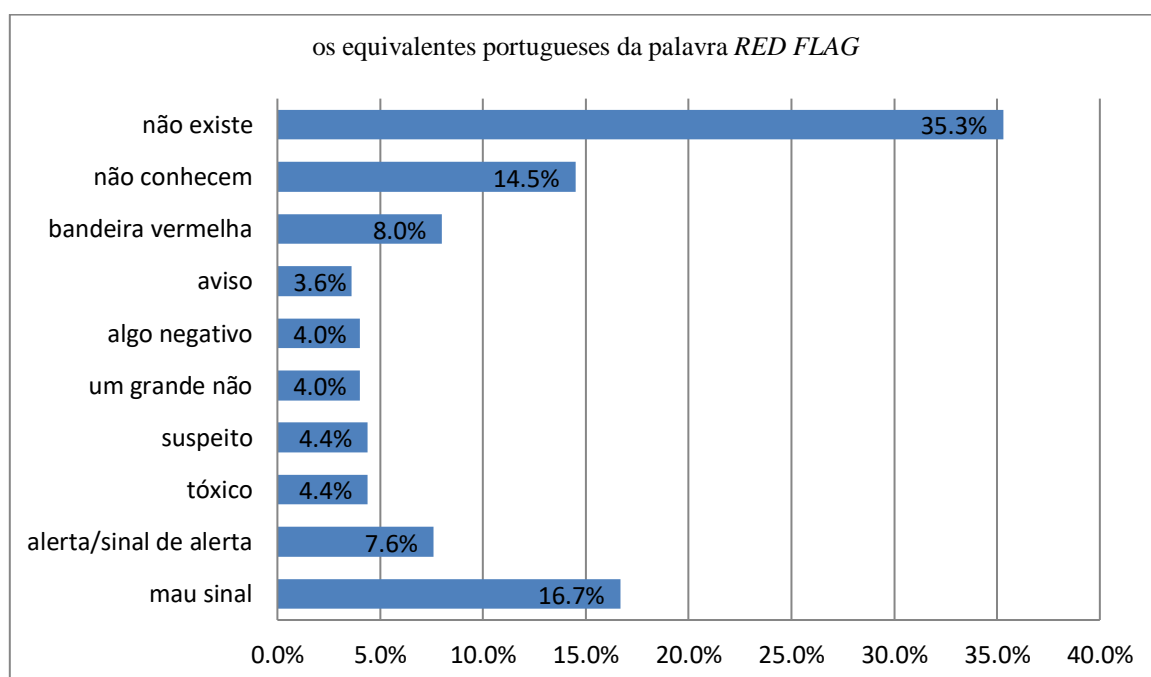


O anglicismo é mais usado entre pessoas de menos de 22 anos de idade (74, 9%) e nas redes sociais (65, 8%). Com pessoas entre 22-25 anos idade usam a palavra *red flag* 46, 9% dos

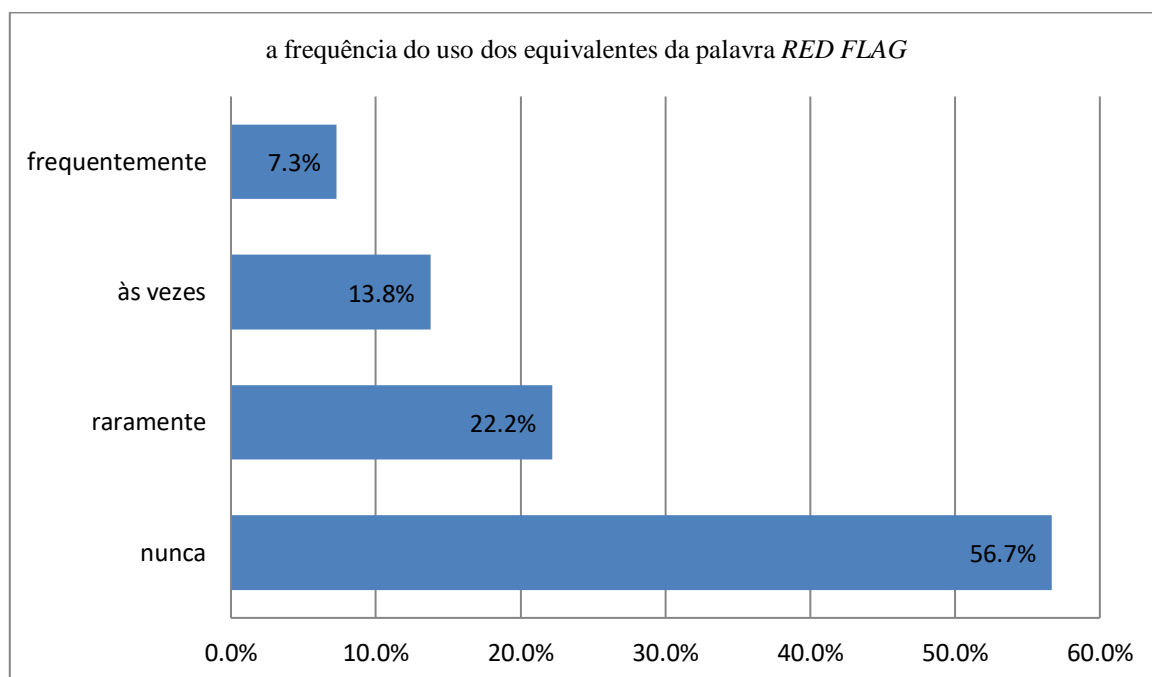
informantes, com pessoas de mais de 25 anos 17, 5%. O ambiente menos popular é com os membros da sua família (9, 5%).



Os equivalentes do anglicismo *red flag* em português indicados pelos informantes da pesquisa foram, entre outros, mau sinal (16, 7%), alerta ou sinal de alerta (7, 6%), tóxico (4, 4%), suspeito (4, 4%), um grande não (4%), algo negativo (4%), aviso (3, 6%). O decalque da palavra – bandeira vermelha foi indicado por 8% dos informantes. 14, 5% dos estudantes não conhecem o significado da palavra, e a maioria (35, 3%) declarou que o equivalente não existe.



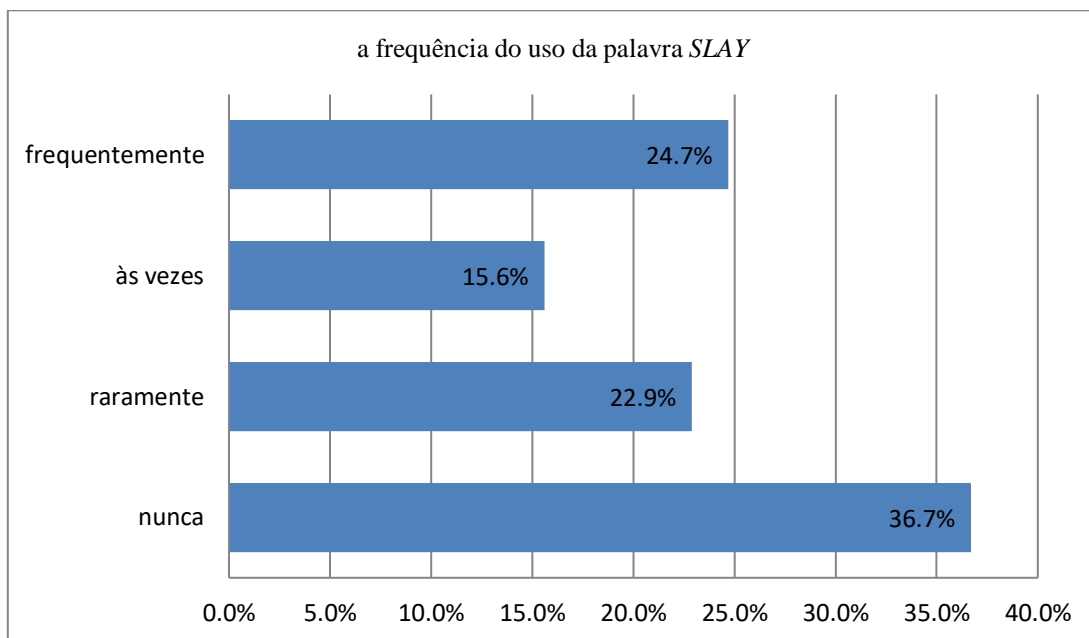
A frequência do uso dos equivalentes portugueses é muito mais baixo do que o uso dos anglicismos. 56,7% dos informantes nunca usam equivalente de *red flag*. 22,2% usam algum equivalente raramente, 13,8% às vezes e 7,3% frequentemente.



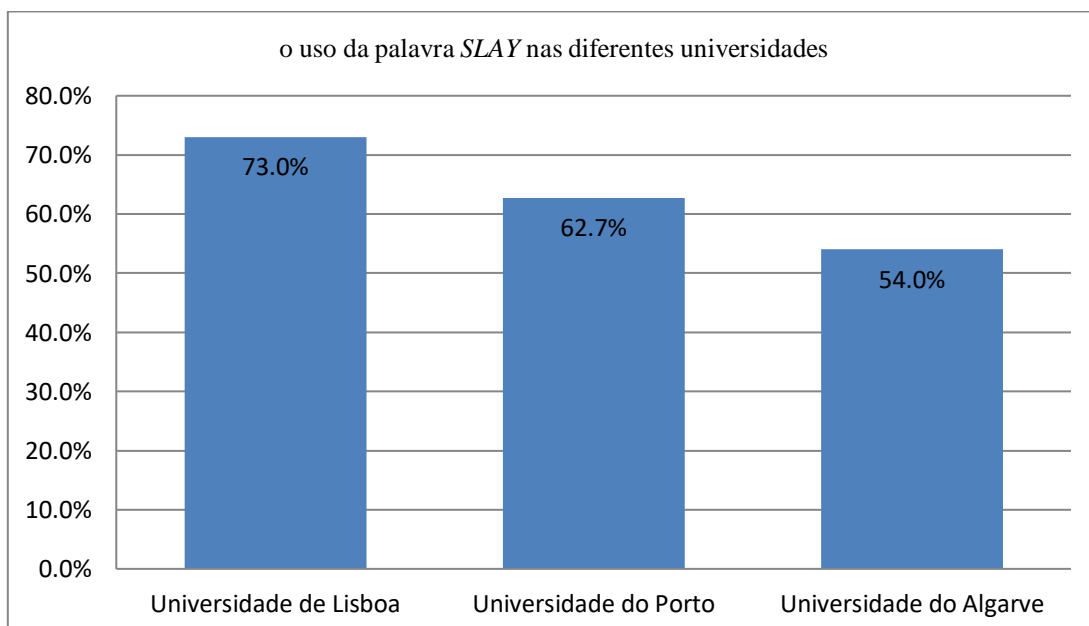
Assim, o anglicismo *red flag*, também segue os pressupostos em todos os aspetos. Ademais, a palavra é muito popular entre os estudantes portugueses, ainda que conheçam algum equivalente, maioria dos informantes nunca o usa. Ao mesmo tempo, em muitos casos é tratada como empréstimo necessário, posto que para mais do que 35% dos informantes não existe equivalente português para esta palavra.

4.3. SLAY

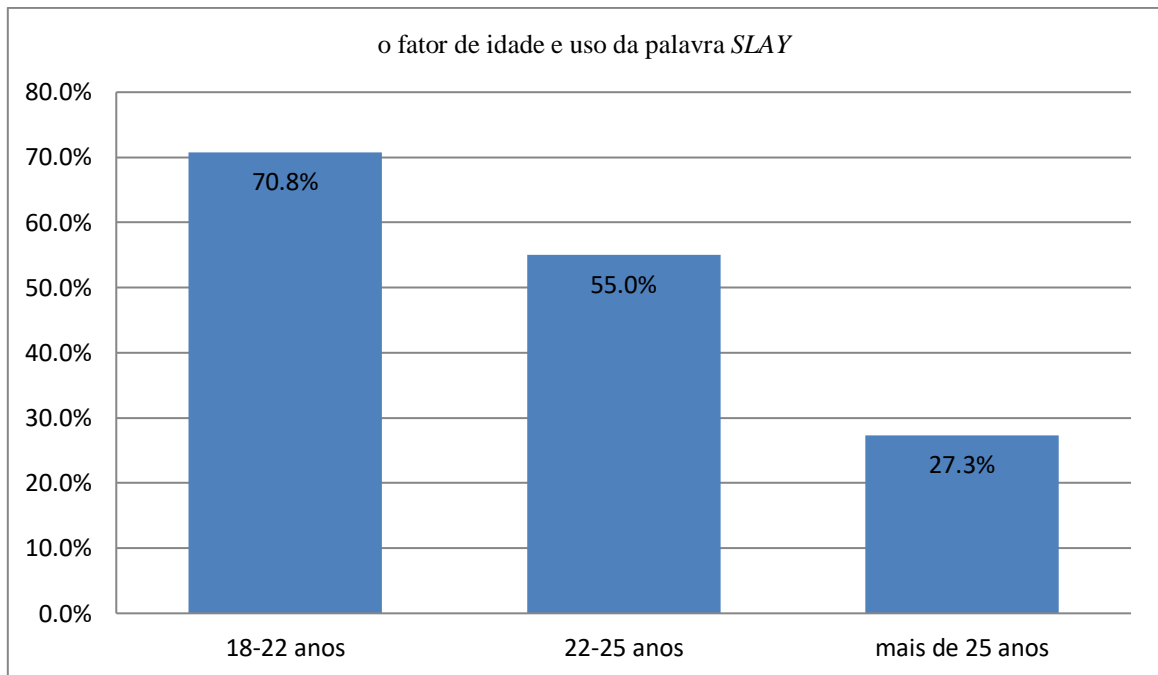
O anglicismo *slay* é utilizado por 63, 3% dos estudantes que responderam ao questionário. Destes mais de 60%, 24, 7% usam-no frequentemente, 15, 6% raramente e 22, 9% às vezes. O resto dos informantes, isto é, 36, 7% nunca utilizam o anglicismo.



De todos os utilizadores da palavra *slay*, 31% são da Universidade do Algarve, 42% é da Universidade de Lisboa e 27% é da Universidade do Porto. A propósito de popularidade em cada universidade, a mais popular é a palavra entre estudantes da Universidade de Lisboa (73%), a Universidade do Porto segue com 62, 7% e na Universidade de Algarve 54% dos estudantes usam *slay* na sua comunicação.

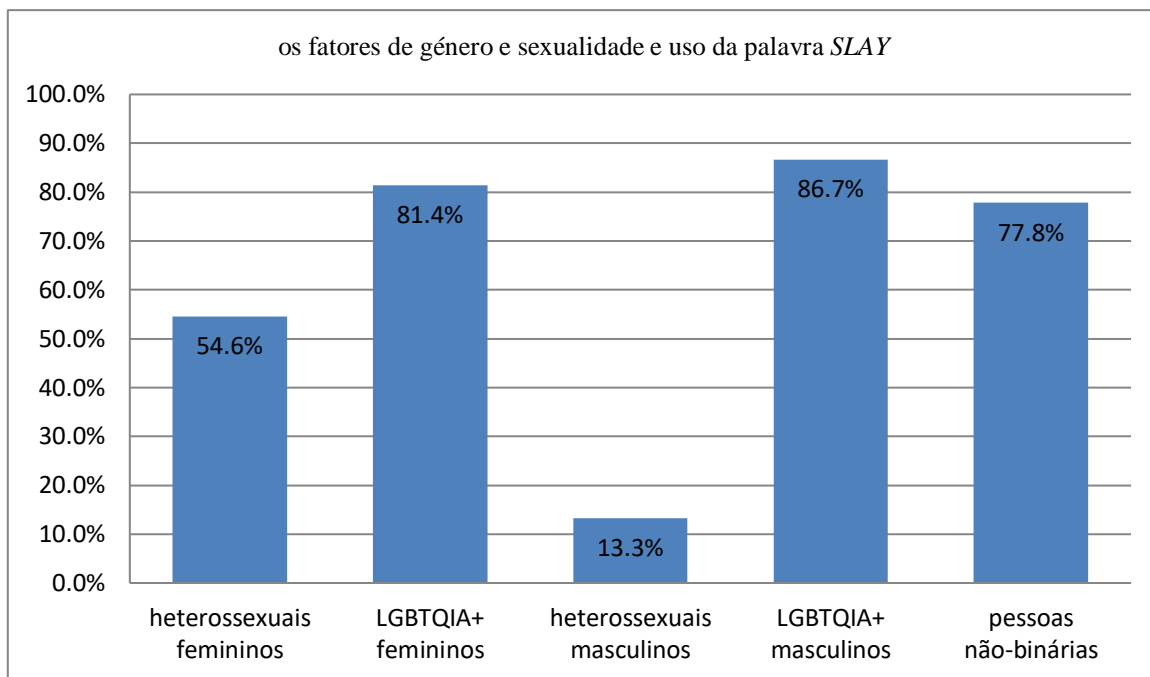


A maioria dos utilizadores (82, 2%) do termo *slay* tem entre 18-22 anos. O grupo das pessoas que têm entre 22 e 25 anos é representado por 12, 6% e 5, 2% das pessoas têm mais de 25 anos. Em contexto de idade de todos os informantes, no grupo 18-22 anos, 70, 8% das pessoas usam a palavra *slay*. Os utilizadores do grupo 22-25 anos fazem 55% de todas as pessoas neste grupo e do grupo de 25 e mais anos, os utilizadores fazem 27, 3%.

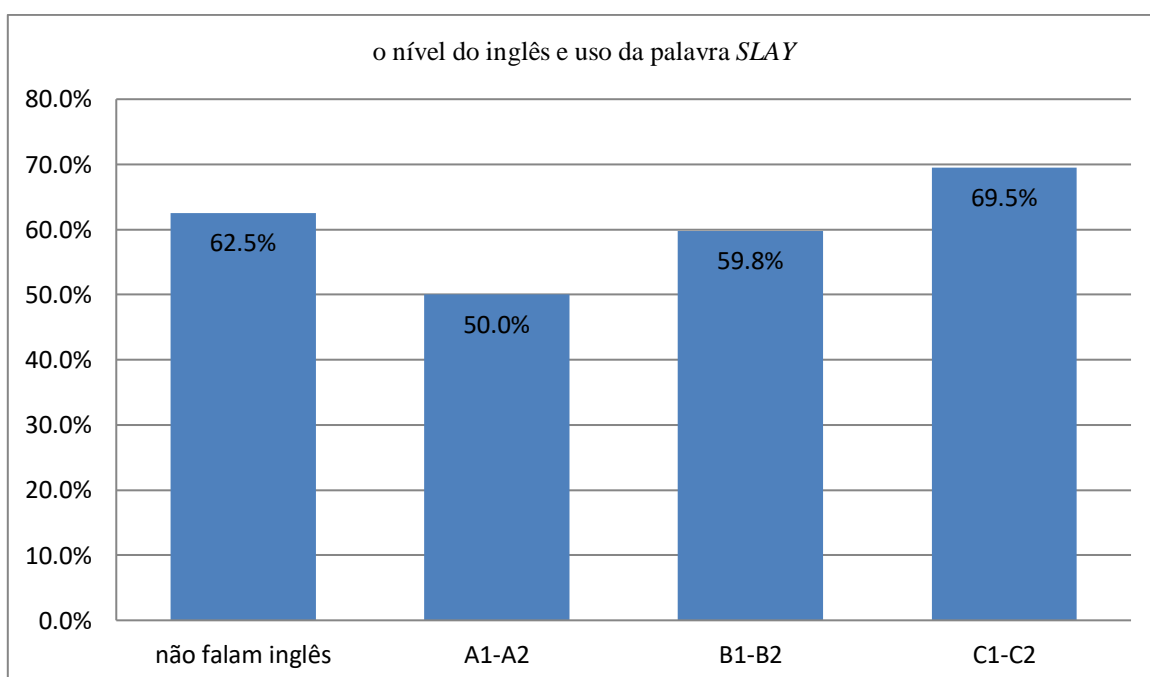


O fator de género é o mais representado por mulheres, 84, 5% dos utilizadores pertencem ao género feminino, 11, 5% deles pertencem ao género masculino e 4% pertence ao género não-binário. Isto é, 71, 7% dos informantes femininos e 77, 8% dos informantes não-binários usam *slay* na sua comunicação, mas apenas 33, 3% dos informantes masculinos usam a palavra. O fator de sexualidade é em geral representado por 46% dos heterossexuais e 44, 3% dos membros de comunidade LGBTQIA+, porém tomando em conta o número dos informantes de cada grupo, 82, 8% da comunidade LGBTQIA+ usa *slay*, enquanto apenas 52, 6% dos heterossexuais utilizam a palavra.

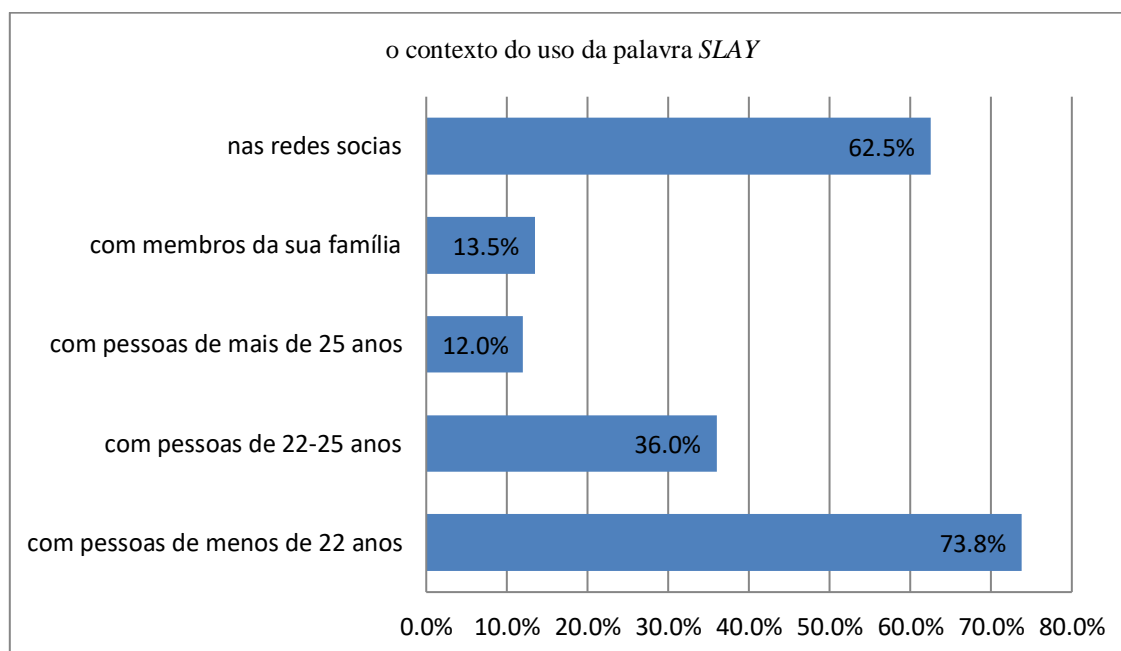
A comunidade de fala que usa este anglicismo mais frequentemente são homens de comunidade LGBTQIA+ (86, 7%) e homens heterossexuais são, em contraste, a comunidade de fala onde o termo é o menor frequente (13, 3 %). Entre mulheres a diferença não é tão grande. De todas as mulheres heterossexuais, 54, 6% usa a palavra e de todas as mulheres de comunidade LGBTQIA+, 81, 4% usa *slay*. As pessoas não-binárias pertencem todas à comunidade LGBTQIA+ e o uso da palavra aparece na comunicação de 77, 8% delas.



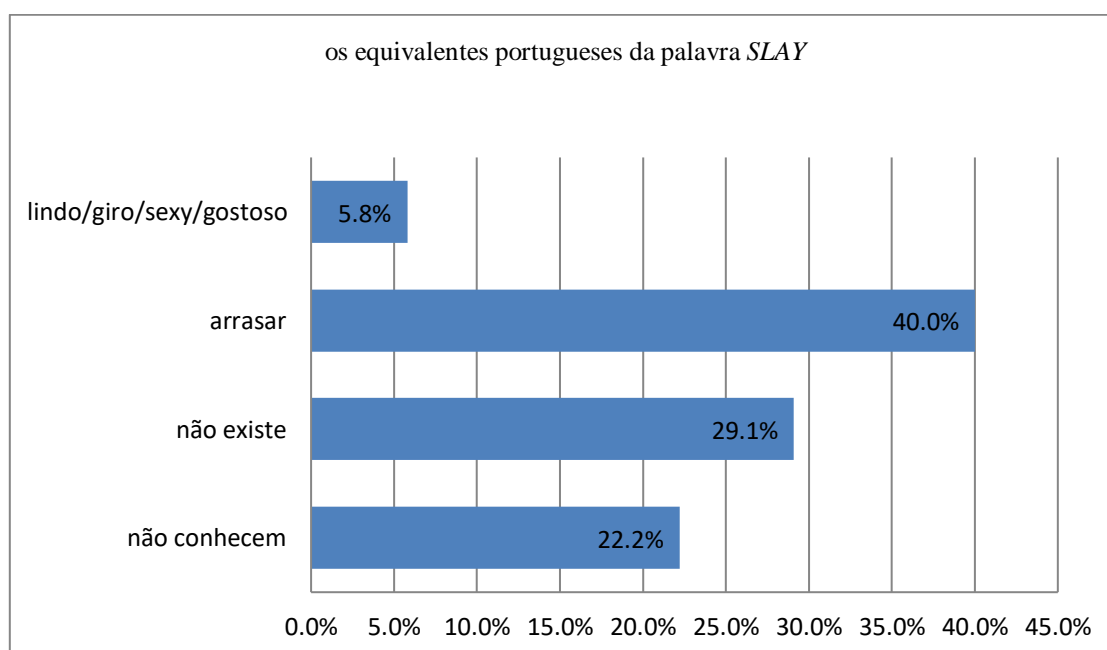
O maior número de utilizadores do termo *slay*, são pessoas que atingiram o nível de inglês C1-C2 (52, 3%). 35, 1% dos utilizadores são de nível B1-B2, 9, 8% é de nível A1-A2 e 2, 9% dos utilizadores não falam inglês. Todavia, a influência de nível do conhecimento do inglês, no caso de número dos informantes de cada nível, tem resultados surpreendente. O grupo com uso mais frequente é das pessoas de nível C1-C2 (69, 5%) como foi esperado, porém o grupo que segue com grande frequência é das pessoas que não falam inglês (62, 5%). Entre os estudantes com nível B1-B2, 59, 8% usam a palavra e entre os de nível A1-A2 são 50% dos estudantes.



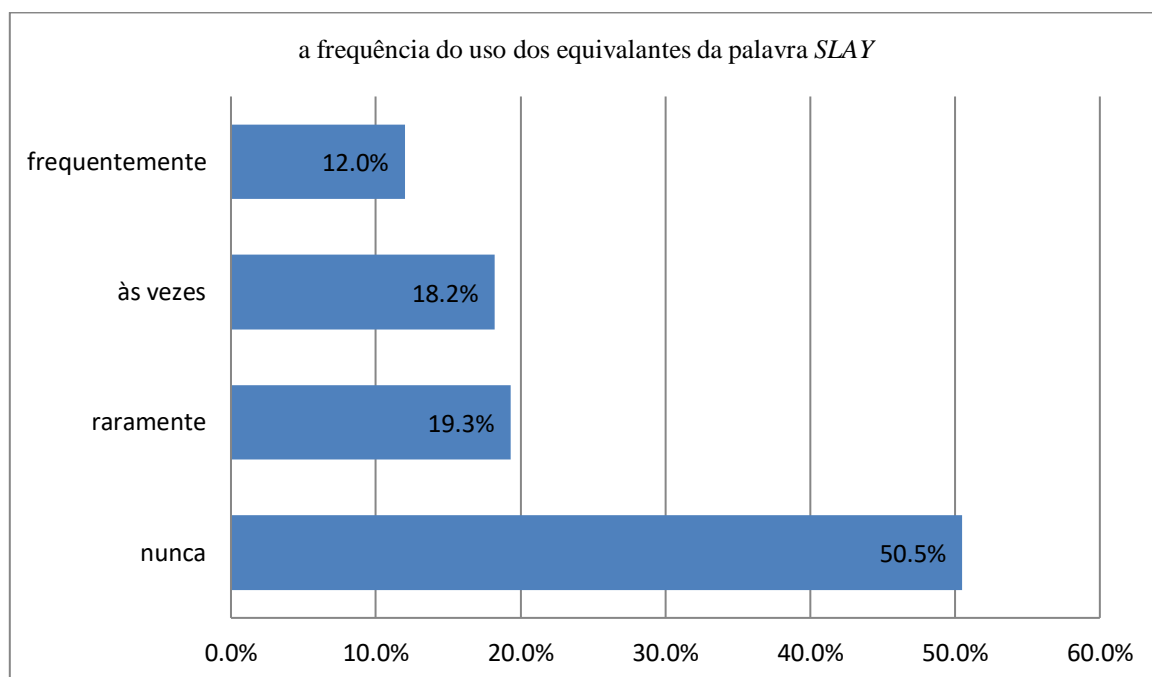
O ambiente do uso da palavra é na maior parte entre pessoas com menos de 22 anos de idade (73, 8%) e nas redes sociais (62, 5%). Com pessoas de 22-25 anos, 36% dos informantes usam *slay*. Com membros da sua família usam os estudantes o anglicismo mais do que com pessoas de mais de 25 anos – 13, 5% em comparação com 12%.



Os informantes não ofereceram grande variedade dos equivalentes portugueses da palavra *slay*. 40% indicaram como equivalente o verbo arrasar e 5, 8% deles apontaram o adjetivo lindo e os seus sinónimos como giro, sexy ou gostoso. 22, 2% dos informantes não conhecem o significado da palavra e 29, 1% disseram que o equivalente não existe. Neste caso, ninguém ofereceu decalque da palavra, que seria matar, como opção de equivalente.



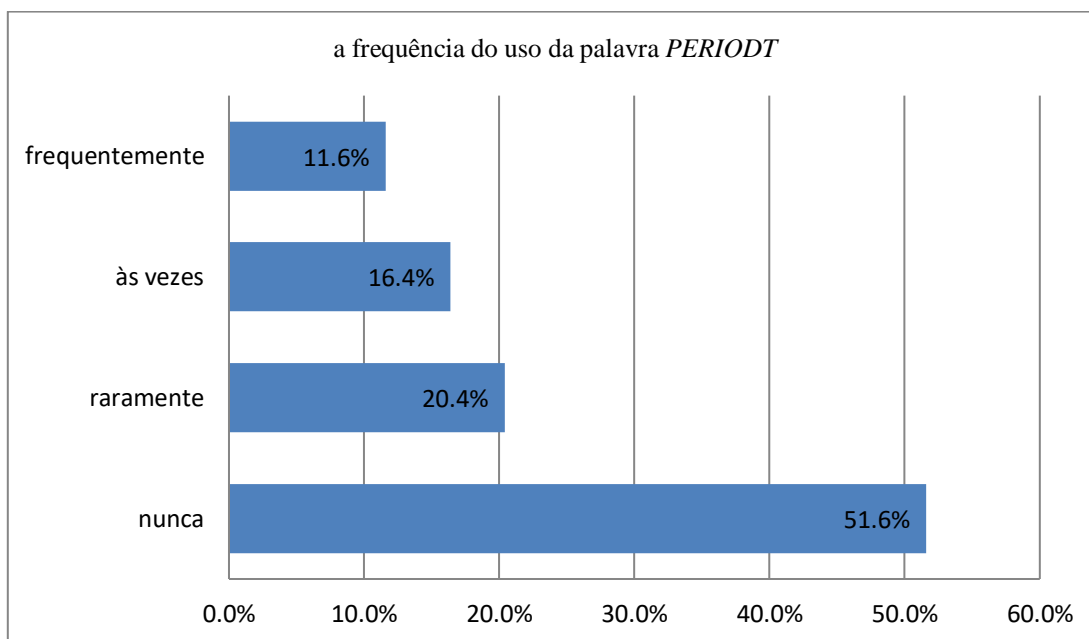
A frequência do uso dos equivalentes é menor do que o uso do anglicismo. 50, 5% dos informantes nunca usam um dos equivalentes. 19, 3% usa-o raramente, 18, 2% às vezes e 12% usa a palavra portuguesa frequentemente.



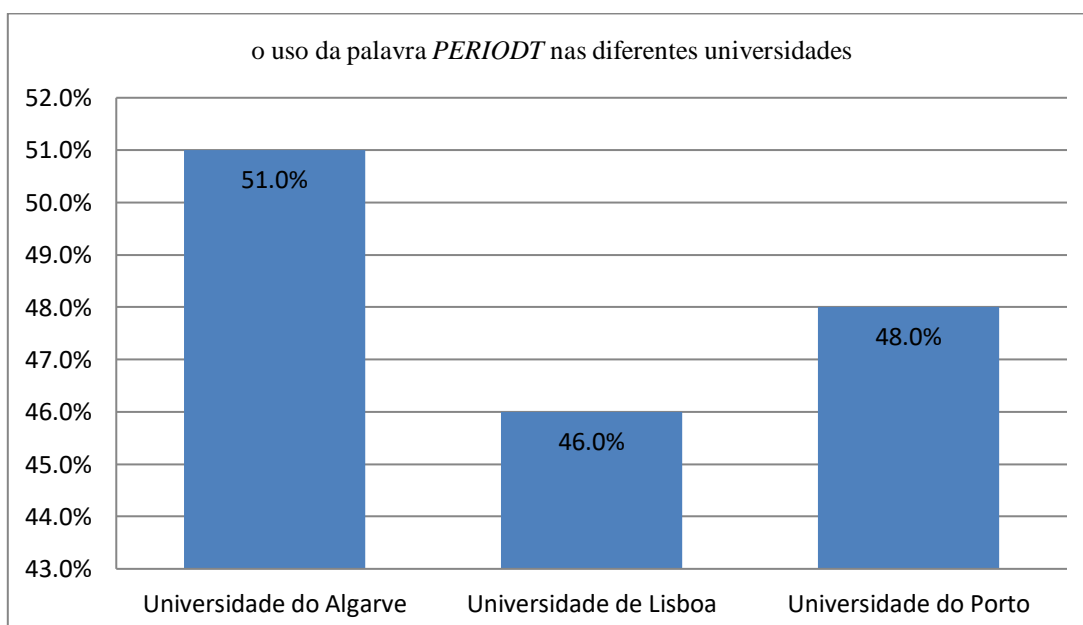
A palavra *slay*, também segue os pressupostos feitos no que diz respeito aos fatores influenciadores da nossa língua. A diferença é especialmente vista no uso do vocábulo dos homens heterossexuais e homens de comunidade LGBTQIA+. A palavra *slay* tem raízes na comunidade drag e hoje em dia na cultura popular entre fãs de RuPaul's Drag Race, portanto tem grande popularidade na comunidade LGBTQIA+, o que cria a grande diferença. O único fator que não segue os pressupostos é o fator do conhecimento de inglês, onde as pessoas que não falam inglês favorecem esta palavra mais do que dos de níveis A1-A2 e B1-B2.

4.4. PERIODT

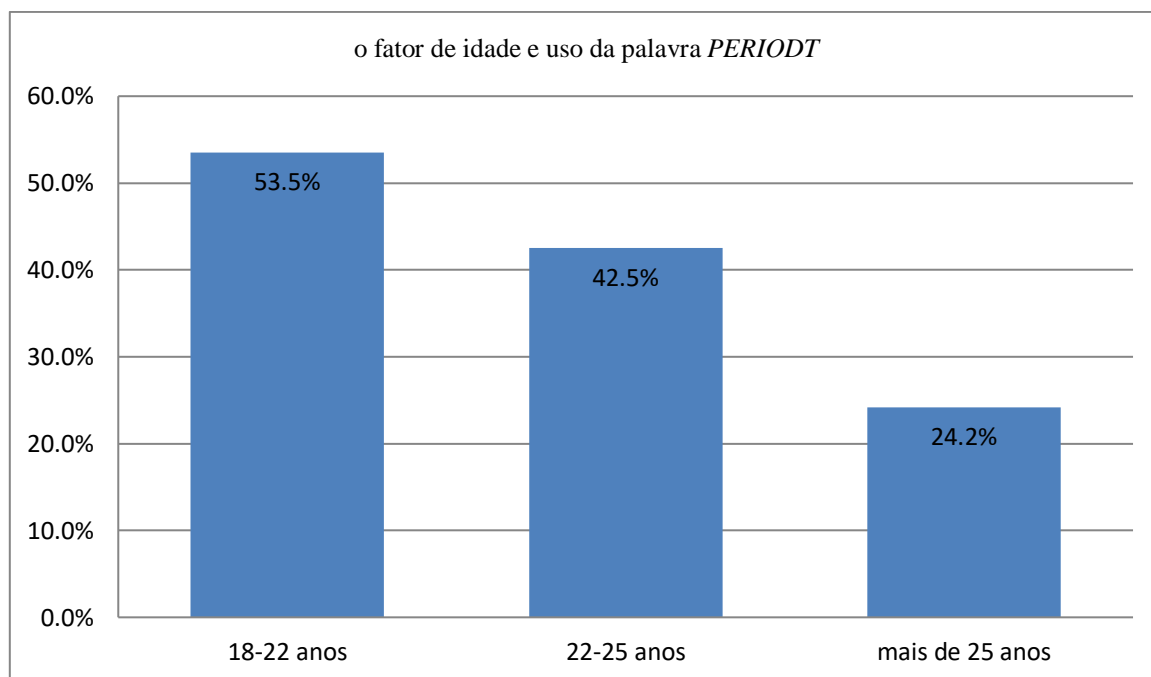
De todos os 275 informantes, 133 usam o anglicismo *periodt* na sua comunicação, isto é 48.4%. A palavra não é usada tão frequentemente, 51.6% dos informantes nunca usa *periodt* na sua fala. 20, 5% usa-a raramente, 16, 4% às vezes e apenas 11, 6% usa este anglicismo frequentemente.



Da quase metade dos informantes, 38, 3% vêm da Universidade do Algarve, 34, 6% da Universidade de Lisboa e 27, 1% da Universidade do Porto. A percentagem dos utilizadores de cada universidade depende do número dos informantes das universidades é seguinte: 51% Universidade do Algarve, 46% Universidade de Lisboa, 48% Universidade do Porto.

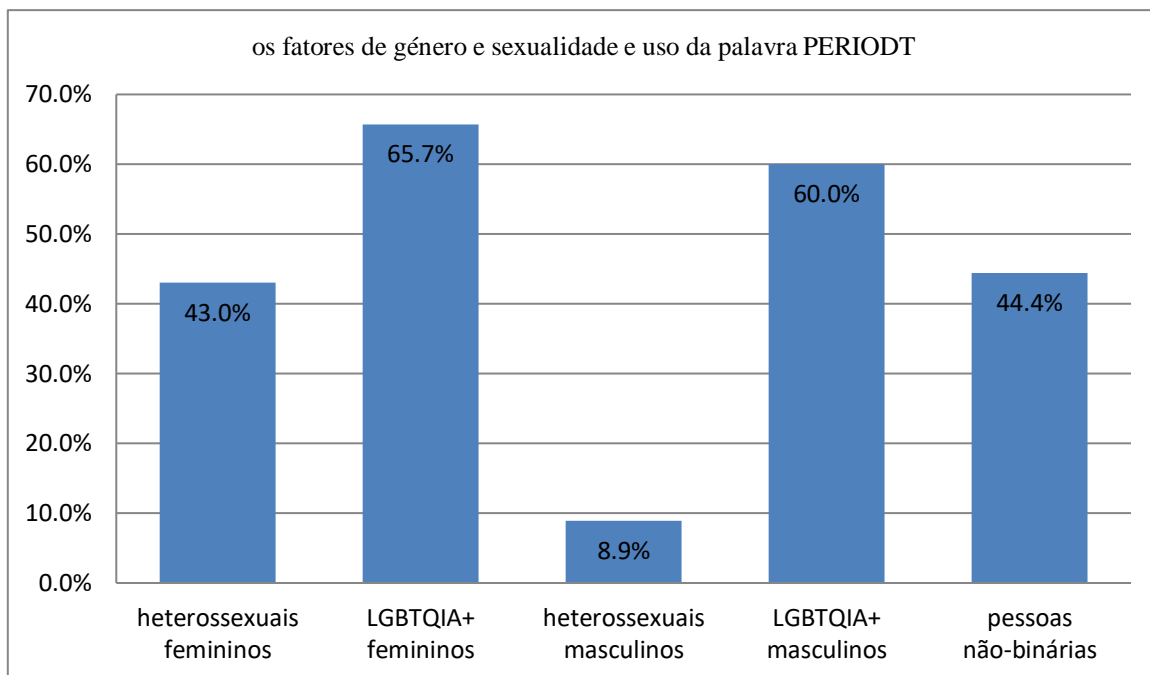


A maioria dos utilizadores da palavra *periodt* tem entre 18 e 22 anos (81, 2%), isto é 53, 5% de todos os informantes deste grupo. Entre 22 e 25 anos tem 12, 8% dos utilizadores, o que é 42, 5% dos informantes desta idade. O último grupo, pessoas com mais de 25 anos, fazem 6% de todos os utilizadores, o que representa 24, 2% das pessoas de mais de 25 anos que responderam ao questionário.

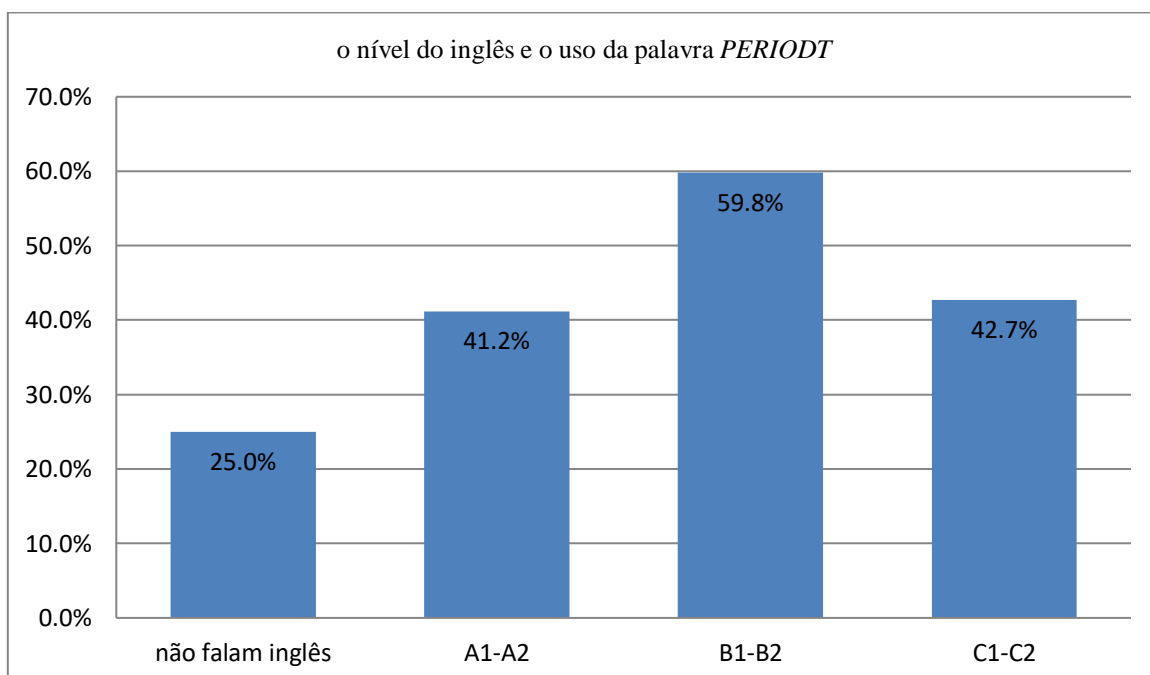


A palavra é utilizada na maior frequência entre mulheres, 84, 2% do número total dos informantes são mulheres e apenas 12, 8% são homens. Pessoas não-binárias representam 3% dos utilizadores. De todas as mulheres que responderam ao questionário, a palavra é usada por 54, 6%, entre homens é 28, 3% e entre pessoas não-binárias é 44, 4%. Todas as pessoas não-binárias pertencem à comunidade LGBTQIA+. Esta comunidade é representada por 44, 4% dos utilizadores e os heterossexuais são representados por 46, 6%. A popularidade entre todos os informantes heterossexuais é menor (40, 8%) do que entre todos os membros de LGBTQIA+ (63,4%).

Quando se conetam os fatores de género e sexualidade, o anglicismo *periodt* é usado mais frequentemente por mulheres de LGBTQIA+ comunidade (65, 7%) e os homens desta comunidade seguem com 60%. Entre heterossexuais, mulheres são utentes frequentes (43%), enquanto os homens heterossexuais não favorecem esta palavra na sua fala, apenas 8, 9% dos respondetes masculinos heterossexuais usam o termo *periodt*.

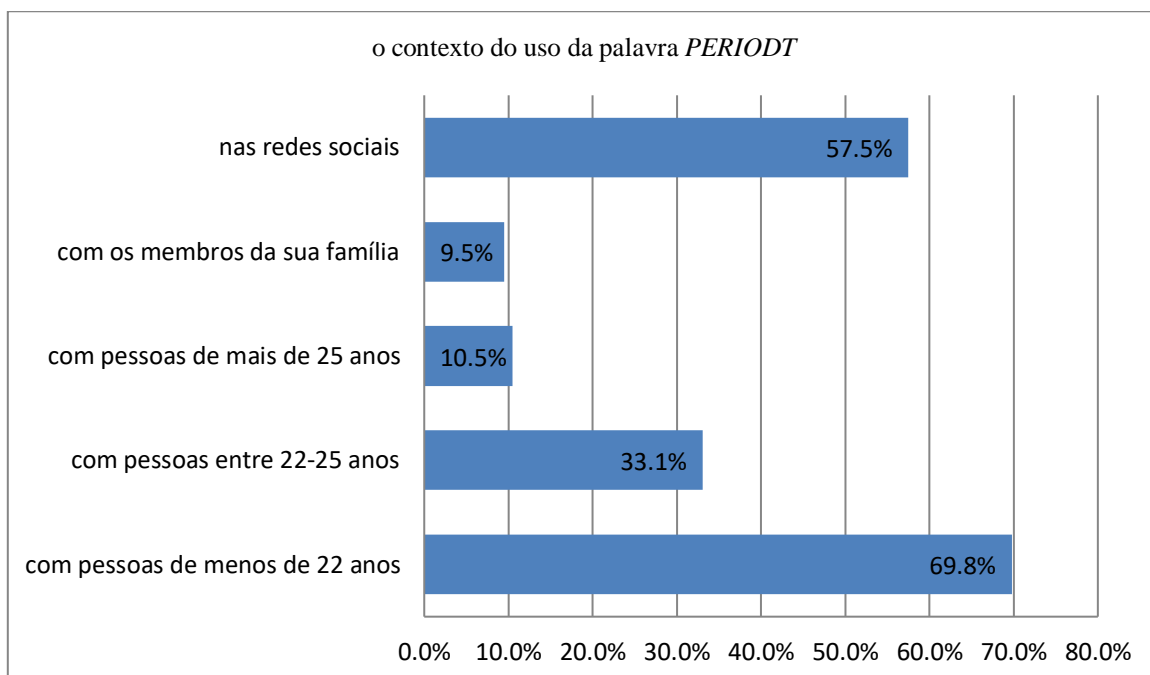


Os utilizadores da palavra *periodt*, na maioria (45, 9%) atingiram o nível B1-B2 na língua inglesa. O nível C1-C2 é representado por 42, 1%, o nível A1-A2 por 10, 5% e as pessoas que não falam inglês fazem apenas 1, 5% dos utilizadores. De todos os informantes de cada nível, este anglicismo é o mais favorecido entre estudantes de nível B1-B2 (59, 8%), entre as pessoas com nível C1-C2, 42.7% usam a palavra. Dos informantes do nível A1-A2, 41, 2% usam *periodt* e entre as pessoas que não falam inglês é 25%.

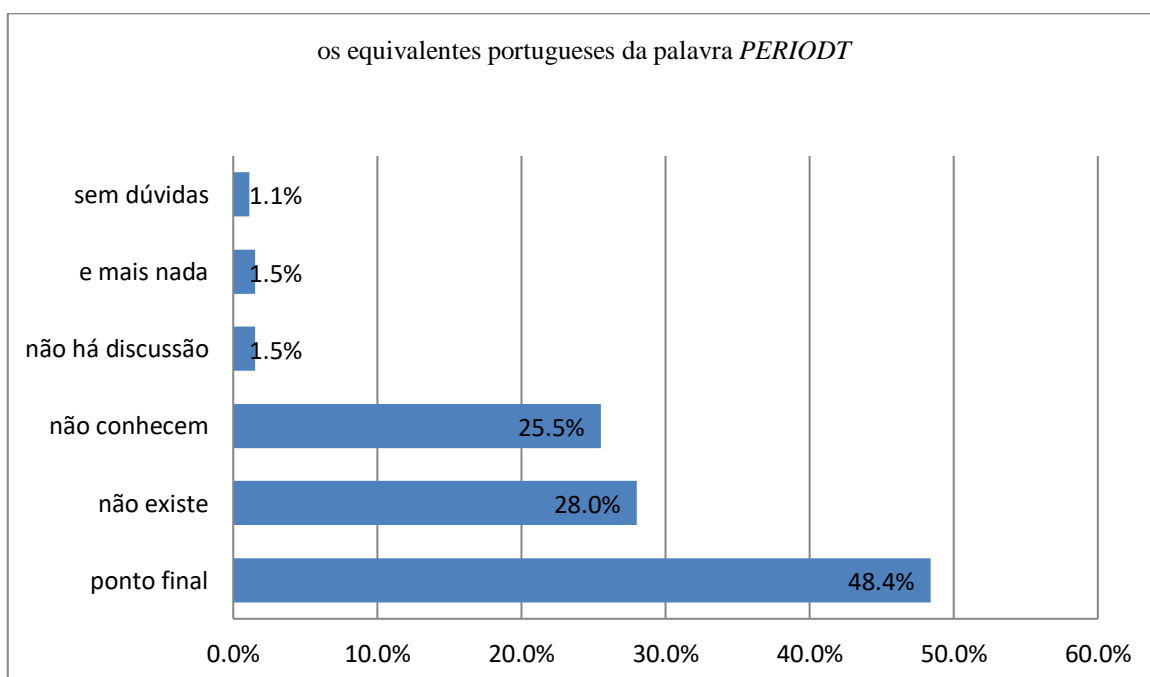


O contexto do uso da palavra é mais outra vez na maioria entre pessoas de menos de 22 anos (69, 8%) e nas redes sociais (57, 5%). Na fala com pessoas entre 22 e 25 anos é usada por

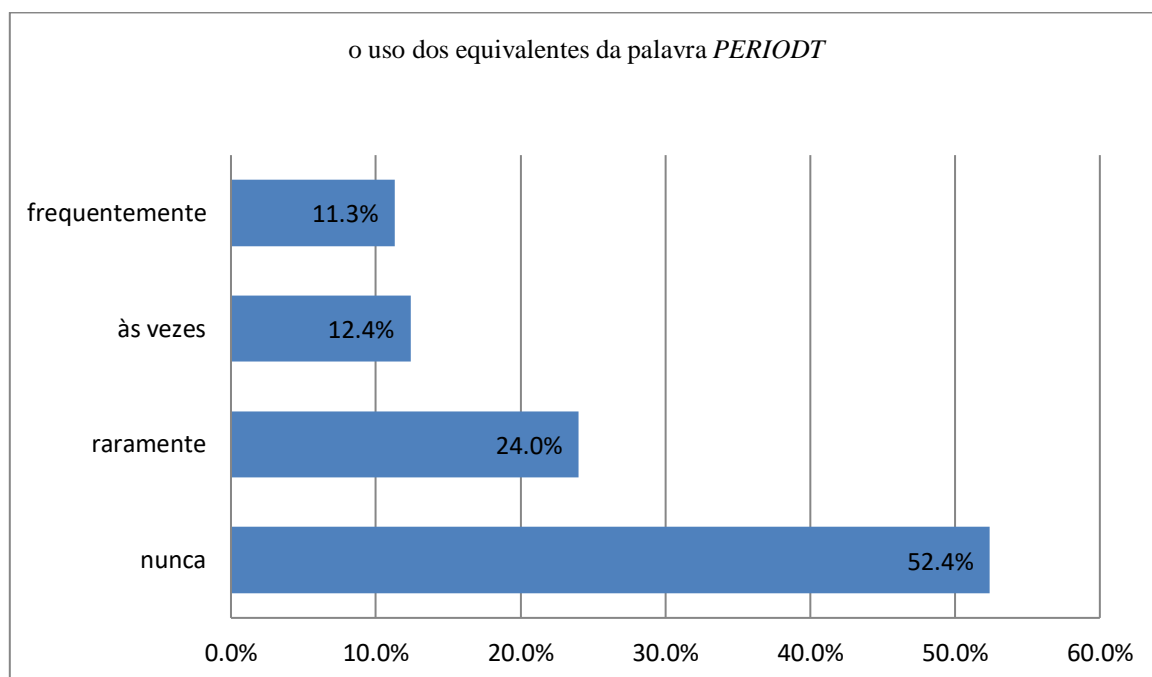
33, 1% dos informantes e com pessoas de mais de 25 anos é usada por 10, 5%. 9, 5% dos informantes usam *periodt* com os membros da sua família.



O equivalente mais comum entre as respostas foi o decalque da palavra *periodt* – ponto final, o qual indicaram 48, 4% das respostas. Para 28% das pessoas equivalente português não existe e 25, 5% dos informantes não conhecem o significado desta expressão. Entre outros equivalentes encontram-se também – não há discussão (1, 5%), e mais nada (1, 5%) e sem dúvidas (1, 1%).



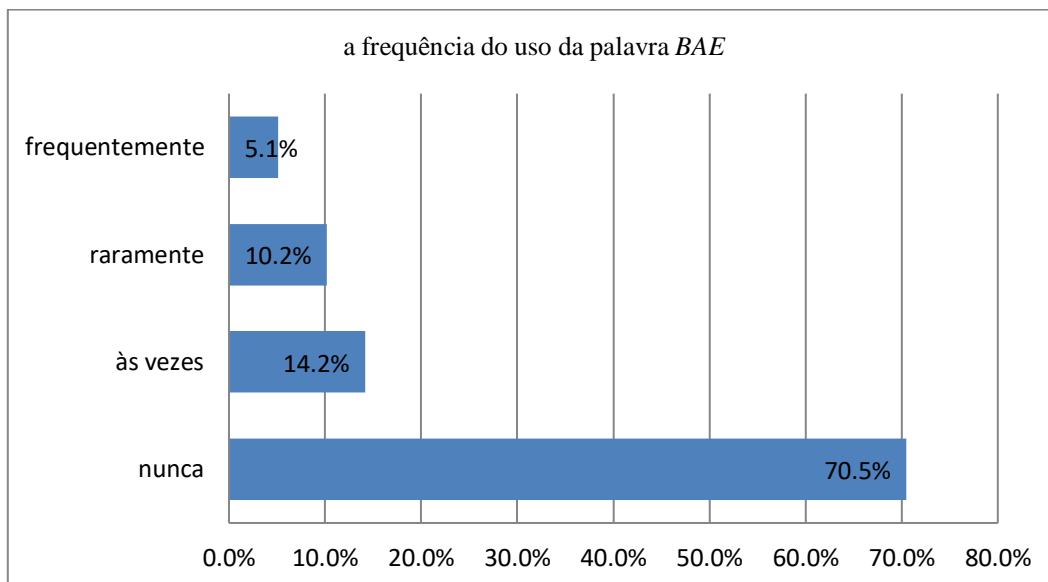
A frequência do uso dos equivalentes portugueses é muito semelhante ao uso do próprio anglicismo, 52, 4% dos informantes nunca usam o equivalente. 24% usa-o raramente, 12, 4% às vezes e 11, 3% frequentemente.



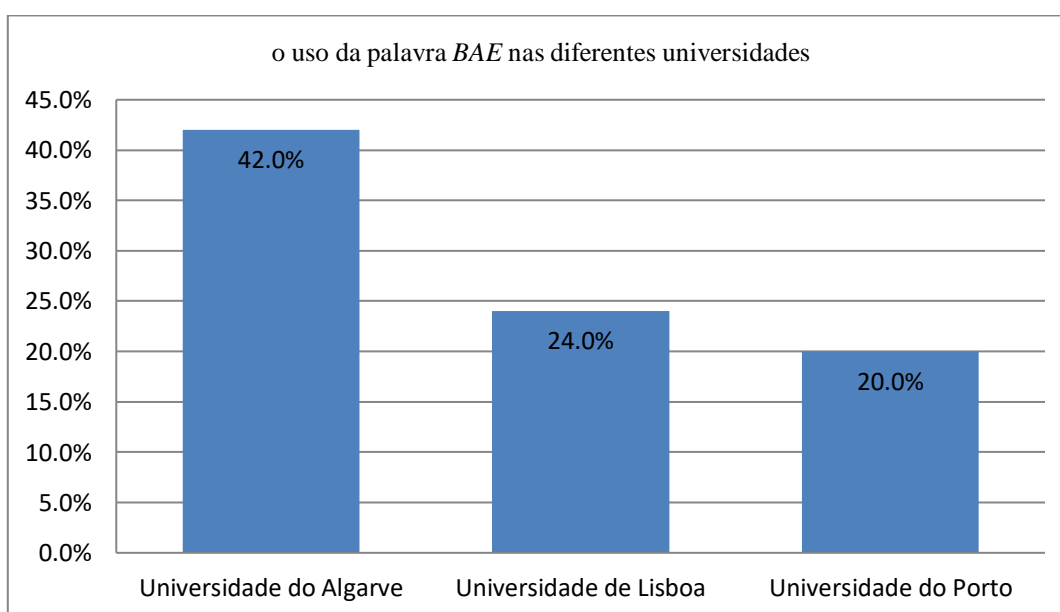
A palavra *periodt* cumpre os pressupostos com respeito aos fatores de idade, género e sexualidade. Por outro lado, o fator de universidade tem resultados diferentes do que se supôs. A Universidade do Algarve tem maior frequência do uso, depois segue Universidade do Porto e a menor frequência encontra-se na Universidade de Lisboa. Ademais, o fator do conhecimento do inglês, também difere em resultados de que foi suposto, os falantes de nível B1-B2 usam mais na sua fala o anglicismo *periodt* do que os falantes do nível C1-C2. Tem que se adicionar, que os falantes do nível A1-A2 não têm grande diferença na frequência do uso da palavra em comparação com os falantes de C1-C2, a discrepância é só 1, 5% dos informantes.

4.5. BAE

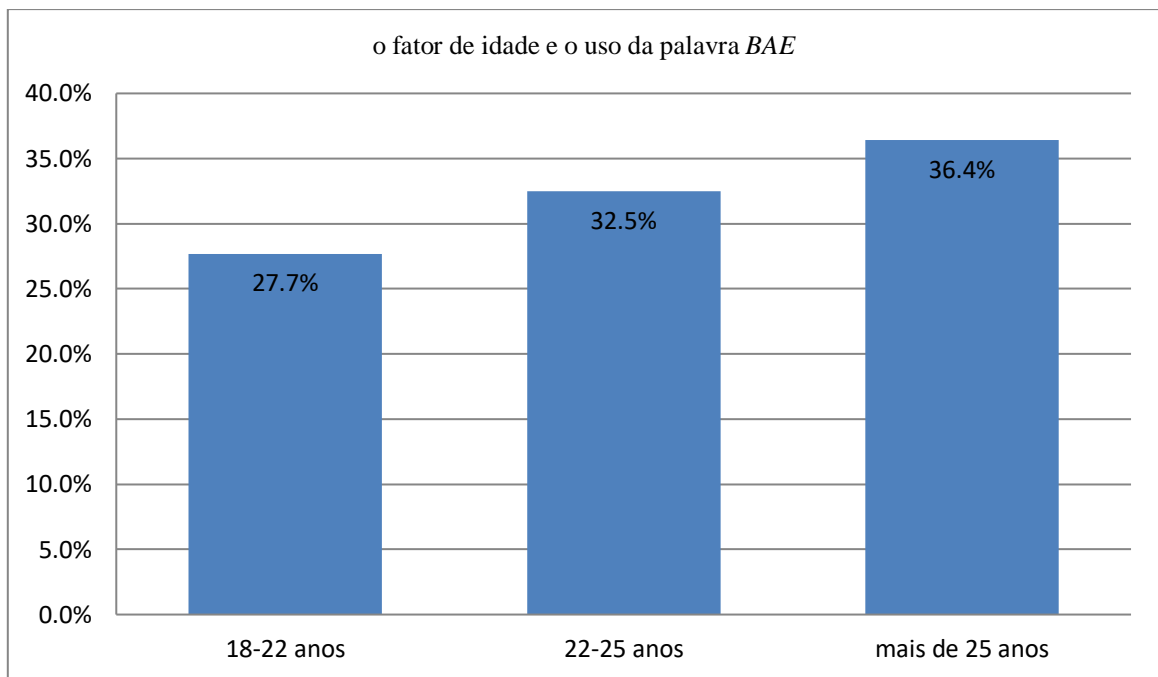
O anglicismo *bae* não é muito popular entre os estudantes portugueses, visto que apenas 29, 5% dos informantes usam-no – 14, 2% dos estudantes usam a palavra raramente, 10, 2% às vezes e só 5, 1% usam-na frequentemente. Portanto, 70, 5% nunca o usa na sua comunicação dia-a-dia.



De todos os utilizadores, a Universidade do Algarve é representada com 51, 9%, Universidade de Lisboa com 29, 6% e a Universidade do Porto com 18, 5%. De todos os estudantes que responderam da Universidade do Algarve, 42% usam a palavra na sua fala, na Universidade de Lisboa usam-na 24% e na Universidade do Porto 20% dos estudantes.

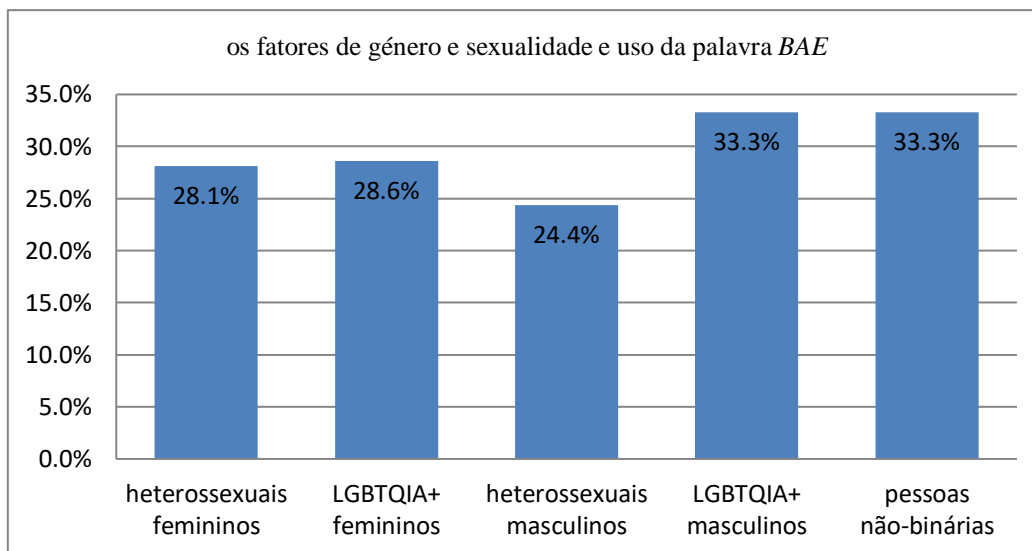


A idade dos utilizadores é na maioria entre 18 e 22 anos (69, 1%), entre 22 e 25 representam 16, 1% dos utilizadores e 14, 8% deles têm mais de 25 anos. Porém, em contexto de número dos informantes de cada grupo, são os estudantes com mais de 25 anos, que mais usam este termo (36, 4%), as pessoas que têm entre 22 e 25 anos seguem na frequência de uso com 32, 5% e o menos frequentemente usada pelos estudantes de entre 18 e 22 anos de idade (27, 7%).

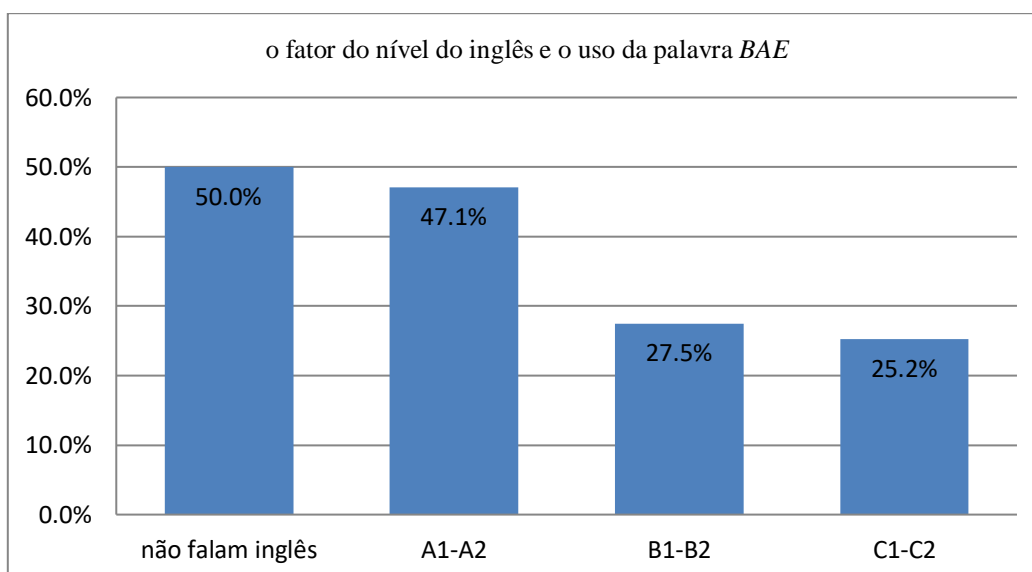


Os utilizadores mais frequentes são de género feminino (74, 1%), o que faz 29, 3% de todos os informantes femininos, o género masculino representa 22, 2% dos utilizadores, o que é 30% de todos os informantes masculinos e as pessoas não-binárias representam 3, 7%, ou seja 33, 3% de todos os informantes não-binários. De todos os utilizadores, 60, 5% são heterossexuais, o que é 32, 2% de todos os informantes heterossexuais e a comunidade LGBTQIA+ faz 35, 8% dos utilizadores, o que corresponde a 31, 2% de todos os informantes desta comunidade.

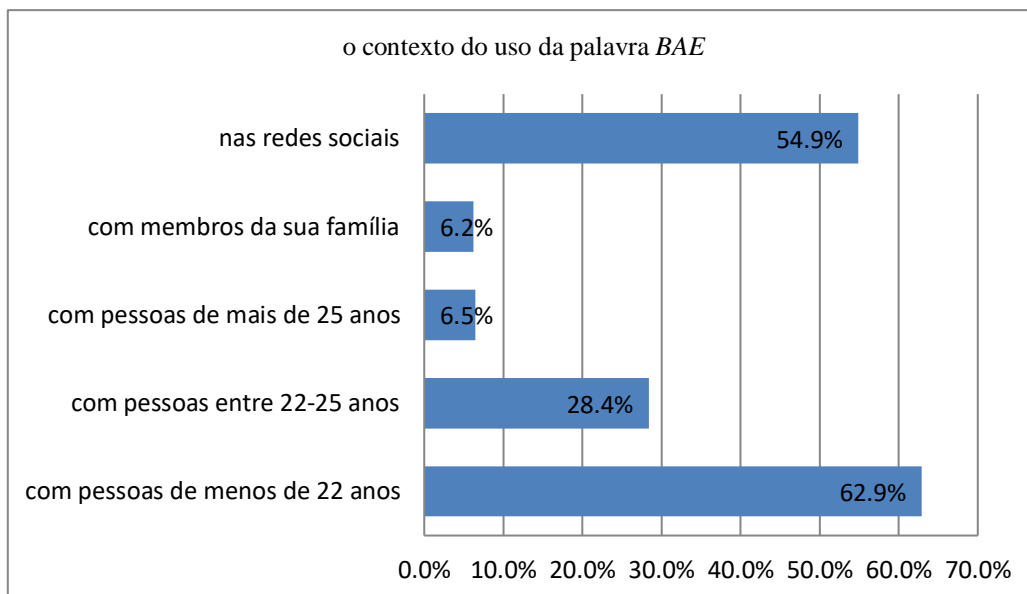
Ligando os dois fatores de género e sexualidade, 28, 1% das mulheres heterossexuais e 28, 6% das mulheres de LGBTQIA+ usam a palavra. Entre homens a diferença também não é tão grande, de todos os homens heterossexuais 24, 4% deles usa o anglicismo e dos homens de comunidade LGBTQIA+ 33, 3% chamam alguém na sua vida *bae*. As pessoas não-binárias pertencem todas à comunidade LGBTQIA+, portanto é 33, 3% de todos os informantes que utilizam a palavra.



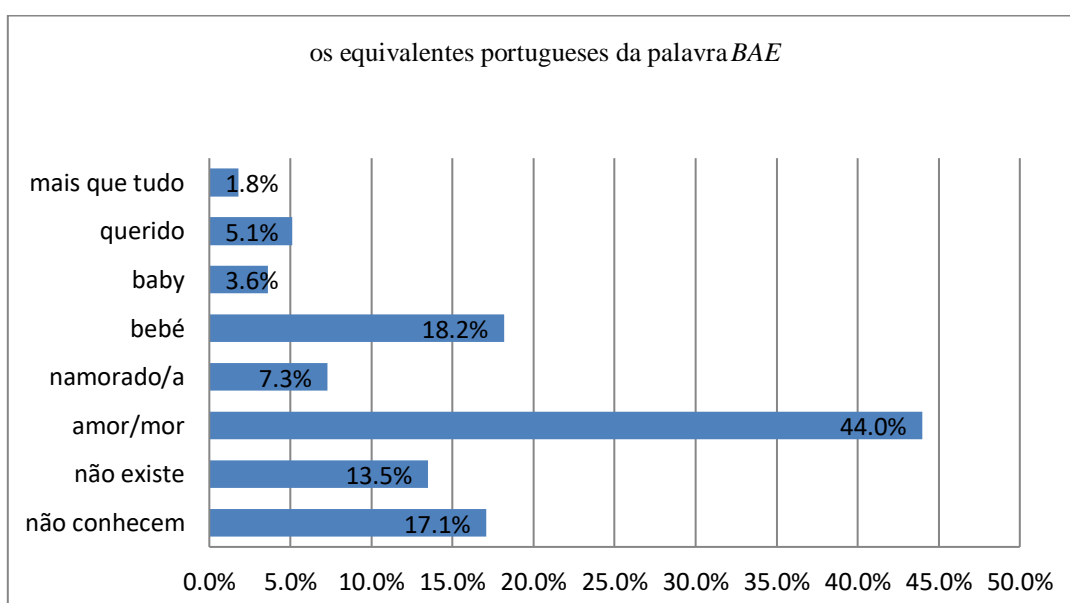
O nível do inglês, é de 40, 7% dos utilizadores C1-C2, de 34, 6% deles é B1-B2, de 19, 8% é A1-A2 e 4, 9% dos utilizadores não falam inglês. Todavia, a frequência em cada comunidade de fala é maior entre as pessoas que não falam inglês, visto que 50% delas usam a palavra. Na comunidade de fala de A1-A2, 47, 1% usa-a, entre os de nível B1-B2 27, 5% e entre os de nível C1-C2 25.2% usam o anglicismo *bae*.



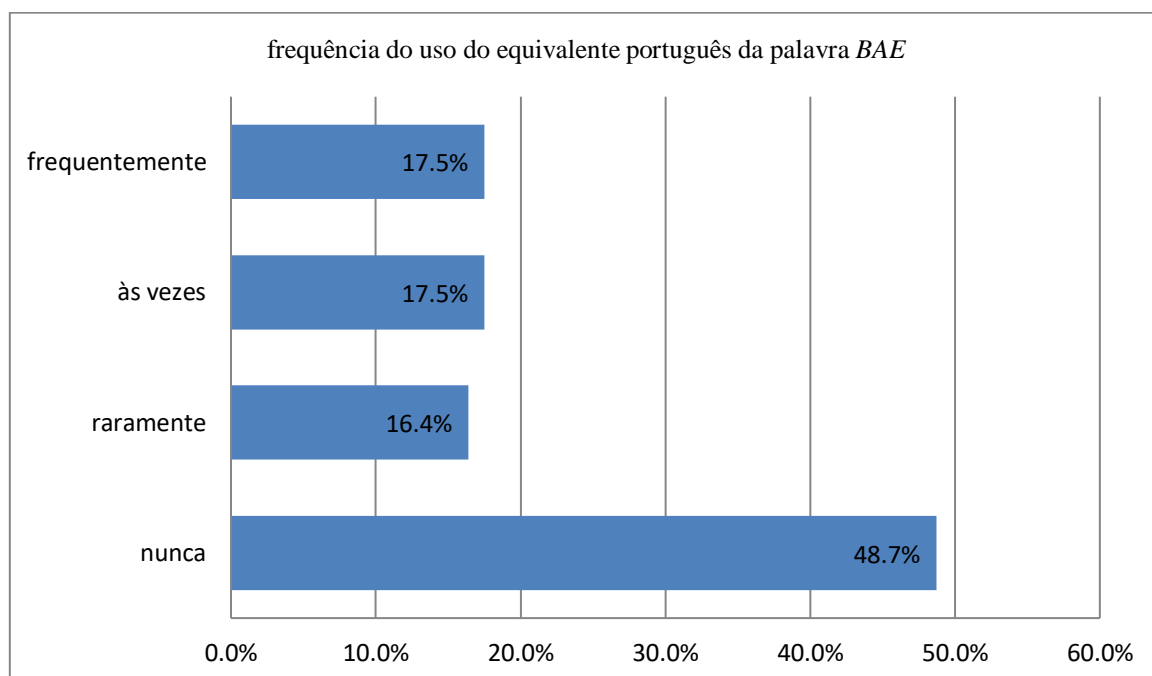
Chamar alguém *bae* é mais frequente com as pessoas de menos de 22 anos (62, 9%) e nas redes sociais (54, 9%). Com as pessoas que têm mais de 25 anos usa a palavra 6, 5% e com as pessoas de entre 22 e 25 anos 28, 4% das pessoas. Com os membros da família a palavra é utilizada por 6, 2% dos informantes. Estes valores provam que as pessoas de mais de 25 anos e entre 22 e 25 anos usam o anglicismo com o grupo das pessoas mais novas mas isso não é recíproco e as pessoas de menos de 22 anos não utilizam o anglicismo fora do seu grupo de idade.



Os equivalentes oferecidos mostram, que na maioria, os estudantes percebem este anglicismo em significado de alcunha do seu companheiro, da sua companheira. Portanto, o maior número dos informantes (44%), indicou amor ou forma abreviada mor como a palavra português de *bae*. A palavra portuguesa bebé foi indicada por 18, 2%, a palavra namorado/namorada por 7, 3% e a palavra querido/querida por 5, 1% dos estudantes. Curiosamente, uma pequena quantidade dos estudantes (3, 6%) escreveu a palavra baby como equivalente português, ainda que seja palavra inglesa. Apenas 1, 8% dos informantes percebem *bae* como alcunha da pessoa muito importante na sua vida, não necessariamente a pessoa com quem têm relação amorosa, e apontaram “mais que tudo” como equivalente, referindo ao significado de “before anyone else” deste anglicismo. 17, 1% dos informantes não conhecem o sentido da palavra e para 13, 5% não existe nenhum equivalente.



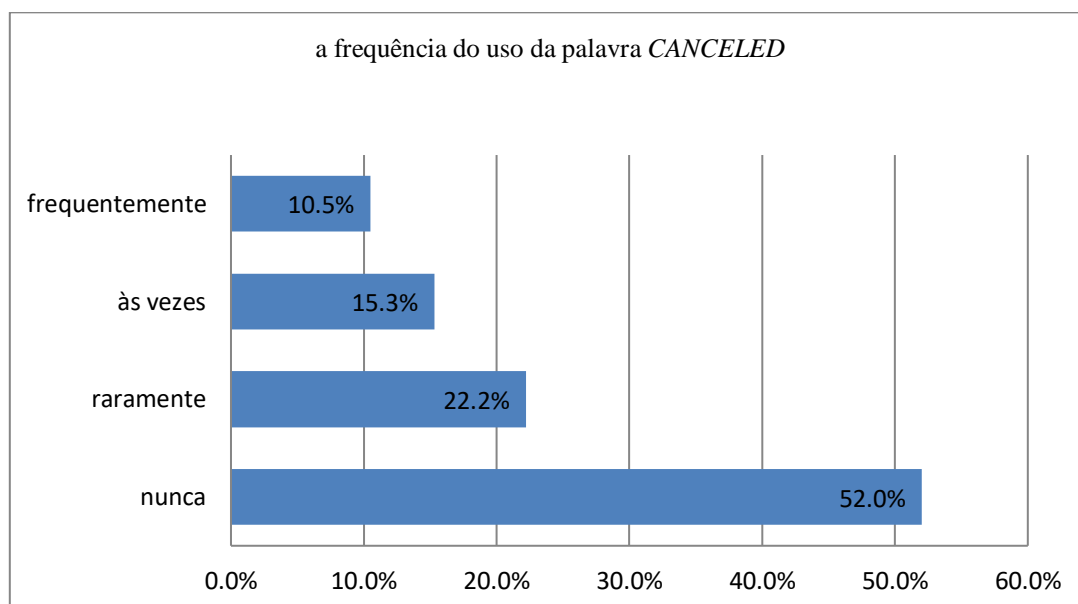
Os equivalentes portugueses são usados mais frequentemente entre os informantes da pesquisa. 17, 5% usa um dos equivalentes frequentemente e a mesma percentagem usa-o às vezes. Raramente usa a palavra portuguesa no sentido de *bae* 16, 5% e 48, 7% dos estudantes nunca usam nenhum dos equivalentes.



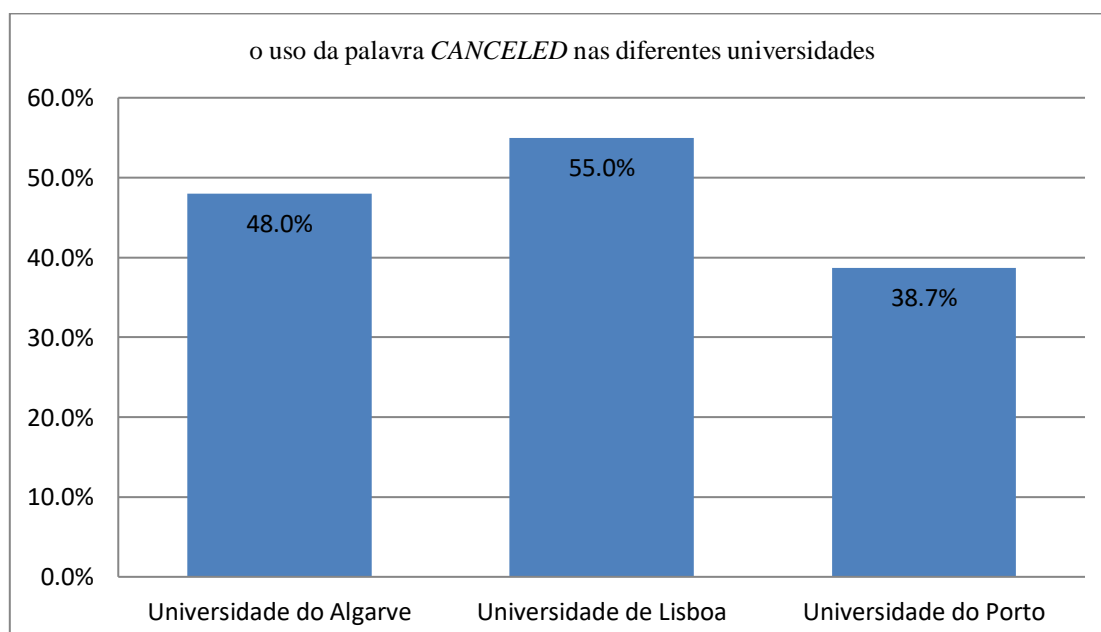
A palavra *bae* não segue os pressupostos criados neste trabalho. No fator das universidades, a Universidade do Algarve fica no primeiro lugar da frequência do uso entre os seus estudantes, seguido pela Universidade de Lisboa e pela Universidade do Porto. No que diz respeito à idade, a palavra é mais popular entre os mais velhos da pesquisa e o menos entre os mais jovens. Isto pode ser explicado por seu sentido de alcunha para a pessoa em relação amorosa, posto que as pessoas mais velhas são mais esperadas de ter um companheiro ou uma companheira na sua vida e então encontram-se mais na situação quando podem usar este anglicismo. Ao mesmo tempo, o fator do conhecimento do inglês tem resultados completamente oposto o que foi suposto e entre as pessoas que não falam inglês, é a palavra *bae* mais utilizada. Tratando de fator do género e sexualidade, os resultados entre todos os comunidades de fala nesta categoria são muito próximos e não se encontra grande distinção entre uso deste anglicismo, todas as pessoas neste ponto de vista usam *bae* em mesma maneira, com mesma frequência.

4.6. CANCELED

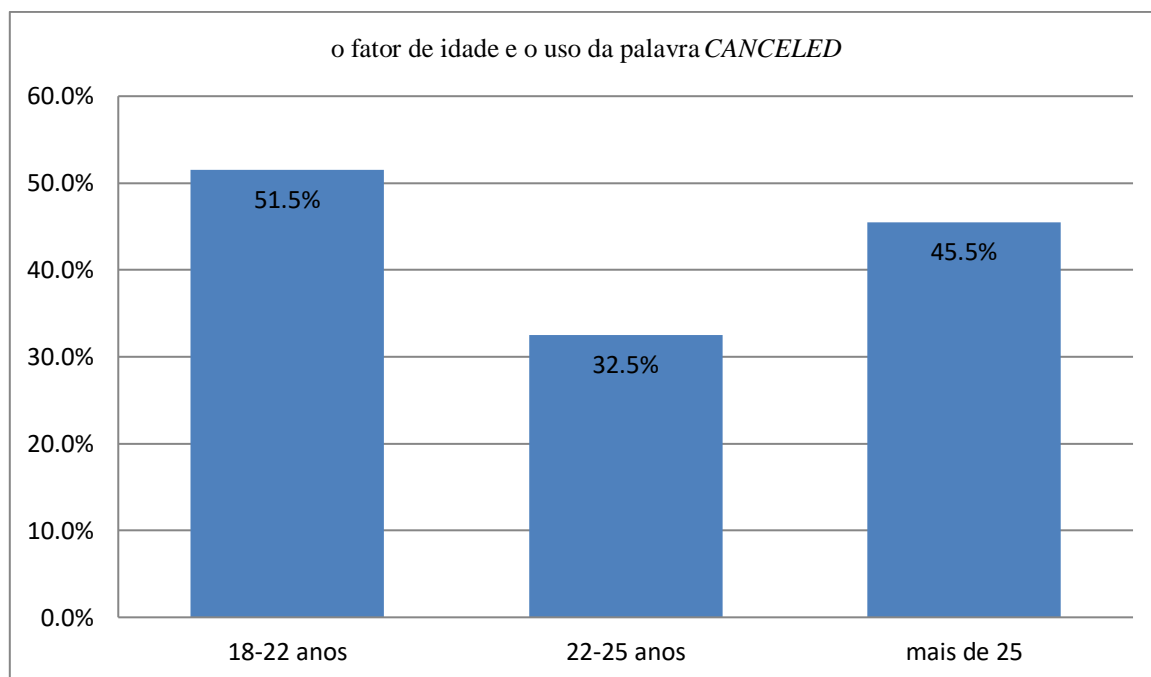
48% dos informantes usam o anglicismo *cancelado* na sua comunicação dia-a-dia. Desta percentagem 22, 2% usa-o raramente, 15, 3% usa *cancelado* às vezes e 10, 5% usa esta palavra frequentemente. Portanto, 52% dos informantes nunca usam *cancelado* na sua fala.



De todos os utilizadores, o maior número (41, 7%) são estudantes da Universidade de Lisboa, 36, 3% são estudantes da Universidade do Algarve e 22% anda na Universidade do Porto. Do número total dos informantes de cada universidade, 55% dos estudantes da Universidade de Lisboa usam a palavra, 48% dos estudantes da Universidade do Algarve e 38, 7% da Universidade do Porto usam-na.

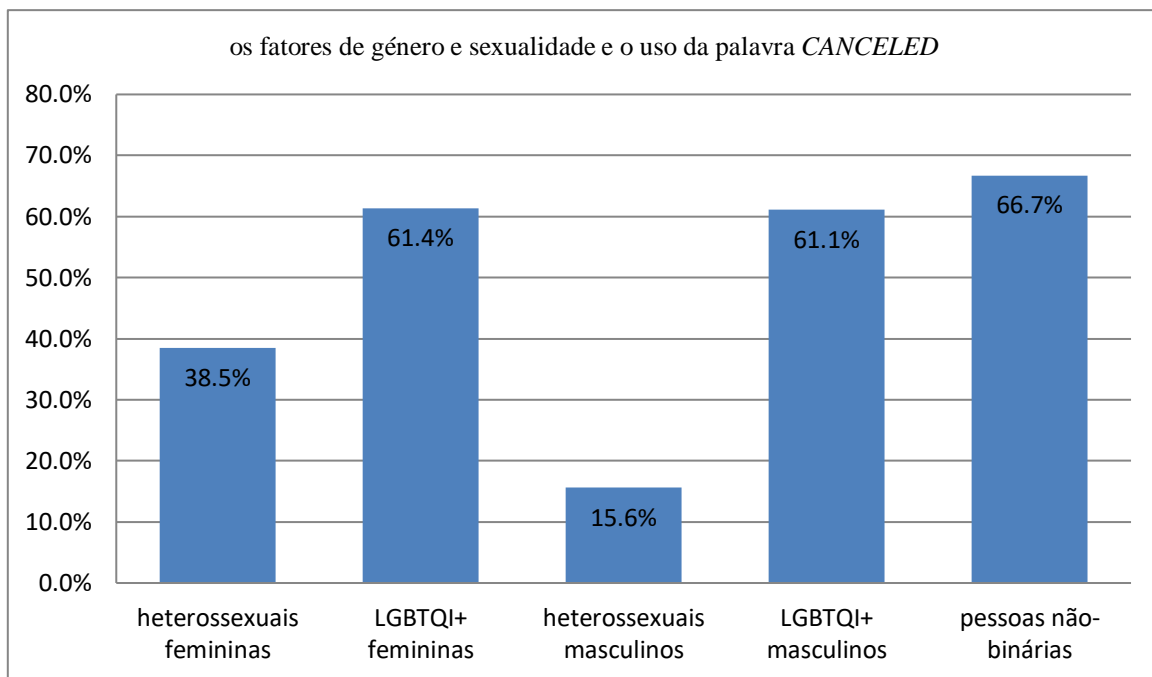


A idade de maioria dos utilizadores (78, 8%) é entre 18 e 22 anos. 9, 8% dos utilizadores têm entre 22 e 25 anos e 11, 4% têm mais de 25 anos. Na perspetiva de quantidade dos informantes de cada grupo de idade, 51, 5% dos que têm entre 18 e 22 anos usam a palavra *canceled*, das pessoas entre 22 e 25 anos usam-na 32, 5% e das pessoas que têm mais de 25 anos, 45, 5% favorecem este anglicismo.

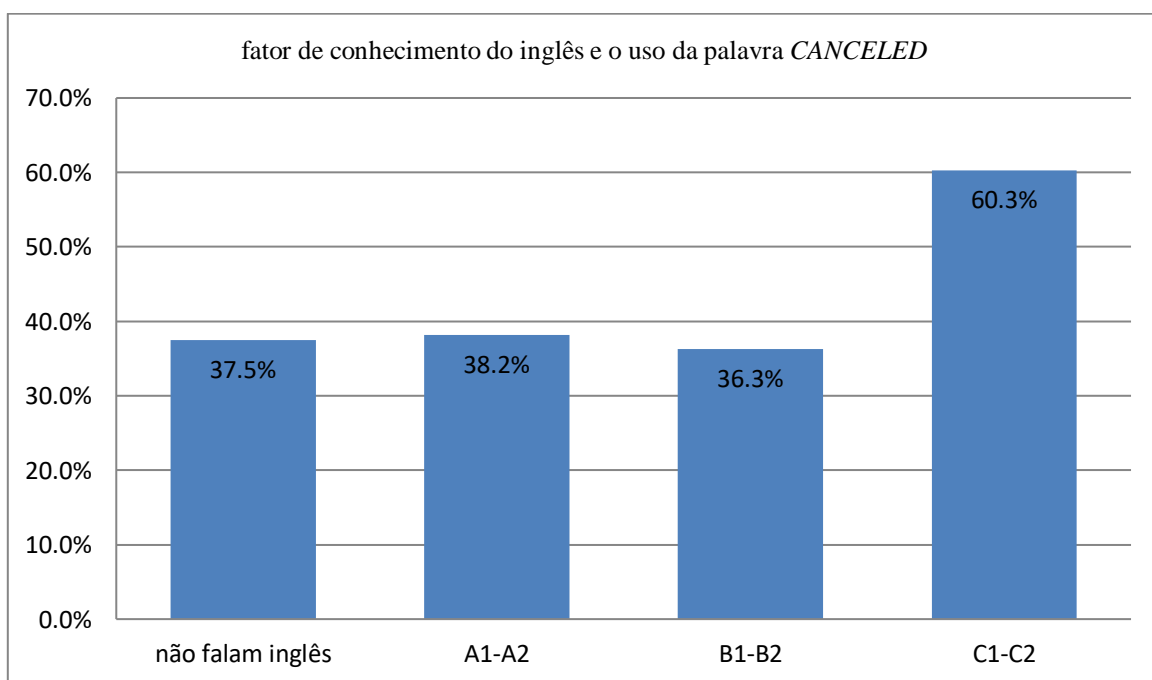


Utilizadoras femininas fazem o maior grupo (79, 6%) e os utilizadores masculinos são representados por 15, 9%. O resto dos utilizadores (4, 6%) são pessoas não binárias. De todas as 205 mulheres que responderam ao questionário, 51, 2% usam a palavra *canceled*, entre os homens são 35% que a usam e entre as pessoas não-binárias são 66, 7%. O número dos utilizadores heterossexuais e de comunidade LGBTQIA+ é muito semelhante, 44, 7% de todos os utilizadores são heterossexuais e 43, 9% são de LGBTQIA+. Todavia, do ponto de vista dos informantes de cada comunidade de fala, 38, 8% dos heterossexuais usam *canceled* na sua comunicação e 62, 4% da comunidade LGBTQIA+ usam o anglicismo.

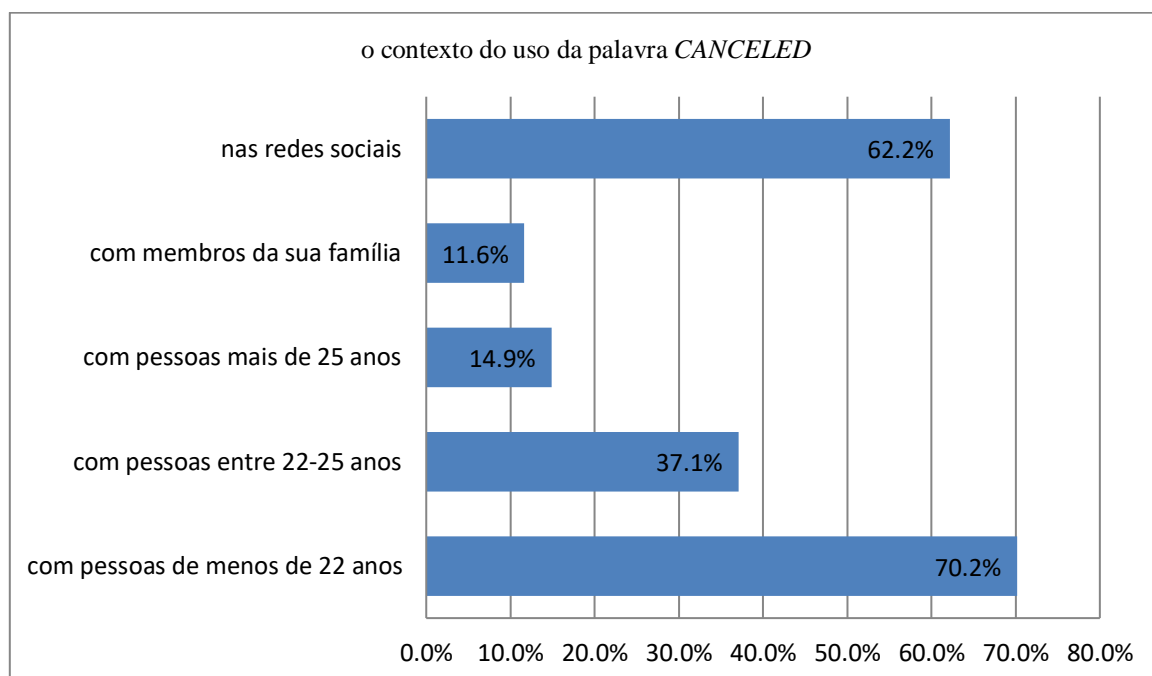
Estes dois fatores criam cinco comunidades de fala – género feminino heterossexual, em que 38, 5% dos informantes usam o anglicismo *canceled*, género feminino de comunidade LGBTQIA+ de que 61, 4% usam o termo, género masculino heterossexual que é representado por 15, 6% na utilização da palavra, género masculino de comunidade LGBTQIA+, em que 61, 1% dos informantes usam a palavra. As pessoas de género não-binário são todas membros de comunidade LGBTQIA+ e 66, 7% delas usam *canceled* na sua fala.



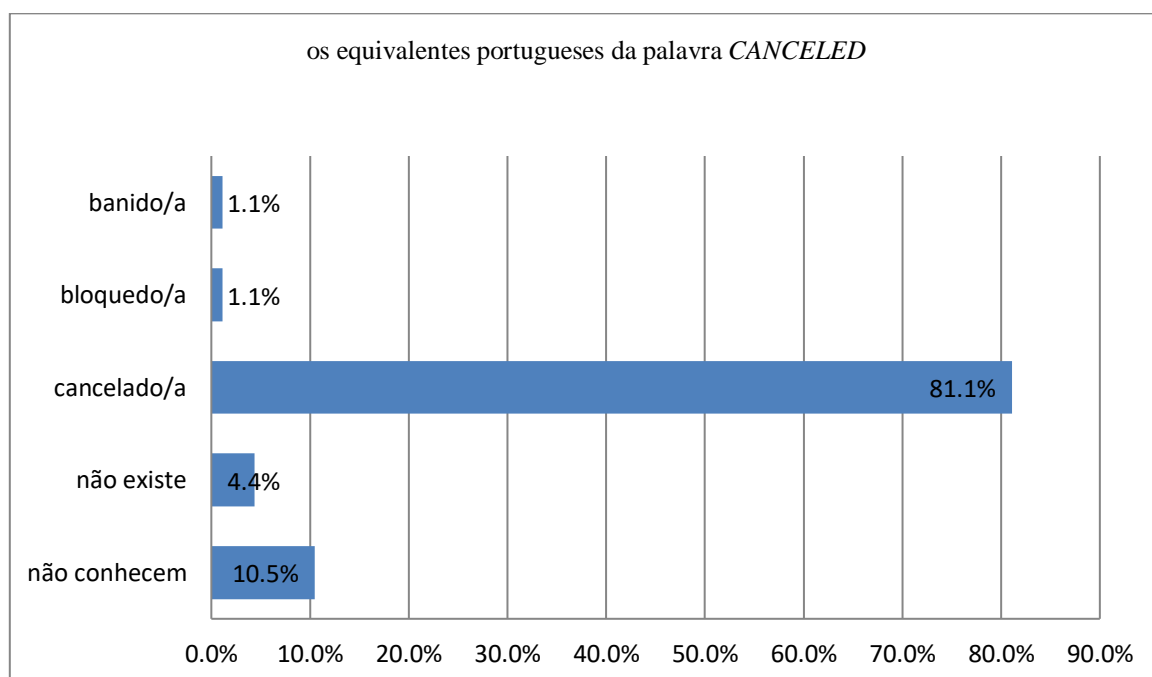
O conhecimento do inglês e o uso da palavra *canceled* crescem no que diz respeito à quantidade dos utilizadores, 2, 3% representam as pessoas que não falam inglês, 9, 8% fazem as pessoas com nível A1-A2, 28% são do grupo B1-B2 e 59, 8% são falantes do inglês de nível C1-C2. Na perspectiva de número de informantes de cada grupo, os níveis A1-A2, B1-B2 e as pessoas que não falam inglês usam a palavra com semelhante frequência – 38, 2%, 36, 3% e 37, 5%. Entre as pessoas que atingiram o nível C1-C2 a palavra é utilizada por 60, 3%.



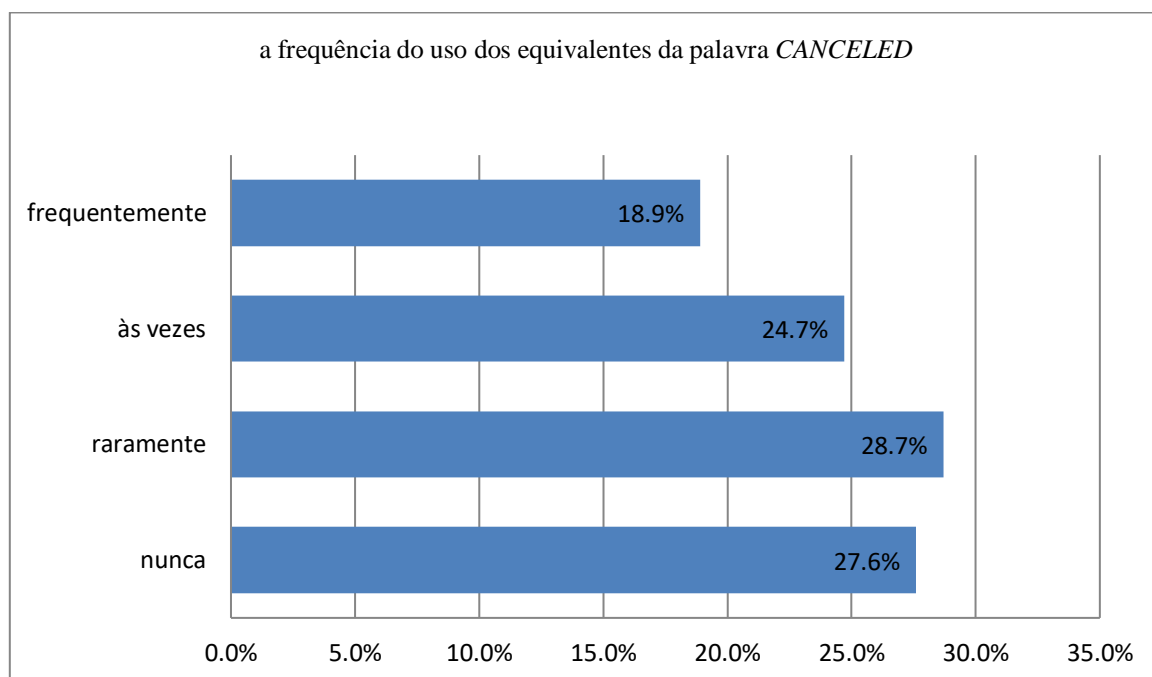
Primeiramente, os estudantes usam *cancelled* entre as pessoas de menos de 22 anos (70, 2%) e nas redes sociais (62, 2%). Com pessoas entre 22 e 25 anos, 37, 1% usam o termo e com pessoas de mais de 25 anos usam-no 14, 9%. Na comunicação com membros da sua família 11, 6% dos informantes usam a palavra.



O equivalente português mais comum foi o decalque da palavra – cancelado/a (81, 8%). Outros equivalentes indicados foram bloqueado (1, 1%) e banido (1, 1%). 10, 5% dos informantes não conhecem o significado da palavra e para 4, 4% um equivalente não existe.



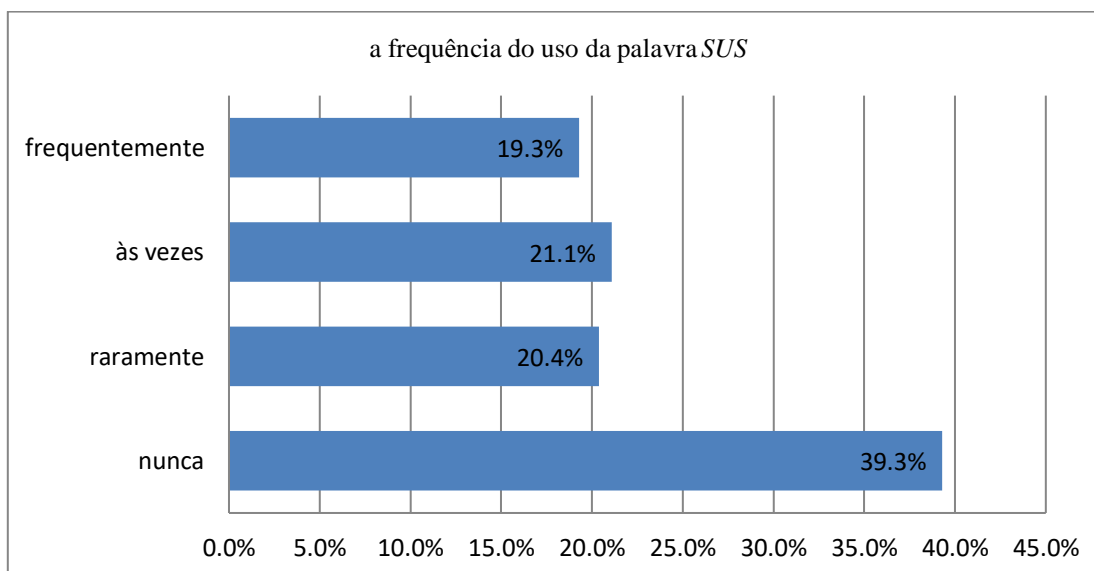
A frequência do uso dos equivalentes é maior do que o uso do anglicismo. Apenas 27,6% dos informantes nunca usam nenhum equivalente de *cancelled*. Raramente usam-no 28,7%, às vezes 24,7% e frequentemente 18,9%.



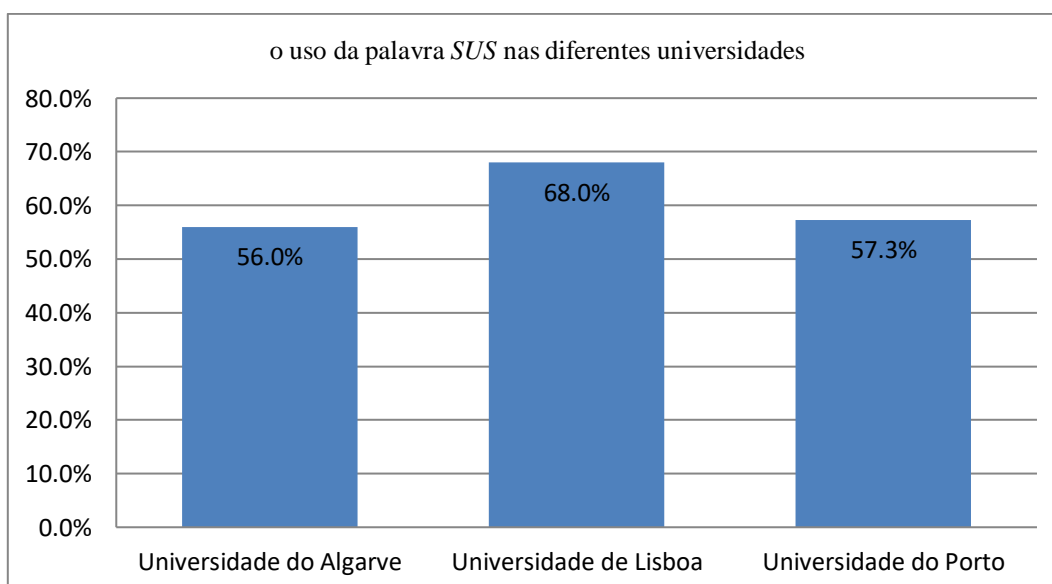
A palavra *cancelled* satisfaz os pressupostos criados para esta pesquisa. Em alguns casos, há diferença na pertencagem do uso, de algumas comunidades de fala, mas não são significantes, como por exemplo, a Universidade do Algarve tem mais utilizadores do anglicismo do que a Universidade do Porto, ou pessoas de mais de 25 anos usam mais a palavra do que a pessoas entre 22 e 25 anos. Um aspeto que traz um resultado significativo é que tal como existe diferença entre uso do anglicismo entre homens heterossexuais e homens de comunidade LGBTQIA+, também, neste caso, existe esta diferença entre mulheres heterossexuais e das de comunidade LGBTQIA+. Nos ambos casos, os membros da comunidade LGBTQIA+ são utilizadores mais frequente do termo *cancelled*.

4.7. SUS

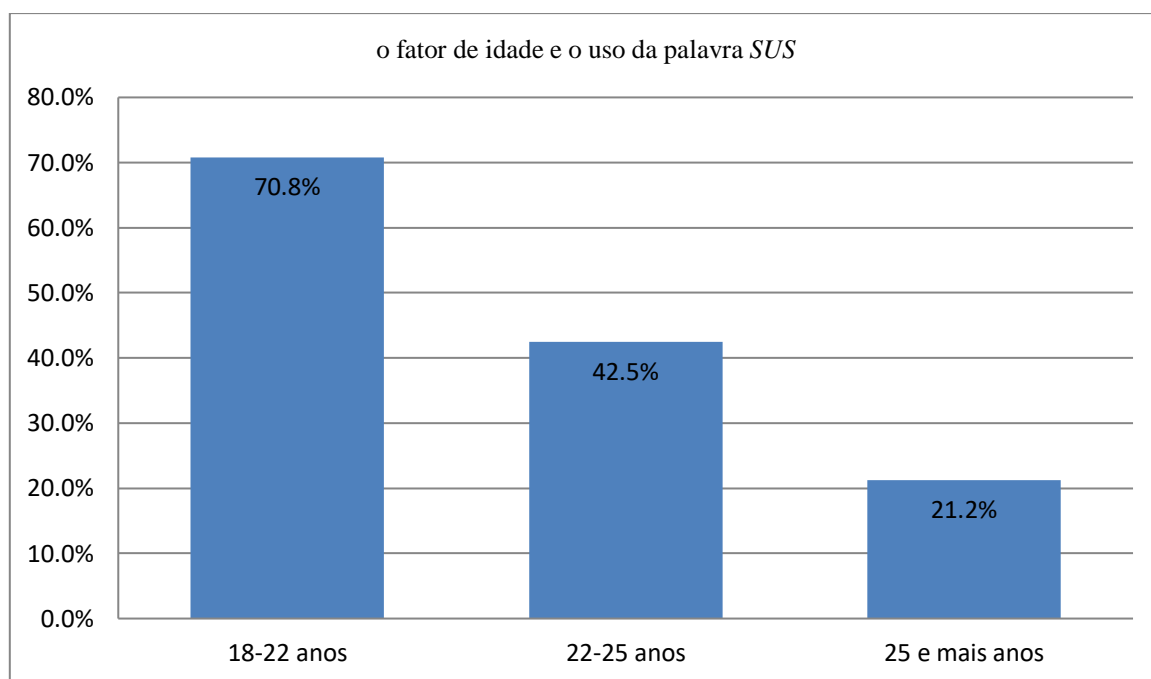
O anglicismo *sus* é utilizado por 60,7% das pessoas que responderam ao questionário da pesquisa. Sendo assim, 39,9% dos informantes nunca usam esta palavra. A frequência do uso entre os utilizadores é dividida entre os que a usam raramente (20,4%), às vezes (21,1%) e frequentemente (19,3%).



Os estudantes da Universidade de Lisboa são a maior comunidade de fala onde se este termo encontra, de todos os utilizadores, a Universidade de Lisboa é representada por 40,7%, a Universidade do Algarve por 33,5% e a Universidade do Porto por 25,8%. O uso do termo *sus* entre todos os estudantes que responderam ao questionário de cada universidade é o maior na Universidade de Lisboa (68%), a Universidade do Porto segue com 57,3% e na Universidade do Algarve 56% dos estudantes usam-no.



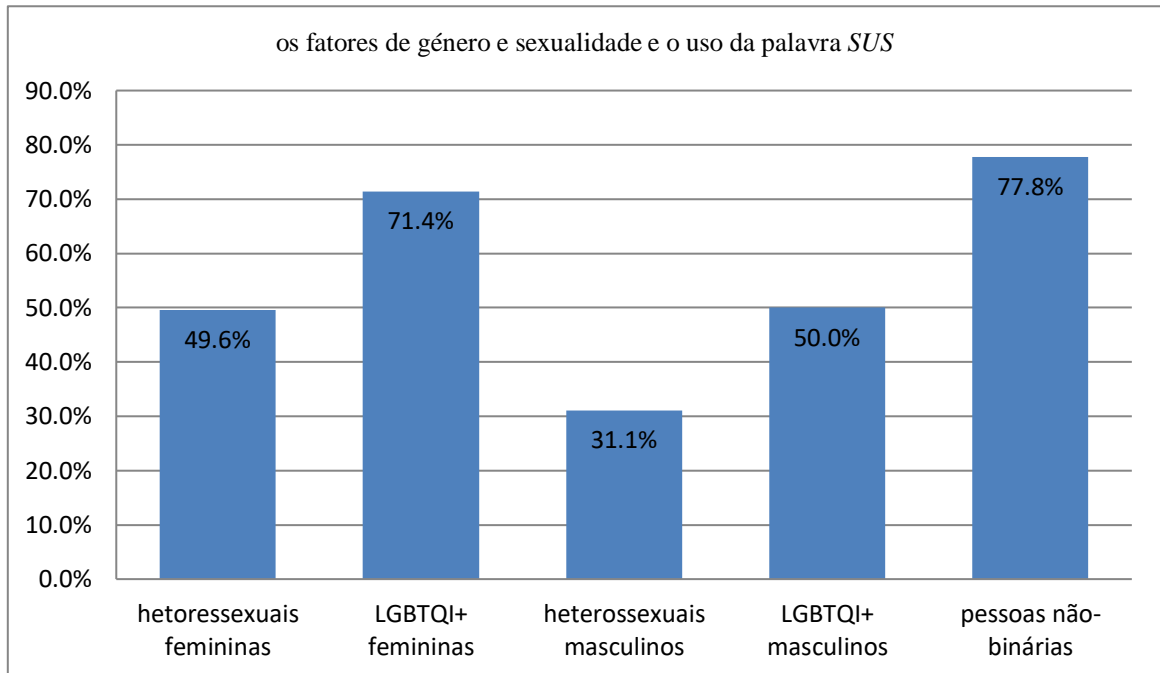
No que se refere às comunidades de fala baseadas na idade, as pessoas que têm entre 18 e 22 anos são a maior comunidade (85, 6%), as pessoas que têm entre 22 a 25 anos fazem 10, 2% de todos os utilizadores e as pessoas que têm mais de 25 anos 4, 2%. De todos os informantes de cada grupo de idade, o vocábulo *sus* é o mais popular entre os estudantes de grupo 18-22 anos (70, 8%), no grupo 22-25 anos 42, 5% dos informantes usam o vocábulo e no grupo 25 e mais anos, 21, 2% dos informantes usam-no.



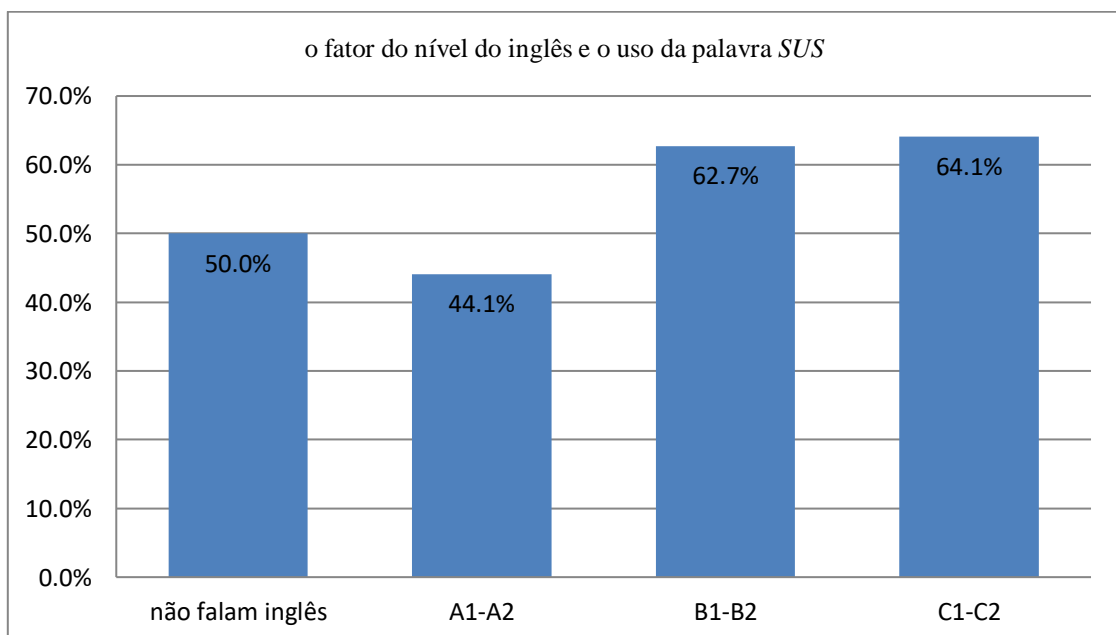
De todos os utilizadores, 77, 8% são do género feminino, o que significa que 63, 4% das informantes femininas usam *sus* na sua comunicação. 18% dos utilizadores são do género masculino, isto representa 50% de todos os informantes masculinos e 4, 2% dos utilizadores são do género não-binário, o que é 77, 8% de todos os informantes não-binários. A sexualidade mais representada no uso da palavra é heterossexual, 44, 3% dos utilizadores pertencem neste grupo e 39, 5% pertencem à comunidade LGBTQIA+. Porém a popularidade em cada grupo é maior entre membros de LGBTQIA+, visto que 71% deles usam o anglicismo *sus* e entre os heterossexuais usam-no 48, 7%.

Quando se ligam os dois fatores, a comunidade de fala em que o anglicismo *sus* é o mais frequentemente usado é de pessoas não-binárias, todas estas pessoas são de comunidade de LGBTQIA+ (77, 8%). O género feminino de comunidade LGBTQIA+ tem segundo maior número dos utilizadores (71, 4%) em contraste com heterossexuais femininas de que 49, 6% dos informantes usam a palavra. O género masculino é também mais representado no uso por

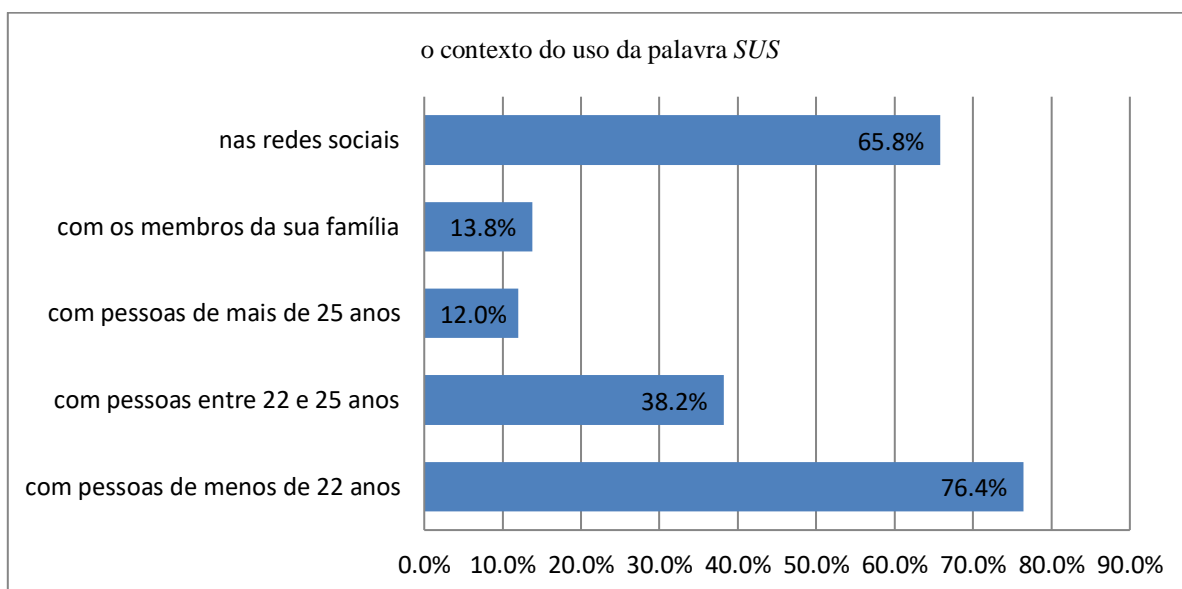
comunidade LGBTQIA+ em que 50% dos informantes usam *sus* e 31, 1% dos heterossexuais masculinos usam a palavra na sua comunicação.



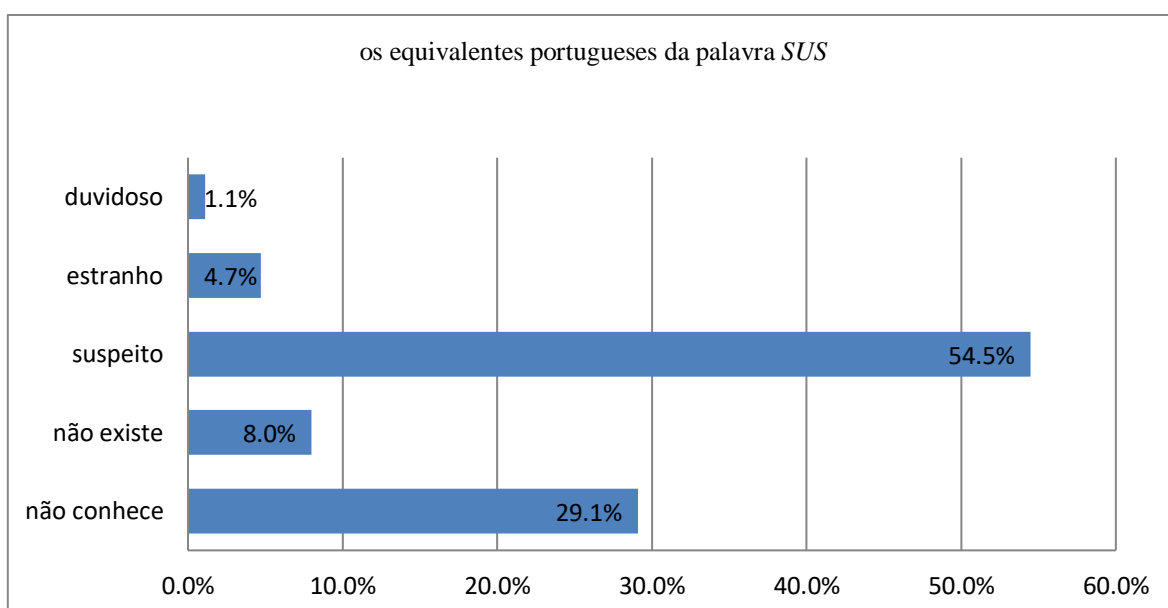
O nível atingido do conhecimento da língua inglesa entre os utilizadores do vocábulo *sus* é na maioria C1-C2 (50, 3%), o que representa 64, 1% de todos os informantes deste nível. 38, 3% dos utilizadores tem o nível B1-B2, o que é 62, 7% de todos os informantes deste grupo. 9% dos utilizadores são do nível A1-A2, ou seja 44, 1% das pessoas deste nível usam a palavra e 2, 4% dos utilizadores não falam inglês, o que é 50% de todos os estudantes que não falam inglês que responderam à pesquisa.



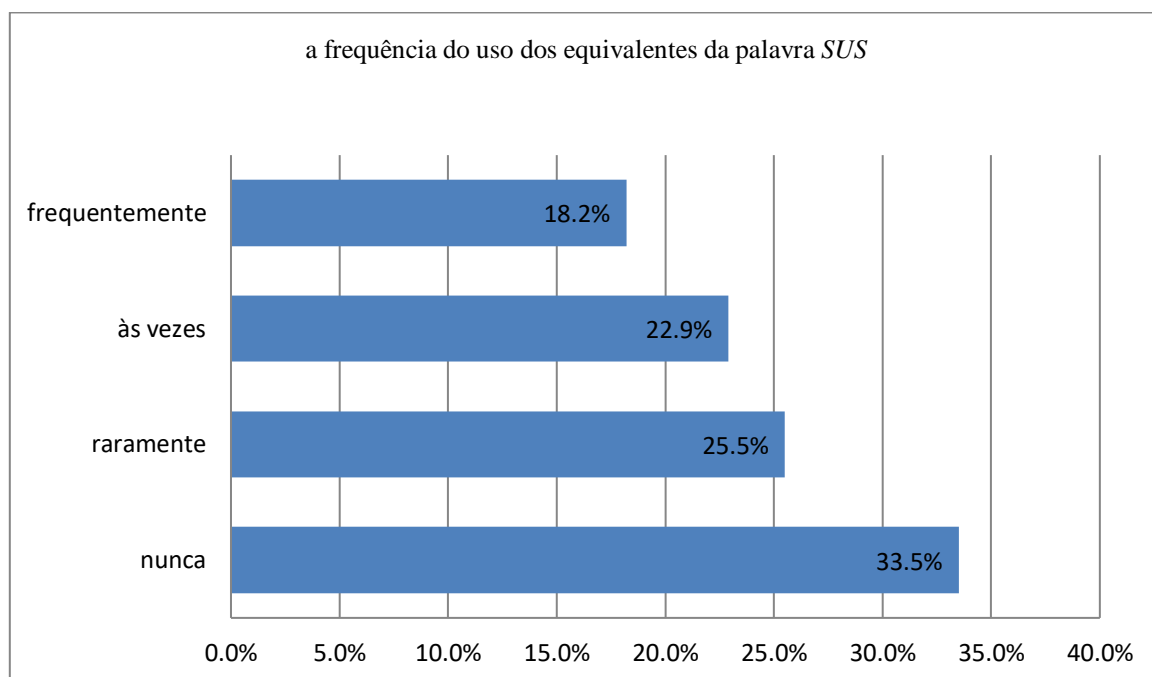
O ambiente onde se usa esta palavra é primeiramente entre as pessoas de menos de 22 anos (76, 4%) e nas redes sociais (65, 8%). Com as pessoas entre 22 a 25 anos encontra-se a palavra na fala de 38, 2% dos informantes e com as pessoas de mais de 25 anos na fala de 12%. Com os membros da sua família usam-na 13, 8% dos estudantes.



O equivalente português mais comum (54, 5%) indicado pelos informantes é suspeito, portanto a palavra de que o termo *sus* é derivado. 29, 1% dos informantes não conhecem o significado da palavra e para 8% um equivalentes não existe. Entre outros equivalentes encontram-se estranho (4, 7%) e duvidoso (1, 1%). O decalque desta palavra não foi indicado e ao mesmo tempo pode-se concluir que decalque de *sus* não existe, visto que já na língua de origem é uma abreviação.



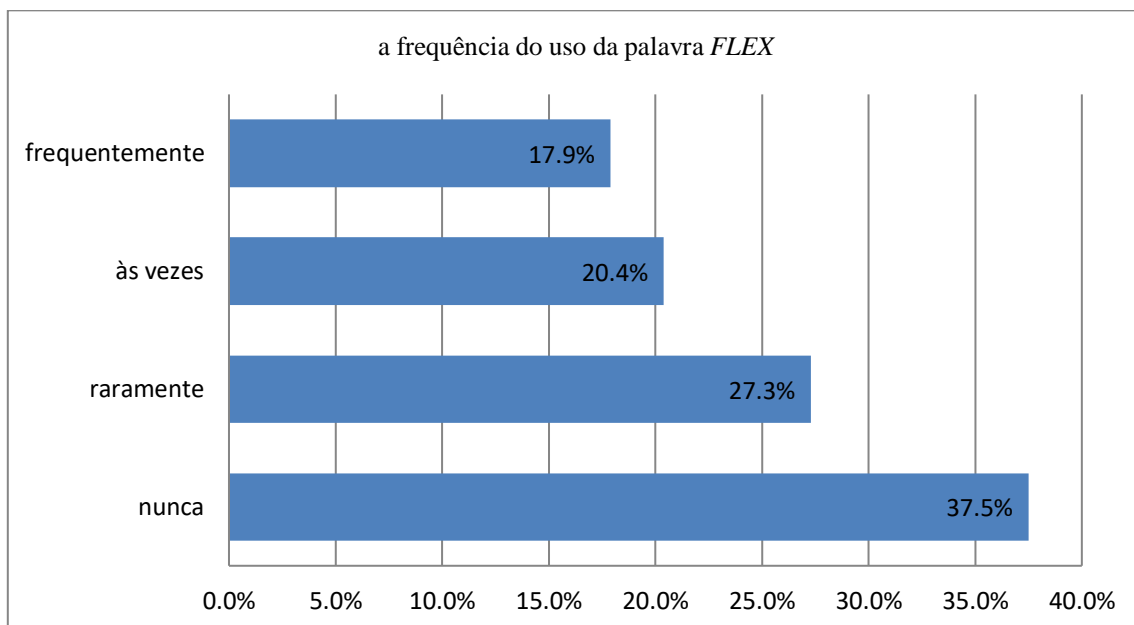
Os equivalentes portugueses são utilizados mais do que o anglicismo *sus* pelos informantes da pesquisa, raramente usam-no 25, 5%, às vezes 22, 9% e frequentemente 18, 2%. Os equivalentes são nunca utilizados por 33, 5% dos informantes.



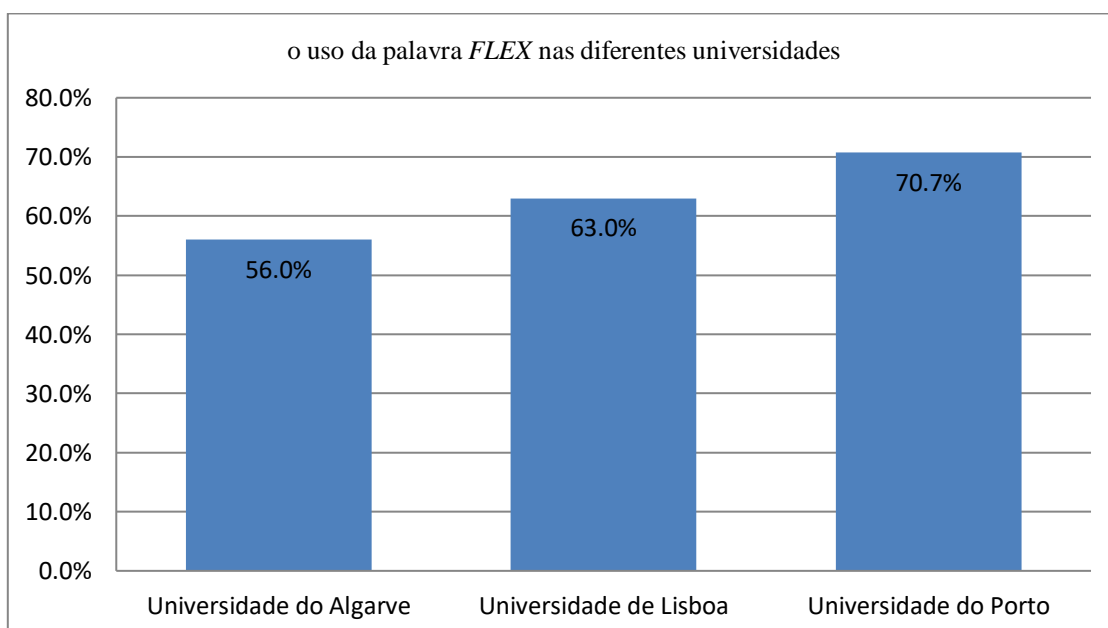
A palavra *sus* cumpre todos os pressupostos, com uma pequena diferença, que não se considera significativa, no fator de conhecimento do inglês, visto que entre os informantes que não falam inglês é o anglicismo *sus* utilizado mais do que entre os informantes dos níveis A1-A2. Ao mesmo tempo, as pessoas não-binárias é a comunidade de fala onde os seus membros usam a palavra com maior frequência, mas este fato pode ser justificado por todas estas pessoas serem membros de comunidade LGBTQIA+ onde se encontra grande inovação linguística.

4.8. FLEX

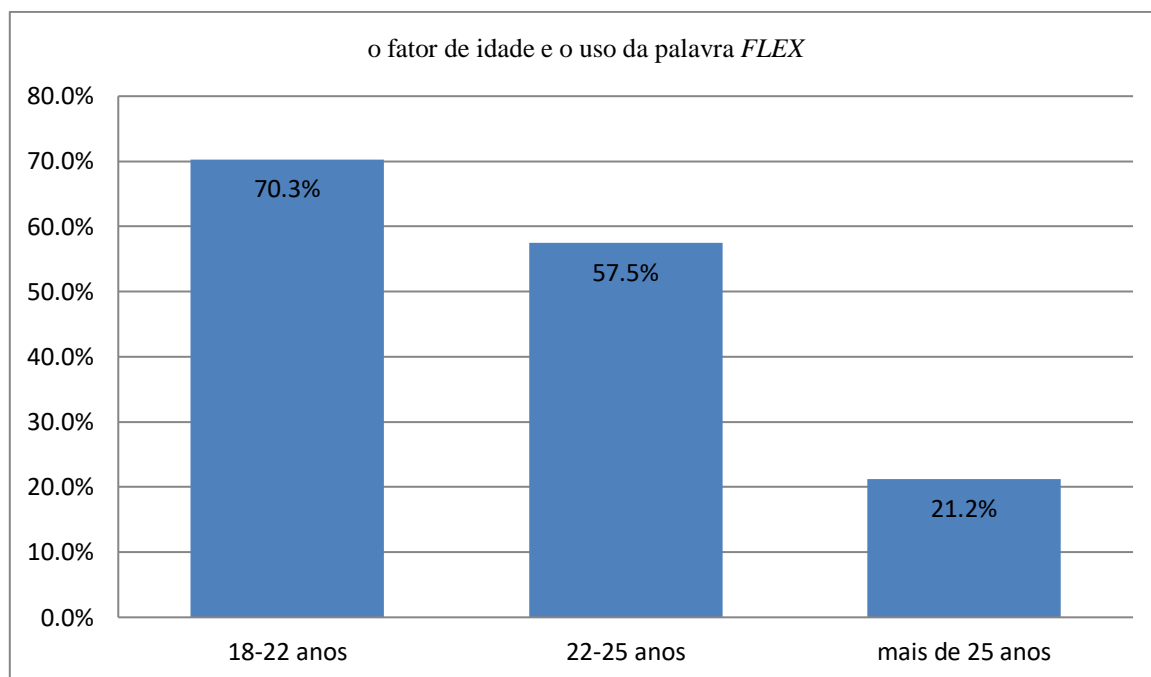
Flex encontra-se na comunicação de 62, 5% dos estudantes que responderam à pesquisa. Nunca usam a palavra 37, 5% dos informantes, o resto usa a palavra raramente (27, 3%), às vezes (20, 4%) e frequentemente (14, 9%).



No número dos utilizadores, a Universidade de Lisboa tem a maior percentagem (36, 6%) a Universidade do Algarve segue com 32, 6% e a menor percentagem dos utilizadores tem a Universidade do Porto (30, 8%). Todavia em contexto dos informantes da cada universidade, na Universidade do Algarve, 56% dos informantes usam o anglicismo, na Universidade de Lisboa usam-no 63% e na Universidade do Porto usam *flex* 70, 7% dos informantes.

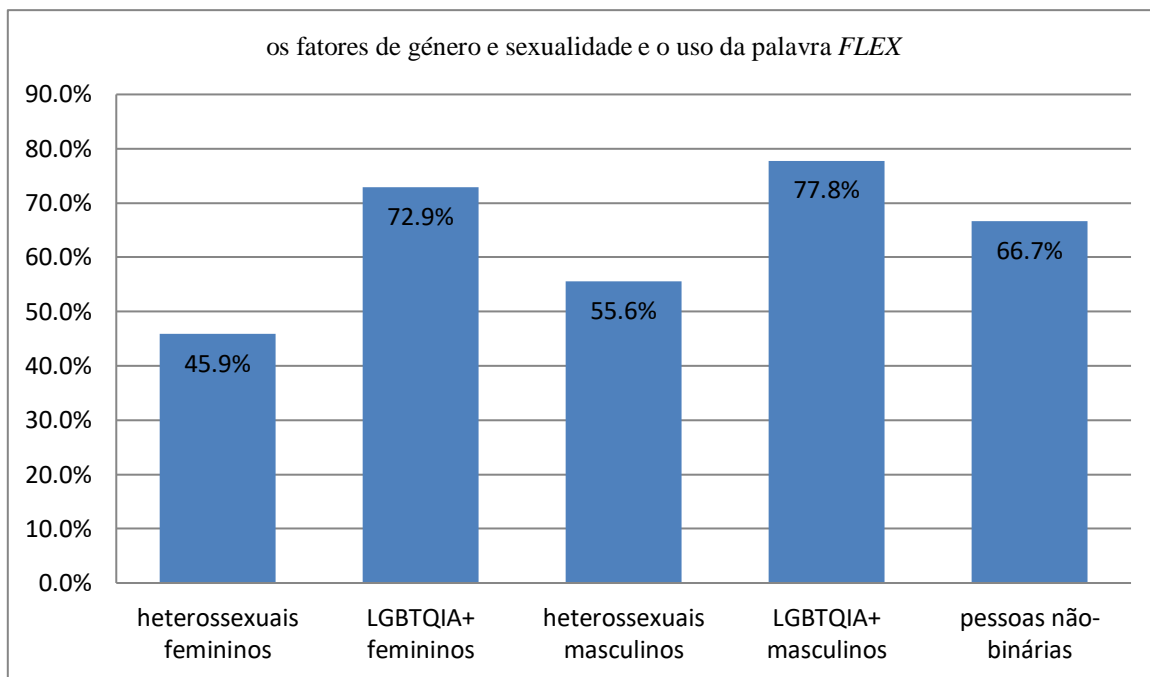


A idade dos utilizadores é na maioria entre 18 e 22 anos (82, 5%). 13, 4% dos utilizadores têm entre 22 a 25 anos e apenas 4, 1% deles têm mais de 25 anos. Esta diferença na percentagem do uso também se mostra no contexto de informantes de cada grupo. Entre os estudantes de grupo de idade 18-22 anos, 70, 3% usam o anglicismo *flex*, no grupo 22-25 anos usam-no 57, 5% e no grupo de mais de 25 anos é utilizado por 21, 2%.

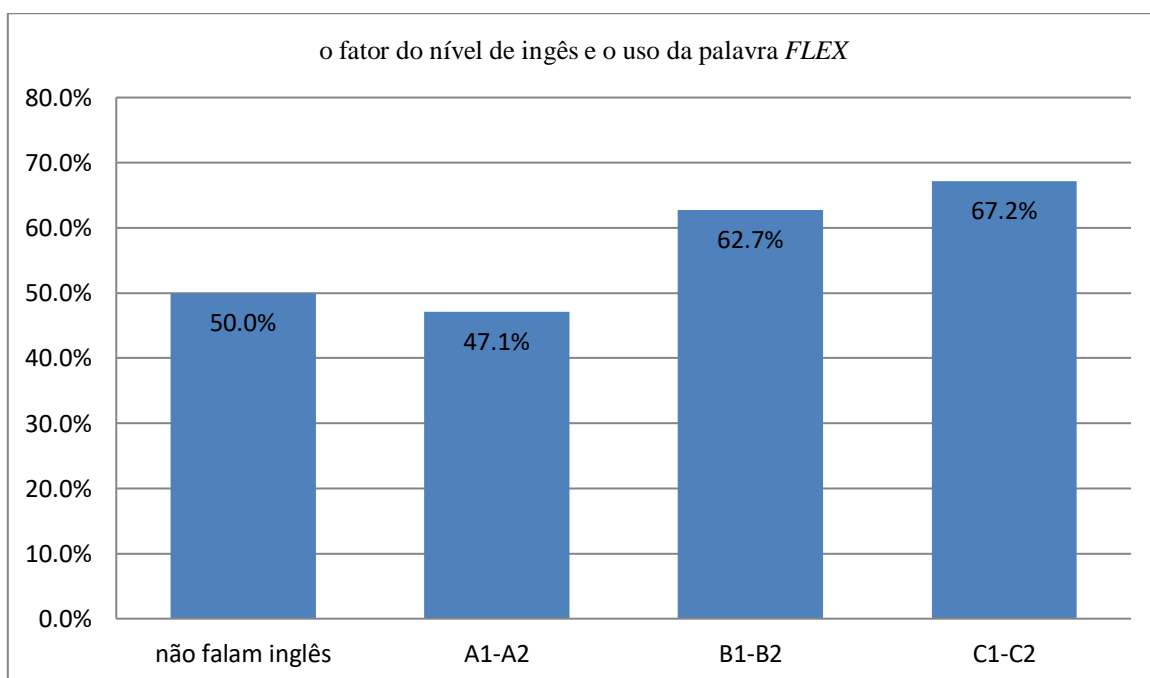


Os utilizadores mais frequentes da palavra *flex* são de género feminino (71, 5%). O género masculino é representado por 25% e género não-binário por 3, 5%. Todavia, tomando em conta a quantidade dos informantes de cada género, o anglicismo é mais usado entre o género masculino (71, 7%), depois entre o género não-binário (66, 7%) e usado com menor frequência entre o género feminino (60%). Ao mesmo tempo, os heterossexuais têm maior representação em número dos informantes (50, 6%), em comparação com os membros de comunidade LGBTQIA+ (41, 3%), mas segundo o número dos informantes de cada grupo, é mais popular entre comunidade LGBTQIA+ (76, 3%) do que entre os heterossexuais (57, 2%).

São os homens de LGBTQIA+ comunidade que usam o mais a palavra *flex* na sua comunicação (77, 8%), enquanto há apenas 55, 6% dos homens heterossexuais que a usam. As mulheres de comunidade LGBTQIA+ também usam a palavra mais (72, 9%) do que as mulheres heterossexuais (45, 9%). As pessoas não-binárias todas pertencem à comunidade LGBTQIA+ e a palavra nesta comunidade de fala é usada por 66, 7%.

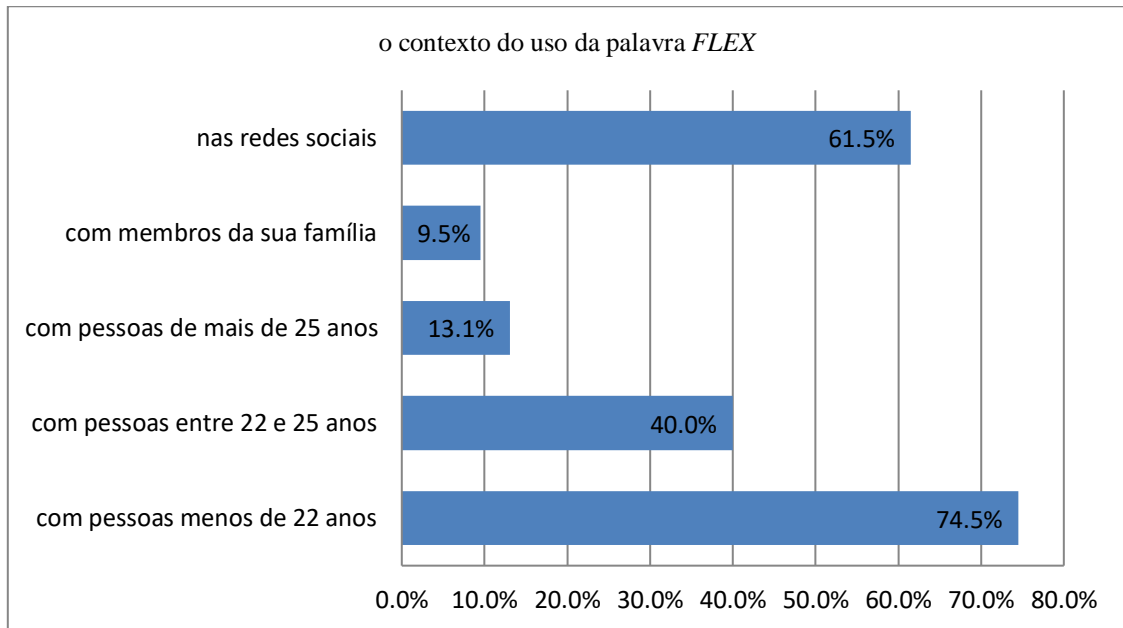


51, 2% dos utilizadores têm o conhecimento da língua inglesa ao C1-C2, 37, 2% têm nível B1-B2, 9, 4% têm nível A1-A2 e 2, 3% dos utilizadores não falam inglês. De todos os informantes de cada comunidade de fala da língua inglesa, 67, 2% dos informantes do nível C1-C2 usam a palavra, tal como 62, 7% do nível B1-B2, 47, 1% do nível A1-A2 e 50% das pessoas que não falam inglês.

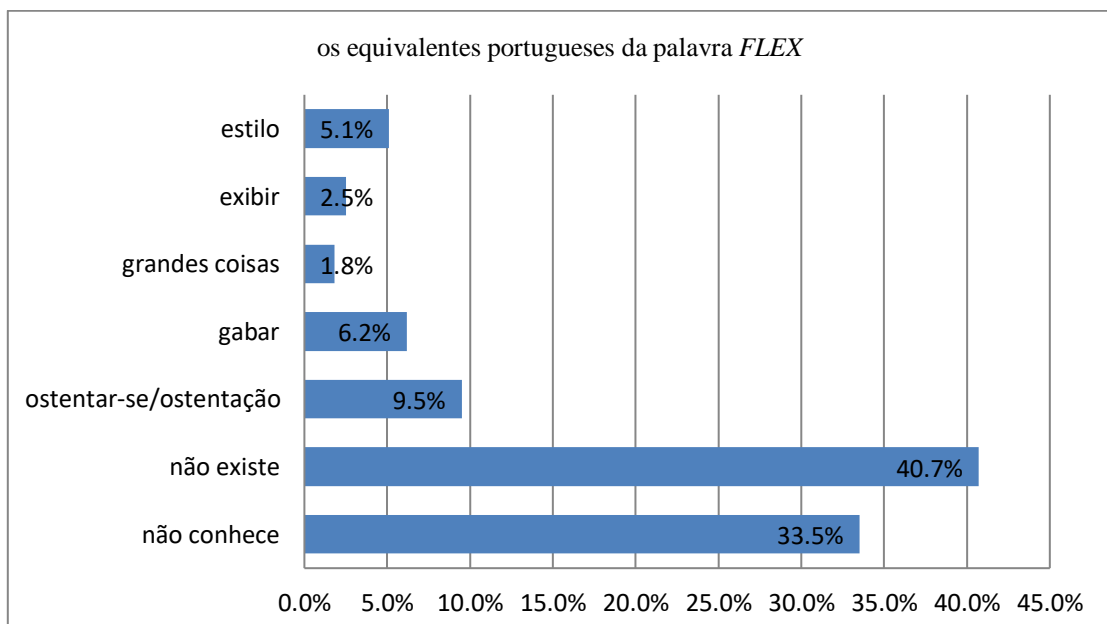


O termo *flex* é mais usado entre as pessoas de menos de 22 anos (74, 5%) e nas redes sociais (61, 5%). É bastante popular também na comunicação com pessoas que têm entre 22 a 25

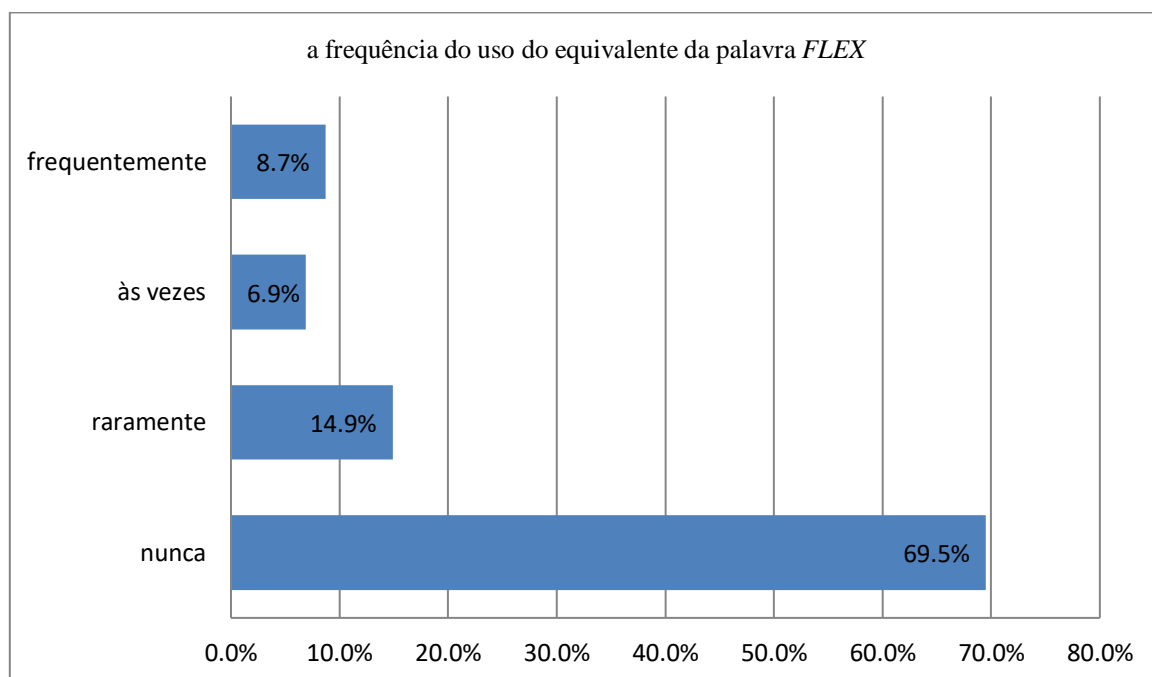
anos (40%). A menor popularidade tem o uso da palavra com as pessoas de mais de 25 anos (13, 1%) e com os membros da sua família (9, 5%).



Os equivalentes indicados por estudantes que participaram na pesquisa foram ostentar-se ou em forma de substantivo ostentação (9,5%), e depois também gabar (6, 2%), exibir (2, 5%), grandes coisas (1, 8%) e estilo (5, 1%). Dos últimos dois equivalentes parece que os falantes portugueses não percebem completamente o significado da palavra *flex* ou usam-na num sentido diferente do que foi intencionado nesta pesquisa. Decalque da palavra *flex* não foi indicado. Para 40, 7% dos informantes um equivalente não existe e 33, 5% não conhecem o significado da palavra.



O uso dos equivalentes é menor do que o uso do anglicismo, dado que 69,5% dos informantes nunca usam um equivalente. 14,9% usam-no raramente, 6,9% às vezes e 8,7% frequentemente.



Este vocábulo segue quase todos os pressupostos da pesquisa. A grande diferença encontra-se no fator de género, visto que são os homens que usam a palavra *flex* mais frequentemente na sua fala. Pode ser explicado pela sua natureza e origem, já que vem do ambiente de ginásios e de ato de flexionar os músculos, o que estereotipicamente é típico para o género masculino. Uma pequena discrepância encontra-se no uso da palavra pelos estudantes das diferentes universidades, posto que a Universidade do Porto tem a maior percentagem dos utilizadores. Ademais, encontra-se também no fator do conhecimento do inglês, onde as pessoas que não falam inglês usam o anglicismo mais do que as pessoas do nível A1-A2.

4.9. Os outro anglicismos indicados pelos informantes

Os informantes da pesquisas foram pedidos para indicar anglicismos que usam frequentemente na sua comunicação dia-a-dia. As palavras indicadas mais frequente foram *bro* e *nice*. *Bro* é abreviação da palavra *brother*, que significa irmão, usada como alcunha para os seus amigos. *Nice* significa agradável ou gentil mas é usado no sentido de fixe português ou legal brasileiro. As abreviações *OMG* e *OK* foram também indicadas frequentemente, *OMG* vem de «*Oh my God!*» e significa e usa-se no sentido de «Meu Deus!» em português. *OK* é de *okay* e significa «Está bem.». Esta palavra pode-se considerar como uma palavra internacional, visto que maioria dos falantes de maioria das línguas conhecem e usam-na. A versão inglesa de «Obrigado!» foi também muitas vezes indicadas, os estudantes usam «*Thank you!*» na sua fala para exprimir agradecimento em vez de «Obrigado!». Calão inglês foi também indicado, *fuck* (foder), *shit* (merda), *bullshit* (besteira) em menor quantidade mas calão *bitch* (puta) foi frequente. Isto pode ser explicado pelo fato que entre muitos jovens *bitch* não traz sentido pejorativo como no passado. Especialmente na comunidade de LGBTQIA+ e entre mulheres, *bitch* começou a usar-se como alcunha para amigas ou amigos tal como *bro*. Ao mesmo tempo, pode-se ver utilização das expressões *bad bitch* (má puta) e *bad bitch energy* (energia de má puta) usado como frase de empoderamento entre género feminino e comunidade LGBTQIA+. A última palavra que foi mencionada repetidamente foi *whatever* que significa qualquer coisa mas também pode-se usar para exprimir que algo não importa.

5. Conclusão

5.1. Resultados da pesquisa dos anglicismos em relação com os pressupostos

Cada palavra escolhida para este trabalho mostrou resultados diferentes. Na maioria das vezes satisfazem os pressupostos feitos, baseados na teoria sociolinguística. Porém, há algumas discrepâncias em alguns dos fatores em alguns dos anglicismos.

O anglicismo *tea* não segue o pressuposto de universidade, dado que a Universidade do Porto tem o maior número dos utilizadores do que a Universidade de Lisboa. A razão pode ser o número dos informantes da Universidade do Porto que é menor do que da Universidade de Lisboa e Universidade do Algarve, o que pode relativizar os resultados. Por outro lado, pode ser só a preferência subjetiva dos estudantes da universidade da palavra *tea*. Ainda que o anglicismo *tea* seja bem popular entre os estudantes, os equivalentes portugueses, são utilizados com maior frequência.

A palavra *red flag* segue todos os pressupostos perfeitamente em todos os aspetos. De todos os vocábulos desta pesquisa, *red flag* é utilizado mais frequentemente. Isto pode ser por causa da palavra ser universal, não tem origem nas nenhuma das comunidades, como por exemplo *tea* na comunidade LGBTQIA+ ou *sus* na comunidade de jogadores de videojogos. Ademais, *red flag* na sua forma original, na língua inglesa, é significamente mais usada do que algum dos equivalentes portugueses.

Slay é palavra com grande frequência do uso entre os informantes desta pesquisa e tal como *red flag* é utilizada mais na sua forma inglesa do que o seu equivalente português. Cumpre todos os pressupostos com exceção do fator do nível do inglês em que as pessoas que não falam inglês usam-na mais do que os estudantes de níveis A1-A2 e B1-B2. Todavia, visto que os informantes com nenhum conhecimento do inglês são apenas 8, a discrepância pode ser causada por causa do número insuficiente dos estudantes deste nível que responderam ao questionário.

O vocábulo *periodt* não satisfaz nem o pressuposto de universidade nem o do nível de inglês. No que diz respeito à universidade, os estudantes da Universidade do Algarve são utilizadores mais frequente, seguido pelos estudantes da Universidade do Porto e o menos utilizadores andam na Universidade de Lisboa. Neste instante, não é possível identificar outra justificação do que preferência subjetiva dos estudantes de cada universidade. Assim, os estudantes com nível da língua inglesa B1-B2 usam *periodt* mais do que os de nível C1-C2 na sua comunicação. Mais uma vez, indicação da razão não é inequívoca, dado que este fenómeno

não é recorrente e nesta forma aparece apenas como resultado da palavra *periodt*. A frequência do uso da palavra inglesa e o seu equivalente português é muito semelhante e não se encontra grande preferência dum ou de outro.

O anglicismo *bae* não segue vários pressupostos. No fator de universidade, a Universidade do Algarve tem mais utentes da palavra do que a Universidade de Lisboa ou do Porto. Como já foi mencionado, isso pode ser justificado pela preferência subjetiva dos informantes de cada universidade. A diferença importante encontra-se no fator de idade que neste caso a popularidade da palavra é completamente oposta do que se supôs, ou seja, a popularidade cresce com a idade. A explicação pode ser encontrada no significado da palavra *bae* que serve como alcunha para o companheiro em relação amorosa e estereotipicamente a maior a idade, a maior probabilidade que as pessoas ficam num relacionamento e tal cresce a oportunidade para usar este anglicismo na sua comunicação cotidiana. A última diferença há no fator do nível do inglês. Como fator de idade, tal do conhecimento do inglês resultou em valores opostos do que foi esperado. Este resultado é muito interessante, a razão pode ser encontrada na simplicidade da palavra. *Bae* é anglicismo muito simple e fácil para entender pelas pessoas que não falam inglês. Outra justificação deste fenômeno pode ser o prestígio da palavra. Houve informantes que exprimiram que percebem este anglicismo como um dum prestígio baixo, usado como sarcasmo ou pelas pessoa mais jovens, adolescentes. Estes informantes pertenceram aos estudantes com conhecimento do inglês mais alto. Portanto, pode se supor que as pessoas com menor nível do inglês não percebem esta conotação do prestígio mais baixo e por isso usam *bae* mais frequentemente. A palavra *bae* não é muito preferida entre estudantes universitários e os equivalentes portugueses usam-se mais.

A palavra *canceled* na sua forma original não se usa tanto como o seu equivalente português, decalque da palavra – cancelado/a. As duas palavras em inglês e em português são muito semelhantes, o que pode ser a razão porque os portugueses preferem a forma da palavra na sua língua materna. As discrepâncias com os pressupostos encontram-se no fator de universidade e no fator de idade. Por um lado, a Universidade do Algarve tem mais utilizadores de *canceled* do que a Universidade do Porto e por outro lado, os estudantes que têm mais de 25 anos usam o anglicismo mais do que os estudantes entre 22 e 25 anos. Ambos podem ser identificadas como discrepâncias causais, visto que o significado da palavra não tem nenhum significado ou nenhuma conotação que ligaria a palavra com certo grupo das pessoas.

O vocábulo *sus* não cumpre apenas um dos pressupostos, ou seja, a diferença há no fator de conhecimento do inglês. Entre as pessoas que não falam inglês é o uso de *sus* mais frequente do que entre as pessoas do nível A1-A2. Isto pode ser adicionado ao fato que o número dos informantes que não falam inglês é mínimo o que pode relativizar os resultados. Não há diferença significativa entre uso *sus* na sua forma original em inglês e os seus equivalentes portugueses, ambos usam-se uniformemente.

O anglicismo *flex* é usado mais frequentemente do que os seus equivalentes portugueses pelos estudantes que responderam à pesquisa. Pode ser justificado pela fato que a palavra *flex* tem papel da gíria na língua enquanto os equivalentes gabar-se, estentar-se, exhibir e outros não trazem esta carga. Os aspetos que não satisfazem os pressupostos feitos são o conhecimento do inglês, em que as pessoas que não falam inglês usam *flex* mais do que as pessoas do nível A1-A2 e também a maior popularidade da palavra encontra-se entre os estudantes da Universidade do Porto. Ao mesmo tempo, encontra-se discrepância no fator de género, no caso da palavra *flex* o maior número dos utentes é do género masculino. Este resultado pode ser causado pela origem da palavra *flex*, dado que vem do verbo flexionar (músculos) o que é estereotipicamente ligado ao género masculino, portanto é a razão porque o anglicismo é mais popular entre este género.

Neste instante, tem que se adicionar mais um fator que não cumpre os pressuposto em número dos anglicismos, isto são *red flag*, *slay*, *bae*, *canceled* e *sus*, porém é causado por mistura dos elementos. De resultados do questionário, género não-binário tornou-se o mais inovativo no uso dos anglicismos desta pesquisa, mas este fato não é causado apenas por identidade do género. Primeiramente, todas as pessoas não-binárias que responderam são membros de LGBTQIA+ comunidade, o que é a comunidade de fala com maior frequência do uso destas oito palavras. Segundamente, o número dos informantes que se identificam com este género é mínimo, apenas 9 pessoas não-binárias responderam ao inquérito, portanto a escala dos informantes não é suficiente para generalizar o resultado.

5.2. Resultados e fatores influenciadores do uso dos anglicismos escolhidos em geral

Os fatores, que se tornaram mais importantes, no que diz respeito à influência do uso dos anglicismos são género, sexualidade e idade. O conhecimento do inglês e as universidades podem-se considerar como fatores influenciadores mas não em tal tamanho.

O género com menor inovação linguística é o género masculino. Com exceção da palavra *flex*, os estudantes masculinos usam os anglicismo da pesquisa com menor frequência. O género

feminino mostra grande preferência das palavras da língua inglesa em comparação com o masculino. Baseado nas teorias sociolinguística, para o gênero feminino é importante usar língua prestigiosa o que para geração Z é uso dos anglicismos. O gênero mais inovativo com maior frequência do uso dos termos escolhidos é o gênero não-binário, porém como já foi mencionado isto é conetado com mais fatores, sobretudo o fato que todos os informantes não-binários são também membros de comunidade LGBTQIA+.

A comunidade LGBTQIA+, não importa o gênero das pessoas, é comunidade de fala com maior inovação linguística em relação com os anglicismo deste trabalho. Apoiado pelo fato que a esta comunidade pertence o maior número dos utilizadores de cada palavra. Três palavras – *tea*, *slay* e *periodt* foram esolhidas como típicas para comunidade LGBTQIA+, porém os resultados mostram o mesmo padrão no uso de cada anglicismo com exceção da palavra *bae*. Todavia, a diferença entre uso de *bae* entre heterossexuais e comunidade LGBTQIA+ é apenas 1%. Ademais, vocábulos *flex* ou *sus* são estereotipicamente ligado à heterossexualidade, dado que *sus* vêm da comunidade de videogadores e *flex* vem de ginásios e comunidades das pessoas que gostam de fazer exercícios. No gênero masculino, especialmente, econtra-se grande diferença entre heterossexuais e pessoas de LGBTQIA+ em uso dos anglicismos. As pessoas de gênero feminino não criam diferença tão significativa entre as duas sexualidades, visto que as mulheres e os membros de comunidade LGBTQIA+ têm vários traços semelhantes na sua língua, um deles a importância do prestígio na língua. Por esta razão, as pessoas não-binárias tornaram-se o gênero com maior quantidade dos utilizadores dos anglicismo, porque a identificação de sexualidade tem o papel importante no uso da língua.

A idade dos utilizadores dos anglicismos é na maioria entre 18 e 22 anos. A única exceção foi a palavra *bae*, qual é usada por pessoas de 25 e mais anos e pessoas entre 22 e 25 anos mais do que o grupo mais jovem. Como já foi explicado, isto pode ser justificado pelo fato que *bae* tem sentido de ter relação amorosa e quanto mais anos a pessoa tem, tanta maior probabilidade de ter uma relação. Fora isso, a comunidade de fala de 18-22 anos prefere mais os anglicismos escolhidos na sua fala e ao mesmo tempo é a comunidade de fala com quem os informantes usam-nos mais frequentemente. Esta comunidade tornou-se contexto do uso mais frequente do que as redes sociais, mesmo que estes dois contextos sejam mais preferidos. Encontra-se grande diferença em uso dos anglicismos com pessoas mais velhas da mesma geração e ainda maior com as pessoas fora sa geração Z, posto que com os membros da sua família, usa-os a mínima percentagem dos informantes.

O uso dos vocábulos escolhidos pelos estudantes das diferentes universidades, não se tornou o fator tão influenciador. O pressuposto de que a frequência do uso vai começar com estudantes de Universidade de Lisboa, seguir com os estudantes da Universidade do Porto e a última será a Universidade do Algarve é verdadeiro mas a diferença na percentagem do uso em geral não é tão grande como por exemplo no fator de sexualidade. Simultaneamente, o fator de nível do inglês não se mostrou como fator com grande influência ao uso dos anglicismos. O pressuposto foi satisfeito – o maior número dos utilizadores é de nível C1-C2 e é seguido por nível B1-B2. As pessoas que não falam inglês e as de nível A1-A2 têm uso dos vocábulos ingleses semelhante, todavia nesta pesquisa, as pessoas sem conhecimento da língua inglesa têm pequena liderança no uso dos anglicismos. Destes dados pode-se concluir que a influência do conhecimento da língua inglesa quando a pessoa ainda não atinge fluidez da língua não representa fator significativo, mas sim quando a pessoa se encontra no ponto de quebra entre os níveis A1-A2 e B1-B2.

No que diz respeito à teoria linguística e ao tipo dos empréstimos – empréstimos de luxo e empréstimos necessários, todas as palavras escolhidas têm utilizadores que as consideram empréstimos necessários, porém na maioria são consideradas empréstimos de luxo. São as palavras *flex*, *red flag* e *slay* para quais não existem equivalentes portugueses no léxico de muitos estudantes. As palavras *cancelled*, *periodt* e *tea* funcionam na língua portuguesa na sua forma de decalque – *cancelado/cancelada*, *ponto final* e *chá*. Foi indicado decalque da palavras *red flag* (bandeira vermelha) mas não em tal quantidade como os decalques mencionados anteriormente.

Em conclusão, a pesquisa deste trabalho determinou seguinte fatores significantes no uso dos anglicismos desta pesquisa por falantes portugueses – sexualidade, género e idade. A pesquisa sistematizou e demonstrou o uso de cada vocábulo inglês e introduziu os equivalentes utilizados por estudantes da geração Z. Foi provado que os anglicismos são usados frequentemente pela geração Z na comunicação dia-a-dia, especialmente entre membros desta geração e nas redes sociais. As seguintes tabelas resumem influência de cada fator no uso dos 8 anglicismo escolhidos para este trabalho.

<i>A frequência do uso dos anglicismos</i>				
	frequentemente	às vezes	raramente	nunca
TEA	12, 4%	14, 2%	25, 1%	48,2 %
RED FLAG	29, 8%	25, 8%	25, 1%	19, 3%
SLAY	24, 7%	15, 6%	22, 9%	36, 7%
PERIODT	11, 6%	16, 4%	20, 4%	51, 6%
BAE	5, 1%	10, 2%	14, 2%	70, 5%
CANCELED	10, 5%	15, 3%	22, 2%	52%
SUS	19, 3%	21, 1%	20, 4%	39, 3%
FLEX	17, 9%	20, 4%	27, 3%	37, 5%

<i>A frequência do uso dos equivalentes portugueses dos anglicismos</i>				
	frequentemente	às vezes	raramente	nunca
TEA	22, 5%	22, 2%	26, 9%	28, 4%
RED FLAG	7,3 %	13, 8%	22, 2%	56, 7%
SLAY	12%	18, 2%	19, 3%	50, 5%
PERIODT	11, 3%	12, 4%	24%	52, 4%
BAE	17, 5%	17, 5%	16, 4%	48, 7%
CANCELED	18, 9%	24, 7%	28, 7%	27, 6%
SUS	18, 2%	22, 9%	25, 5%	33, 5%
FLEX	8, 7%	6, 9%	14, 9%	69, 5%

<i>A frequência do uso dos anglicismos nas diferentes universidades</i>			
	Universidade de Lisboa	Universidade do Porto	Universidade do Algarve
TEA	55%	61, 3%	41%
RED FLAG	86%	85, 3%	71%
SLAY	73%	62, 7%	54%
PERIODT	46%	48%	51%
BAE	42%	20%	24%
CANCELED	55%	38, 7%	48%
SUS	68%	57, 3%	56%
FLEX	63%	70, 7%	56%

<i>A frequência do uso dos anglicismos pelas pessoas de idade diferente</i>			
	18 – 22 anos	22 -25 anos	mais de 25 anos
TEA	53, 5%	52, 5%	39, 4%
RED FLAG	85, 1%	75%	60, 6%
SLAY	70, 8%	55%	27, 3%
PERIODT	53, 5%	42, 5%	24, 2%
BAE	27, 7%	32, 5%	36, 4%
CANCELED	51, 5%	32, 5%	45, 5%
SUS	70, 8%	42, 5%	21, 2%
FLEX	70, 3%	57, 5%	21, 2%

<i>A frequência do uso dos anglicismos pelos gêneros diferentes</i>			
	gênero feminino	gênero masculino	gênero não-binário
TEA	59%	26, 7%	55, 6%
RED FLAG	86, 8%	60%	88, 9%
SLAY	71, 7%	33, 3%	77, 8%
PERIODT	54, 6%	28, 3%	44, 4%
BAE	29, 3%	30%	33, 3%
CANCELED	51, 2%	35%	66, 7%
SUS	63, 4%	50%	77, 8%
FLEX	60%	71, 7%	66, 7%

<i>A frequência do uso dos anglicismos pelas pessoas da sexualidade diferente</i>		
	heterossexual	LGBTQIA+
TEA	50, 4%	75, 7%
RED FLAG	73%	95, 7%
SLAY	52, 6%	82, 8%
PERIODT	40, 8%	63, 4%
BAE	32, 2%	31, 2%
CANCELED	38, 8%	62, 4%
SUS	48, 7%	71%
FLEX	57, 2%	76, 3%

<i>A frequência do uso dos anglicismos pelas pessoas de diferentes níveis do inglês</i>				
	não falam inglês	A1 – A2	B1 – B2	C1 – C2
TEA	25%	41, 2%	44, 1%	61, 8%
RED FLAG	50 %	67, 6%	80, 4%	86, 3%
SLAY	62, 5%	50%	59, 8%	69, 5%
PERIODT	25%	41, 2%	59, 8%	42, 7%
BAE	50%	47, 1%	27, 5%	25, 2%
CANCELED	37, 5%	38, 2%	36, 3%	60, 3%
SUS	50%	44, 1%	62, 7%	64, 1%
FLEX	50%	47, 1%	62, 7%	67, 2%

<i>O ambiente do uso dos anglicismos</i>					
	com pessoas de menos de 22 anos	com pessoas entre 22 e 25 anos	com pessoas de mais de 25 anos	com membros da sua família	nas redes sociais
TEA	69, 5%	36, 7%	8, 7%	13, 8%	62, 5%
RED FLAG	74, 9%	46, 9%	17, 5%	9, 5%	65, 8%
SLAY	73, 8%	36%	12%	13, 5%	62, 5%
PERIODT	69, 8%	33, 1%	10, 5%	9, 5%	57, 5%
BAE	62, 9%	28, 4%	6, 5%	6, 2%	54, 9%
CANCELED	70, 2%	37, 1%	14, 9%	11, 6%	62, 2%
SUS	76, 4%	38, 2%	12%	13, 8%	65, 8%
FLEX	74, 5%	40%	13, 1%	9, 5%	61, 5%

<i>Os equivalentes portugueses dos anglicismos</i>				
	não existe	não conhecem	equivalente	decalque
TEA	3, 3%	27, 3%	fofoca (49, 1%) novidades (7, 5%) cusquice (7, 3%) drama (3, 3%) gossip (2, 5%) mexerico (1, 8%)	chá (15, 6%)
RED FLAG	35, 3 %	14, 5%	mau sinal (16, 7%) alerta/sinal de alerta (7, 6%) tóxico (4, 4%) suspeito (4, 4%) um grande não (4%) algo negativo (4%) aviso (3, 6%)	bandeira vermelha (8%)
SLAY	29, 1%	22, 2%	arrasar (40%) lindo/giro/sexy/gostoso (5, 8%)	-
PERIODT	28%	25, 5% %	não há discussão (1, 5%) e mais nada (1, 5%) sem dúvidas (1, 1%)	ponto final (48, 4%)
BAE	13, 5%	17, 1%	amor/mor (44%) bebé (18, 2%) namorado/a (7, 3%) querido (5, 1%) baby (3, 6%) mais que tudo (1, 8%)	-
CANCELED	4, 4%	10, 5%	bloqueado/a (1, 1%) banido/a (1, 1%)	cancelado/a (81, 1%)
SUS	8%	29, 1%	suspeito (54, 5%) estranho (4, 7%) duvidoso (1, 1%)	-
FLEX	40, 7%	33, 5%	ostentar-se/ostentação (9, 5%) gabar (6, 2%) estilo (5, 1%) exibir (2, 5%) grande coisas (1, 8%)	-

Resumo em eslovaco

Hlavnou témou tejto magisterskej diplomovej práce sú sociolingvistické faktory, ktoré ovplyvňujú používanie anglických slov v každodennej komunikácii portugalských univerzitných študentov, a to konkrétne tých, ktorí patria do generácie Z (narodených v polovici 90 rokov až do okolo roku 2010). Tieto faktory sú následne aplikované vo výskume na 8 vybraných anglicizmov – *tea*, *red flag*, *slay*, *periodt*, *bae*, *canceled*, *sus* a *flex*.

Prvá časť sa sústreďuje na lingvistické aspekty vybraných slov, ich lexikologické parametre sústreďujúc sa slang a pejoratívne slová. V druhej časti, sociolingvistickej sú pomenované faktory, ktoré sa považujú za ovplyvňujúce pri používaní tých vybraných slov a to sú: gender, sexuality, vek, dosiahnutá úroveň angličtiny a kontakt portugalčiny s angličtinou, a to predovšetkým týkajú sa multikultúrnosti troch portugalských univerzít - Universidade de Lisboa, Universidade do Porto a Universidade do Algarve. Ďalej sa v tejto časti predstavuje pojem populárnej kultúry a sociálne aspekty generácie Z, ktoré taktiež môžu ovplyvniť používanie anglicizmov portugalskými študentmi. V poslednej časti sú určené predpoklady výsledku výskumu na základe sociolingvistickej teórie a následne sú tieto výsledky prezentované a porovnávané s danými predpokladami.

Hlavným cieľom práce je sistematizovať používanie týchto 8 vybraných slov, určiť faktory, ktoré ovplyvňujú ich používanie, určiť prostredie v ktorom sú najčastejšie používané a nájsť ich portugalské ekvivalenty.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ieada Maria. “A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português”. In *Alfa*, v. 28 supl. São Paulo, 1984. 119 – 126.

BELL, Allan. *The Guidebook to Sociolinguistics*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt & Co., 1993. Apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

BOLINGER, Dwight. *Aspects of Language*. Second Edition. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975. Apud R. A. Hudson, *Sociolinguistic*, Second Edition. New York: Cambridge University Press, 1996.

CÂMARA, Mattoso Jr. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977. Apud Edyta Jablonka, “Estrangeirismos e moda – exemplos das revistas e das páginas web portuguesas e polacas”. In *Romanica Cracoviensia* (Novembro 2011), 186 – 193.

CAMERON, Deborah and KULICK, Don. *Language and Sexuality*. New York: Cambridge University Press, 2003.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. “A criação neológica”. In *Revista Trama*, vol. 2, n. 4 (2º semestre de 2006). 191 – 2003.

COATES, Jennifer. *Women, Men and Language*. Third Edition. New York: Routledge, 2013.

COLEMAN, Julie. *The life of slang*. New York: Oxford University Press, 2012.

DADIĆ Mario. JERČIĆ Eva. DADIĆ Vanja. “Behavior of Generation Z”. In *Proceedings of IAC in Vienna 2022*. Prague: Czech Institute of Academic Education z.s., Dezembro 2022. 10 – 16.

ECKERT, Penelope. “Age as a Sociolinguistic Variable”. In Florian Coulmas, *The Handbook of Sociolinguistics*. Blackwell Publishing, 2008. 151 – 167.

ELIA Sílvia. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. Apud Flavio Biasutti Valadares, “Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística”. In *Revista Vozes dos Vales*, n. 6. Minas Gerais: Publicações Acadêmicas, Outubro, 2014.

GUMPERZ, John J. “The speech community”. In David L. Sills (ed.), *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York: Macmillan and Free Press, 1968. Apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

GUMPERZ, John J. “Types of linguistics communities”. In *Anthropological Linguistics* 4. 1962. 28 – 40. Apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

HOLMES, Janet and WILSON, Nick. *An Introduction to Sociolinguistics*. Sixth edition. New York: Routledge, 2022.

HUDSON, R.A. *Sociolinguistics*. Second edition. New York: Cambridge University Press, 1996.

HYMES, Dell. *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1974. Apud Allan Bell, *The Guidebook to Sociolinguistics*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

KIM Eunhee. “Reasons and Motivations for Code-Mixing and Code-Switching”. In *Issues in EFL*, vol. 4, no. 1 (primavera 2006). 43 – 61.

LABOV, William. “Exact Description of the Speech Community: Short A in Philadelphia”. In R. Fasold and D. Schiffrin, eds. *Language Change and Variation*. Amsterdam: Benjamins, 1989. Apud R. A. Hudson, *Sociolinguistic*, Second Edition. New York: Cambridge University Press, 1996.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change, Vol. 2: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001. Apud Robin Queen, “Gender, Sex, Sexuality, and Sexual Identities”, in J.K. Chambers and Natalie Schilling, *Handbook of Language Variation and Change*, Second Edition. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

LE PAGE, Robert and TABOURET-KELLER A. *Acts of Identity: Creole-Based Approaches to Language and Ethnicity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. Apud R. A. Hudson, *Sociolinguistic*. Second Edition. New York: Cambridge University Press, 1996.

MARQUES Kassiely Odeth Vertelino. OLIVEIRA Caroline Pereira. TEIXEIRA Lovania Roehrig. “Considerações sobre variação sociolinguística na língua terena”. In *Raído*, v. 15, n. 39 (set/dez 2021). 80 – 100.

MESTHRIE, Rajend. SWAM Joan. DEUMERT Ana. LEAP William L. *Introducing Sociolinguistics*. Second edition. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing sociolinguistics*. Second Edition. New York: Routledge, 2011.

PRETI, Dino. “A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social”. In *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. 241 – 257.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

STOREY, John. *Cultural theory and popular culture. An Introduction*. Sixth Edition. London: Routledge, 2012.

TURNER, Anthony. “Generation Z: Technology and Social Interest”. In *The Journal of Individual Psychology*, vol. 71, n. 2. University of Texas Press, verão 2015. 103 – 113.

VALADARES, Flavio Biasutti. “Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística”. In *Revista Vozes dos Vales*, n. 6. Minas Gerais: Publicações Acadêmicas, Outubro, 2014.

VILELA, Mario. “O léxico do Português: perspectiva geral”. In *Filologia e Linguística Portuguesa*, n.1. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. 31-50.

WEBGRAFIA

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:

<https://dicionario.priberam.org/> (acesso em 1 de Maio 2023)

Universidade de Lisboa. Disponível em:

<https://www.ulisboa.pt/sobre-nos> (acesso em 1 de Maio 2023)

Universidade do Algarve. Disponível em:

<https://www.ualg.pt/ualg-continua-ser-universidade-com-maior-percentagem-de-estudantes-de-nacionalidade-estrangeira> (acesso em 1 de Maio 2023)

Universidade do Porto. Disponível em:

<https://www.up.pt/portal/pt/conhecer/sobre-a-uporto/factos-e-numeros/> (acesso em 1 de Maio 2023)

Anotação em português

Autor:	Bc. Nikoleta Rigová
Faculdade e Departamento:	Faculdade de Letras, Departamento das línguas românicas
Título da tese:	Uso da gíria inglesa na comunicação dia-a-dia pelos estudantes universitários portugueses
Orientador da tese:	Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.
Número de caracteres:	145 238
Número de anexos:	1
Número de referências bibliográficas:	36
Palavras-chaves:	língua portuguesa, sociolinguística, anglicismos, empréstimos, estrangeirismos, gíria, geração Z
Caracterização breve da tese:	Esta tese de mestrado pesquisa os fatores influenciadores sociolinguísticos do uso dos anglicismos. O grupo focal são estudantes universitários que pertencem à geração Z. A tese pesquisa o uso dos 8 anglicismos específicos desta geração – <i>tea</i> , <i>red flag</i> , <i>slay</i> , <i>periodt</i> , <i>bae</i> , <i>canceled</i> , <i>sus</i> e <i>flex</i> . Identifica o ambiente do uso destes vocábulos e pesquisa os seus equivalentes portugueses.

Abstract in English

Author:	Nikoleta Rigová
Faculty and Department:	Faculty of Arts, Department of Romance languages
Title of the thesis:	The use of English slang in daily communication by Portuguese university students
Supervisor:	Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.
Number of characters:	145 238
Number of appendices:	1
Number of bibliographical references:	36
Key Words:	Portuguese language, sociolinguistics, anglicisms, loan words, foreign words, slang, generation Z
Short characteristic of the thesis:	This master's thesis researches the sociolinguistic influencing factors of the use of anglicisms. The focus group are university students who belong to generation Z. The thesis researches the use of 8 anglicisms – <i>tea</i> , <i>red flag</i> , <i>slay</i> , <i>periodt</i> , <i>bae</i> , <i>canceled</i> , <i>sus</i> and <i>flex</i> . It identifies the environment in which these words are used and researches their Portuguese equivalents.